

A “Viagem” das Palavras do Latim ao Português Atual

Tânia Sofia Ferreira Figueiredo

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Outubro de 2015

A “Viagem” das Palavras do Latim ao Português Atual

Tânia Sofia Ferreira Figueiredo

**Relatório de Estágio
de Mestrado em Ensino de Português e de Línguas Clássicas
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Outubro de 2015

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica das Professoras Maria do Céu Caetano e Maria do Rosário Laureano Santos, Professoras Auxiliares da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa.

Aos meus pais, à minha irmã, aos meus avós maternos e ao Pedro.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer com enorme carinho e admiração por tudo o que são, tudo o que me ensinaram e por me tornarem naquilo que sou hoje, pois apesar da distância estiveram sempre presentes, apoiando e vivendo tudo comigo, ao Avô Eduardo, à Avó Emília, ao Pai e à Mãe, um sincero obrigado por tudo.

À Professora Rosário Andorinha, agradeço carinhosamente todo o apoio, dedicação e compreensão. Demonstrou ser uma orientadora justa, compreensível, profissional, humana e com grande sentido de companheirismo. Agradeço também ao Professor Mário Martins, pelas sugestões, correções e conhecimentos que passou.

Um profundo obrigado às minhas orientadoras do Relatório de estágio, à Professora Maria do Céu Caetano, agradeço a sua paciência, compreensão, rigor, experiência, sensibilidade, preocupação e sobretudo pelos conhecimentos transmitidos. À Professora Rosário Laureano Santos por toda a orientação e acompanhamento durante o estágio e pelos seus excelentes Seminários de Didática do Latim.

Este relatório também é fruto da bondade demonstrada pelas minhas colegas e amigas Alexandra Flor Caroço e Margarida Afonso, a quem tenho de agradecer a imensa amizade, as sugestões, ajudas e confiança durante o estágio.

A todos os alunos do 12.ºG da Escola Secundária de Pedro Nunes agradeço todo o carinho e apoio demonstrado durante o ano letivo e por me ensinarem a admirar as diversidades e a abraçar o ensino do Português com admiração e confiança.

Um agradecimento especial vai para a minha irmã, Daniela, que sempre me incentivou, acompanhou e amparou, nesta etapa da minha vida, tornando-a mais fácil e agradável.

Ao Pedro, o eterno companheirismo que tem demonstrado ao longo destes meses, e não só, pelo seu amor, carinho, compreensão e dedicação.

À minha afilhada, Rafaela, aos meus padrinhos e restante família, aos meus amigos: Inês Macedo; Pedro Afonso; David Afonso; Ana Filipa Ferreira; Marta Jalles; Leonor Moura; Cláudia Lopes e Adriana Aboim um sincero obrigado por terem sempre paciência para as minhas dúvidas existenciais, pelas suas palavras de carinho e conforto.

A “Viagem” das Palavras
Do Latim ao Português Atual

Tânia Sofia Ferreira Figueiredo

RESUMO

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Escola Secundária de Pedro Nunes, e na Escola Secundária de Camões, ambas em Lisboa, ao longo do ano letivo de 2014/2015. A descrição da PES inclui documentos e atividades empreendidas durante o estágio e respetiva reflexão crítica na observação de aulas e lecionação da disciplina de Português ao 12.º ano e na disciplina de Latim ao 11.º ano. O tema aqui tratado “A Viagem das Palavras – Do Latim ao Português atual” pretende evidenciar a importância do estudo de algumas alterações a que estão sujeitas certas palavras herdadas do latim, fazendo igualmente referência a processos de formação de novas palavras em português.

PALAVRAS-CHAVE: ensino – funcionamento da língua – formação de palavras – etimologia.

The Words “Journey”
From Latin to Actual Portuguese

Tânia Sofia Ferreira Figueiredo

ABSTRACT

This report focuses on my Supervised Teaching Practice (PES) in Pedro Nunes Secondary School and Camões Secondary School both in Lisbon, during the academic year of 2014/2015. PES description includes documents and undertaken activities during the internship as well as the inherent critical reflection on classes observation and teaching of Portuguese and Latin subjects to the 12th grade and 11th grade, respectively. The subject in focus, “The words “Journey” – From Latin to Actual Portuguese”, intends to enhance the importance of studying certain modifications in words inherited from Latin, as well as making references to the formation processes of new Portuguese words.

KEYWORDS: teaching – language functioning – word formation – etymology

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	3
I.1 A Escola Secundária c/3º ciclo de Pedro Nunes	3
I.2. A Escola Secundária De Camões	5
CAPÍTULO II	9
A “VIAGEM” DAS PALAVRAS – DO LATIM	9
AO PORTUGUÊS ATUAL	9
II.1. Do Latim ao Português atual: Algumas observações	11
II.2. Processos de Formação de Palavras em Português	13
II.3. Palavras formadas em português e palavras herdadas do latim....	18
CAPÍTULO III	22
ESTÁGIO DE PORTUGUÊS	22
III. 1. Prática Pedagógica na turma 12ºG	22
III. 1.1 Caraterização da turma	22
III. 1.2 Observação das aulas da Professora Rosário Andorinha	23
III. 1.3 Prática de Ensino Supervisionada	25
III. 1.3.1 Sequências Didáticas	25
1.3.1.1 Preparação	25
III. 1.3.1.2 Execução.....	30
III. 1.3.1 Avaliação.....	34
III. 3 Visitas de Estudo e conferências.....	37
III. 4. Conselhos de Turma.....	37
III. 4.1 Reunião de departamento de Português e Latim.....	38
III. 4.2 Necessidades Educativas Especiais	39
III. 4.3 Outras atividades	39
4.3.1 Uma experiência com outra turma – 12.º I	39

CAPÍTULO IV	41
ESTÁGIO DE LATIM.....	41
IV. 1. Prática pedagógica na turma 11 ^º L	41
IV. 1.1 Caracterização da turma	41
IV. 1.2 Observação das aulas do Professor Mário Martins	41
IV. 1.3 Prática de Ensino supervisionada.....	42
IV. 1.3.1 Sequências Didáticas.....	43
IV. 1.3.1.1 Preparação.....	43
IV. 1.3.1.2 Execução.....	45
IV. 1.3.1.3 Avaliação	46
IV. 2. Conselhos de turma	47
IV. 3. Visitas de estudo	47
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

O presente relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (PES), que decorreu durante o ano letivo de 2014/2015. Esta etapa da minha formação teve como instituições cooperantes a Escola Secundária de Pedro Nunes, para o estágio de Português, e a Escola Secundária de Camões, para o estágio de Latim, ambas em Lisboa.

Sendo uma Prática de Ensino Supervisionada bilingue e decorrida em contextos consideravelmente díspares em termos de interação pessoal, bem como de fatores sócio afetivos, esta edifica a minha primeira experiência como docente, que me colocou perante situações de trabalho cujas exigências tornaram imprescindíveis as opções pedagógico-didáticas e o assumir das consequências delas emergentes, além de processos reformulativos, sempre que se pressupunha que deles adviria uma melhoria das minhas práticas.

Neste relatório, subordinado ao tema “A Viagem das Palavras – Do Latim ao Português Atual”, procurei incluir, durante o trabalho realizado ao longo do estágio, de forma descritivo-reflexiva, o tema em estudo, com vista a retirar lições acerca da sua exequibilidade no contexto académico e as suas consequências no ensino, no seu sentido mais amplo. Além do enquadramento teórico, será dado destaque à experiência letiva, com todas as situações que envolveram e definem as minhas escolhas pedagógicas e os resultados obtidos durante a PES, seguindo um percurso coerente como formanda e docente, tanto no respeitante à programação/planificação, como execução/lecionação e constante avaliação.

O relatório está estruturado em quatro capítulos, dedicados, sucessivamente, ao enquadramento institucional da PES, à explicitação dos portadores temáticos que percorrem as práticas e reflexões retratadas, à descrição do estágio de Português, e, por último, à descrição do estágio de Latim.

Em relação ÀS PALAVRAS,

São como um cristal,
as palavras.

Algumas, um punhal,
um incêndio.

Outras,
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos, as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,
leves.
Tecidas são de luz
e são a noite.
E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,
nas suas conchas puras?

Eugénio de Andrade, «As Palavras»

<https://bibliobeiriz.wordpress.com/2013/01/19/as-palavras-poema-de-eugenio-de-andrade>

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

I.1 A Escola Secundária c/3º ciclo de Pedro Nunes

No dia 9 de agosto de 2014, a Professora Maria Antónia Coutinho da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), coordenadora dos mestrados de ensino de português, informou-me de que o meu estágio de Português iria decorrer na Escola Secundária de Pedro Nunes (ESPN), sob a orientação da Professora Maria do Rosário Andorinha Silva.

Após a atribuição dos estágios, fiz o meu primeiro contacto com a Professora Rosário Andorinha, que desde imediato se disponibilizou para um encontro na escola. Neste primeiro encontro, tive a oportunidade de conhecer todo o espaço físico que envolve a escola, bem como a maior parte do corpo docente. Nesta reunião, a Professora Rosário Andorinha disse que me seria atribuída uma turma de 12.º ano à escolha. Procedemos de imediato à atribuição de turmas, escolhendo uma que se adequasse com o horário do estágio de Latim. Como ainda não havia escola atribuída para o estágio de Latim, a escolha foi mais fácil, optando por ficar responsável pela turma de Línguas e Humanidades, pois era a turma que parecia à primeira vista ter um horário acessível para eventuais trocas.

Como este primeiro encontro se revelou numa impressão positiva, tirei partido das circunstâncias para recolher alguma informação sobre a ESPN¹.

Antes de iniciar o meu estágio na ESPN dispunha apenas de vagas informações relativas à sua reputação como uma das mais antigas e melhores escolas públicas de Lisboa.

A escola, inaugurada a 11 de novembro de 1911, na Avenida Álvares Cabral, tinha como designação Liceu Central de Pedro Nunes. O seu nome deve-se à 3.ª turma da 3.ª classe do ano letivo 1910/1911, da qual se retirou como nome mais sonante o do eminente matemático Pedro Nunes, uma das figuras do século XVI mais proeminentes

¹ Dados recolhidos no *website* da ESPN, junto do Diretor Pedro Pimentel e da Professora Rosário Andorinha.

na área das ciências. Mais tarde, em outubro de 1930, o liceu passou a ser designado por Liceu Normal de Pedro Nunes, porque lhe foi atribuída a competência de formação de professores, que só foi interrompida entre 1947 e 1956. Em 1978, o liceu passa a designar-se Escola Secundária de Pedro Nunes. Após a implantação da democracia no nosso país, deu-se continuidade à formação de professores e assim permanece até à atualidade.

A Escola Secundária de Pedro Nunes tem cerca de 1186 alunos de diferentes proveniências. Nas últimas décadas tem-se registado uma contínua diminuição do número de residentes na zona envolvente da escola a par com o envelhecimento, apesar da renovação e da reabilitação urbana. A maior parte dos alunos provém de agregados familiares de meios socioeconómicos na chamada classe média e são culturalmente favorecidos, existindo um considerável número de pais e encarregados de educação com formação académica superior.

A população discente está dividida, em média, por 40 turmas, doze no ensino básico e oito no ensino secundário, com cerca de 28 alunos por turma. Conta ainda com o apoio de 18 assistentes operacionais e 7 assistentes técnicos, bem como com duas psicólogas designadas técnicas superiores².

A escola caracteriza-se por ter um corpo docente estável e com muitos anos de profissão, constituído por cerca de 85 professores (sendo que 30 não são do quadro), maioritariamente do sexo feminino (60%), numa faixa etária acima dos 40 anos de idade. Ultimamente assistiu-se a um visível rejuvenescimento do corpo docente, resultante da aposentação de um número significativo de professores.

Na ESPN todas as salas estão dotadas de computador e projetor, sendo que algumas possuem ainda quadros interativos. Existem cerca de 51 salas (incluindo 5 que são laboratórios de ciências experimentais, 5 de informática, 4 de artes visuais e 2 de tecnologias), e cada departamento tem um gabinete próprio.

Além das salas de aula, a ESPN, conta ainda com uma biblioteca (com espaço de estudo, pesquisa, formação de carácter híbrido, leitura, cinema, entre outros), um espaço ajardinado, pátio, papelaria, auditório e, ainda, um parque de estacionamento.

² Saliente-se que a ESPN é das poucas escolas em Lisboa que possui duas psicólogas a trabalhar exclusivamente para esta escola.

O edifício da ESPN era composto por quatro grandes blocos sem comunicação entre si. Mas, com o apoio da Parque Escolar, a ESPN recentemente foi submetida a obras de reabilitação. A conclusão das recentes obras de requalificação viabilizou o regresso da escola ao turno único, resolvendo problemas de organização familiar, promovendo um horário escolar conforme pressupostos potenciadores de qualidade do processo de ensino-aprendizagem e otimizando a gestão de recursos humanos e materiais.

No que diz respeito aos resultados dos exames nacionais, os alunos desta escola têm demonstrado ter bons conhecimentos. É de realçar que no ensino básico a percentagem de alunos com classificações iguais ou superiores a 3 nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática foi superior ao valor esperado. No que se refere ao ensino secundário, considerando as classificações finais de Matemática e de Português do 12.º ano, verifica-se que o desempenho dos alunos corresponde ao previsto nas Metas, igual ou superior à média nacional (resultados de 2013).

Não posso deixar de referir que a ESPN é ainda uma das poucas escolas públicas em Lisboa que fornece aos seus alunos, e não só (pois há alunos que vêm do ensino superior), a possibilidade de frequentarem um Curso Livre de Latim. Este curso é lecionado segundo o método de Cambridge e no final do mesmo há a possibilidade de obter um certificado passado pela Universidade de Cambridge. É portanto uma das mais valias que esta escola pode fornecer aos seus alunos.

Na ESPN os alunos, na sua maioria, são assíduos e participativos, havendo também condições para que todos gostem do que fazem, se sintam bem e vivam a Escola como algo que a todos pertence. É de salientar ainda que, no que diz respeito à Avaliação Externa das escolas, a ESPN foi avaliada com a classificação de Muito Bom no domínio de Prestação do Serviço Educativo e também com a classificação de Muito Bom no Domínio de Liderança e Gestão.

1.2. A Escola Secundária De Camões

Contrariamente ao que aconteceu com o estágio de Português, iniciado pontualmente com o ano letivo, o estágio de Latim começou, devido a contingências várias, já com o primeiro período bastante avançado.

Com efeito, recebi um *e-mail* no dia 9 de agosto de 2014, enviado pela Professora Leonor Santa Bárbara, coordenadora dos mestrados relativamente à disciplina de Latim, da FCSH, com o intuito de me informar que a PES de Latim seria na ESPN tal como a PES de Português. Porém, por motivos que me são alheios, decidiu-se mais tarde que o meu estágio seria, então, no Colégio de São Tomás, situado na Quinta das Conchas, Lisboa. Após a primeira ida ao colégio fui informada pelos responsáveis de que não seria possível realizar lá a minha PES por não ter sido aluna do curso de Línguas e Literaturas Clássicas, portanto também não foi possível a realização do meu estágio nesta instituição.

Contudo, no dia 10 de dezembro de 2014, a Professora Leonor Santa Bárbara voltou a entrar em contacto comigo, para me informar que o meu estágio de Latim iria ser então na Escola Secundária de Camões (ESC) sob a orientação do Professor Mário Martins, e no corpo desse *e-mail* forneceu-me o contacto do Professor. Desde logo, contactei com o Professor, que se disponibilizou para me receber no dia seguinte na ESC de modo a iniciar assim a minha PES de Latim.

No dia 11 de dezembro de 2014, iniciei o meu primeiro dia como Professora Estagiária na ESC. O Professor Mário Martins mostrou-me as instalações, disse-me que a turma que me seria atribuída era do 11.º ano, como tinha acontecido com as minhas três colegas de estágio, que já se encontravam a estagiar nesta instituição, com a mesma turma e o mesmo orientador.

O Professor deu-me ainda conhecimento de algumas práticas que estava a pensar utilizar durante o ano letivo, deixando em aberto a possibilidade de surgirem novas ideias apresentadas por nós estagiárias.

Estabelecidos alguns itens relativamente ao estágio de Latim, procedi à recolha de informações acerca desta instituição cooperante³.

O Liceu Nacional de Lisboa, atual Escola Secundária de Camões, foi o segundo Liceu de Lisboa, criado em 1902. Sendo uma das mais antigas e prestigiadas escolas de Lisboa, está localizado na freguesia de Arroios, que possibilita o acesso a uma população escolar bastante variada.

Desde 1909/10, ficou instalado num edifício considerado o primeiro Liceu Moderno de Lisboa. A data de inauguração do edifício foi a 16 de Outubro de 1909, na

³ Dados recolhidos no *website* da Escola.

atual Praça José Fontana. Em 1908 mudou o nome para Lyceu Camões e, após o 25 de Abril de 1974, tal como todos os Liceus, passa a designar-se Escola Secundária de Camões.

A sua arquitetura é classicista e foi construída com base em critérios de funcionalidade, sobriedade, segurança e higiene. Do lado de dentro, a construção é ampla e aberta com espaços distribuídos por diferentes áreas. É um edifício construído para conciliar o ar e a luz. Além do edifício principal, integram-se ainda nesta escola vários edifícios autónomos.

A história da ESC é apenas oito anos mais velha do que a da República e está marcada desde o seu início pelo impacto cultural, científico e revolucionário daqueles que a frequentaram.

Apesar de esta escola ser dotada de muitos espaços nobres, o centenário edifício não tem sido alvo de obras de fundo, e tem-se vindo a assistir à degradação de alguns dos seus espaços e equipamentos. Nas férias letivas de 2012, foram feitas pequenas obras e aí adquiriu-se algum mobiliário (mesas e cadeiras) e, por solicitação da direção, o Ministério da Educação disponibilizou um conjunto de equipamentos informáticos (projetores e computadores). Tem-se também procurado dar visibilidade à urgência de recuperação deste edifício recentemente classificado como monumento de interesse público.

Malgrado o aspeto físico do edifício, a ESC não deixa de proporcionar aos seus alunos um ensino de qualidade, patente no Projeto Educativo, que, além do ensino, apresenta uma extensão curricular com vista ao crescimento do indivíduo em termos sociais e afetivos.

Atualmente a ESC conta com 1100 alunos (período diurno) e 698 (noturno), no ensino secundário. A faixa etária da população estudantil oscila entre os 15 e os 20 anos de idade e são originários de diversos estratos sociais e países. Conta também com 140 professores, sendo 107 do quadro de nomeação definitiva, 6 do quadro de zona pedagógica e 16 contratados. Conta ainda com 50 funcionários (13 administrativos e 37 auxiliares).

São os seguintes os espaços que compõe o edifício: salas de aula, 5 salas de informática, 2 salas de projeção e meios audiovisuais, sala de estudo, laboratórios de Física e Química, biblioteca (antiga – sem equipamento tecnológico), centro de recursos

educativos, auditório, museu, refeitório, sala de professores, salas de trabalhos de professores, arquivo, papelaria, reprografia, ginásio e espaços abertos para a prática de desporto.

CAPÍTULO II

A “VIAGEM” DAS PALAVRAS – DO LATIM

AO PORTUGUÊS ATUAL

Neste capítulo procurarei evidenciar a importância do estudo de algumas alterações a que estão sujeitas algumas palavras do português herdadas do latim, fazendo igualmente referência a processos de formação de palavras, tendo em conta o previsto nos programas de português para o Ensino Básico e Secundário.

Nos manuais de Língua Portuguesa do 9.º e 10.º anos que selecionei *Entre Palavras 9* e *Entre nós e as Palavras*) são incluídos textos de autores de períodos mais remotos (por exemplo, Gil Vicente e Luís Vaz de Camões), os quais serviram de base para o estudo que pretendo e para suporte na realização de fichas de trabalho, que distribuí aos alunos de 12.º ano⁴.

A minha prática na experiência de docente fez-me perceber que se cruzam conhecimentos didáticos na área da etimologia, e que o estudo da formação das palavras é um dos aspetos que carece de maior atenção. Logo que fui observando e interagindo com os alunos, apercebi-me de várias lacunas a este nível. São alunos de 11.º e 12.º anos e, geralmente, não dão muita relevância aos mecanismos que permitiriam gerar novas palavras. A “viagem” que planeei teve como objetivo levar a que os alunos de Português bem como os de Latim percebessem a “passagem” de algumas palavras desde o latim até ao português atual. Como refere José Joaquim Nunes (1930: 370):

Como um perfeito organismo vivo, a língua está em contínua elaboração, expelindo de si elementos que por motivos vários perderam a vitalidade e substituindo-os por outros que nela entram com toda a força e pujança de seres novos, para mais tarde desaparecerem também por sua vez. Esta elaboração, porém, naturalmente atinge o máximo grau de intensidade durante o período da sua formação; passado êste, diminui em força, criadora, sem cessar por completo. É o que se observa no português.

Observamos, pois, que, de acordo com o autor, a língua está em permanente mudança adaptando-se às circunstâncias históricas e sociais em que está inserida e,

⁴ Decidi escolher estes manuais (apesar de serem de níveis escolares mais baixos) para servirem de consolidação da matéria que deram, ou deveriam ter dado, em anos anteriores.

assim, algumas palavras desaparecem e outras tomam o seu lugar. Em Camões, por exemplo, surge a palavra *leda*, que caiu em desuso e foi substituída na língua dos nossos dias pelas palavras *contente*, *satisfeita*, *alegre*.

Ainda segundo o mesmo autor (ibidem, p. 371), a língua

[...] ou conserva a palavra herdada, mas com função diversa da que até então desempenhára, ou cria termos, novos pela sua estrutura e significação, embora, na sua maioria, velhos na sua ideia básica.

Ou seja, uma palavra herdada modifica geralmente a sua estrutura, alterando quer a sua forma, quer o significado da língua de origem. Cito como exemplo a palavra latina *maculam*, que se modifica para *mácula* na passagem para o português, perdendo o *m* final por apócope *macula (m)* > *mácula*.

Nos programas de Português de Ensino Básico e Secundário, verifica-se que o estudo de alguns aspetos relacionados com a história da língua é importante no percurso curricular de um aluno, auxiliando-o a vários níveis: fonológico, morfológico, sintático e até na compreensão do texto. Embora não seja explícito, infere-se que também o estudo da formação das palavras seja determinante numa perspetiva de análise que considere fases anteriores da língua. Assumindo que o estudo da forma/significado de palavras conduzem ao sucesso na comunicação, foi nesse sentido que trabalhei com os meus alunos.

Assim, decidi abordar a forma como nas gramáticas históricas se trata a formação das palavras (por ordem cronológica de edição), uma vez que são obras em que se privilegia o confronto entre o latim e o português. Elegi as gramáticas históricas consideradas mais relevantes para o tema em estudo, ressaltando que nem todas abarcam a formação de palavras.

Assumindo que o estudo da forma/significado dos produtos resultantes dos processos de formação de palavras conduzem ao sucesso na comunicação, foi nesse sentido que trabalhei com os meus alunos.

A escolha definitiva do meu tema ocorreu no último trimestre de 2014, quando todos os mestrandos tiveram de entregar um plano de atividades, no qual explicitavam aquilo que, depois de uma breve investigação, pretendiam incluir no seu relatório. O meu tema foi difícil de escolher pois teria de ser um tema que pudesse ser explorado

tanto na disciplina de português como na de latim. No entanto, como as alterações a que estão sujeitas as palavras me suscitavam muito interesse e era possível trabalhar nestas duas disciplinas, iniciei, assim, uma pesquisa em torno desta temática para poder aplicá-la em aula com os diversos alunos das diferentes disciplinas.

II.1. Do Latim ao Português atual: Algumas observações

O latim, falado ou escrito, era a língua dos habitantes do Lácio, que posteriormente se estendeu por todo o Império Romano do Ocidente, desde o século V a.C. até ao século V d.C. O latim vulgar era uma língua oral, que deu origem às diferentes línguas românicas⁵. No entanto, a par da língua vulgar, a língua literária desenvolveu-se e atingiu o seu expoente máximo com a influência de literatos como Cícero, Séneca, César, Ovídio, Virgílio, Horácio, entre muitos outros, a qual influenciou as línguas românicas e outras línguas da Europa, sobretudo a partir do século XVI.

O latim vulgar foi a língua que se impôs nas regiões colonizadas, trazida pelos soldados, colonos, mercadores e pela administração pública romana. O latim vulgar, falado quotidianamente e muito afastado dos padrões literários, fundiu-se em situações de intercâmbio com as línguas autóctones⁶ da Península Ibérica. Na história da evolução do latim, sobretudo na sua vertente escrita, é comum distinguir-se o latim arcaico do latim clássico e latim imperial.

O latim arcaico abarca a primeira fase desta língua até ao século II a.C., fase da formação da língua latina. Depois de sofrer algumas alterações fonéticas, das quais destaco o rotacismo⁷, a língua latina ganha precisão, plasticidade e alguma normalização que atinge o seu expoente máximo na fase seguinte – o latim clássico. Nesta fase do latim acentua-se a influência do grego e o latim enriquece-se a todos os níveis, principalmente com terminologia intelectual e filosófico-científica.

O latim imperial corresponde à fase da expansão de Roma (século I. a.C. – século II d.C.). Neste período acentua-se ainda mais o distanciamento entre a língua

⁵ Diferentes línguas Românicas: Português, Mirandês, Espanhol, Catalão, Francês, Provençal, Italiano, Reto-romana ou Rético, Romeno e o Sardo.

⁶ Línguas autóctones da Península Ibérica: Celtibérica, Ibérica, Galaica, Tartéssica, Aquitana e Lusitana.

⁷ O rotacismo é a passagem do *s* intervocálico latino a *r*: *flos*, *floris*.

literária –*sermo eruditus* e a língua coloquial e popular –*sermo uulgaris* (Martins e Soares 2001:5)

O latim é a base das línguas românicas, entre as quais se conta o português falado na Península Ibérica desde a segunda guerra púnica (201 a.C), quando os Romanos vieram combater os Cartagineses, até à queda do Império Romano do Ocidente (séc. V). O português surgiu a partir da fusão do latim com os substratos linguísticos da Península. Do final do século XII e do século XIII datam os documentos mais antigos em português⁸ que marcam o começo histórico do português arcaico (Williams 1961:27). Durante quatro séculos, a língua foi sofrendo inúmeras alterações e no século XVI, com a divulgação dos textos latinos pelos humanistas, a língua portuguesa enriquece-se e transforma-se assim na língua que conhecemos hoje (1961:27).

Logo de início, do século XVI, os vocábulos latinos entraram no português primeiramente por via da Igreja e da lei, depois por intermédio dos eruditos e letrados, e por fim pela ciência (1961: 28).

Além de toda a herança latina, no português temos vocábulos que resultam do contacto com os Germanos (devido à invasão da Península pelo povo germânico a partir do século V), por exemplo, mas também verificamos a influência de idiomas moçárabes. Após a Reconquista Cristã foi possível a individualização do galego-português, criando-se espaço e oportunidade para a posterior individualização da língua portuguesa.

Devido à forte preponderância do latim no português, o nosso idioma sofreu uma marcada influência espanhola e francesa e, posteriormente, com a formação das antigas colónias portuguesas, o português expandiu-se e tornou-se a quarta língua mais falada no mundo⁹.

⁸ Documentos mais antigos em português: *Notícia de Fiadores*, *Testamento de D. Afonso II* e a *Notícia de Torto*.

⁹ As cinco línguas mais faladas no mundo são, 1ª Mandarim; 2ª Inglês; 3ª Espanhol; 4ª Português e 5ª Hindu.

II.2. Processos de Formação de Palavras em Português

De acordo com Moreira & Pimenta (2010:78), existem vários processos morfológicos de formação de palavras, nomeadamente, a **modificação**, a **derivação** e a **composição**.

De acordo com esta gramática, a **derivação** é um processo morfológico realizado por afixação, em que um afixo derivacional se associa a uma forma derivante. Neste processo intervêm afixos (prefixos e sufixos) e uma forma de base (radical ou tema verbal). Como por exemplo na prefixação *in+feliz = infeliz*.

Por sua vez, a **composição** consiste num processo de formação de palavras em que duas ou mais formas de base se associam. Em português, existe a *composição morfológica* e a *composição morfossintática*. A primeira é um processo de formação de palavras por meio da junção de radicais simples ou complexos, em geral separados por uma vogal de ligação, como por exemplo *autocarro* ([aut]o + [carr]o). A segunda é um processo de formação de palavras que associa duas ou mais palavras, integrando expressões sintáticas que compreendem a justaposição e a aglutinação, como por exemplo *planalto trabalhador-estudante*.

Como teremos oportunidade de verificar seguidamente, pelas suas características, nas gramáticas históricas a visão sobre a formação de palavras é muito mais exaustiva e completa.

Para Manuel Said Ali (1920: 7), estudar o desenvolvimento do português é uma tarefa difícil, pois, segundo afirma:

Terreno vasto, árduo e difícil de lavar é a perspectiva que se oferece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o português desde a remota fase dos primeiros documentos escritos até aos nossos dias.

Com efeito, estudar o desenvolvimento da língua portuguesa, desde os seus primórdios até ao presente, revela-se um trabalho árduo, pelo que restringimos bastante a nossa análise.

Said Ali considera a existência de dois períodos principais na evolução do português – o português antigo e o português moderno (p.8):

Distingo no português histórico dous períodos principais: o português antigo, que se escreveu até os primeiros anos do século XVI, e o português moderno.

No entanto, esta periodização é discutível, uma vez que existem autores que defendem outras perspetivas, como por exemplo, Pilar Vásquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (1971:173-174).

Para Said Ali, a derivação é um mecanismo pelo qual a partir de uns vocábulos se formam outros, adicionando-lhes determinados elementos formativos que modificam a aceção primitiva ou lhe acrescentam um novo sentido.

Os vocábulos formados deste modo chamam-se derivados, os quais procedem de outros, designados primitivos ou derivantes. Temos como exemplos a palavra *mar* que originou *maré*, *marinho*, *marítimo* e também a palavra *pedra*, que deu origem a *pedreira*, *pedrada*, *pedregulho*.

Os elementos formativos que se adicionam no fim do termo derivante são os sufixos. Para a criação de novas palavras pode-se também colocar elementos formativos no princípio do vocábulo primitivo, denominados prefixos. Tais como a palavra *ver* que originou as palavras *rever*, *prever*, *prover* e a palavra *pôr* que originou palavras como *dispor*, *propor*, *repor*.

As palavras constituídas por meio de sufixos ou prefixos denominam-se por derivados sufixais ou prefixais, respetivamente. No entanto, houve palavras que sofreram modificações de tal modo profundas que, na passagem do latim ao português, já não se recorda que são formadas por sufixação, tais como *ovelha* < *ovicula*, *macho* < *masculu*, entre outras.

Quanto à derivação imprópria, processo de enriquecimento do vocabulário sem auxílio de elementos formativos, Said Ali não adota o parecer de alguns gramáticos que a consideram como fazendo parte da derivação (1920: 230)

No capítulo referente à formação de palavras, José Joaquim Nunes (1930: 371) aponta para a necessidade que a língua portuguesa sentiu de acrescentar “elementos estranhos” ao que recebeu do latim. O autor indica três processos na “aquisição das palavras” (p. 371):

Três portanto foram os processos seguidos na aquisição das palavras, a saber: *a formação popular, a formação literária e importação estranha*.

A “formação popular”, o processo mais produtivo para o autor, deu-se de dois modos: ou simplesmente se atribuiu à palavra já existente um papel diferente do que até aí desempenhara, ou, indo mais além, acrescentou-se-lhe um elemento novo, modificando desta forma a primeira ideia. Como exemplos temos *estrada* e *vagar* que de formas verbais tornaram-se também substantivos (p. 371).

Quanto à “formação literária”, segundo Nunes (1930: 398) a base da língua portuguesa é constituída pelo latim popular, mas, uma vez que a linguagem é um organismo vivo em constante renovação, aquela base teve de ser aumentada com muitos outros termos devido à necessidade de exprimir ideias novas, à influência de escritores mais em voga que, por motivos estéticos ou de necessidade, deram preferência a determinados vocábulos em detrimento de outros, e às relações com outros povos. Como exemplos, temos o termo latino *silentiu-* que por via popular se transformou em *seença* e com a contração das duas vogais numa só reduziu-se a *senço* que era uma forma idêntica à que tinha então a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *sentir*; por causa da confusão que essa semelhança poderia trazer, adotou-se o termo *silêncio*, mais próximo do primitivo.

Por fim, a “importação estranha” (1930:404-405), ou “importação de outras línguas”, é considerada pelo autor numa dupla perspectiva, pois se por um lado contamina a pureza da língua, por outro contribui para o seu enriquecimento e é também um produto de ordem social uma vez que é fruto do convívio com outros povos. Devido ao contacto com outros povos (p. 405):

Os próprios escritores gregos e romanos dão-nos como tomadas aos povos com que se achavam em contacto algumas centenas de palavras, as quais cedo foram adoptadas pela língua popular.

Como exemplos de palavras que perduram no português temos: *cerveja* (do Lat. *cervesia*), *camisa* (do Lat. *camisia*), *coelho* (do Lat. *cuniculus*), *gordo* (do Lat. *gurdus*), etc.

Martins Sequeira (1938:21) indica que no século XVI os literatos e os eruditos, imbuídos do espírito classicista, exercem um poder fortíssimo sobre a linguagem. Os humanistas portugueses, que supunham que o idioma era uma deturpação do latim e que se aperfeiçoaria ao aproximar-se da língua mãe, introduziram inúmeras palavras latinas na língua portuguesa, adaptando-lhes somente a terminação.

Para este autor, existem dois períodos na fase moderna do português:

Verificam-se, deste modo, dois períodos na fase moderna do português. Um, o do *português clássico*, que decorre até meados do século XVIII e em que predomina na linguagem a influência humanística; outro, o do *português recente*, em que a linguagem se deixa penetrar de vocabulário importado dos idiomas actuais e mesmo influxo sintáctico destes idiomas.

Para o autor, o português clássico sofreu a influência humanística, enquanto o português mais recente absorve vocabulário de outros idiomas. Acrescenta ainda que, no século XVI, como prova da influência dos humanistas no português clássico, temos a introdução de palavras trazidas diretamente do latim e do grego clássico, este por intermédio do latim.

Sequeira (1938:143), considera a existência de três espécies de elementos que constituem o vocabulário português. São eles os populares (originários do latim vulgar ou de outras fontes), como *noite*, *chapéu*, *guerra*, entre outros, os semieruditos (entraram geralmente por via literária) como *ínsua*, *auto*, *regra*, etc., e os eruditos (entraram por via literária, aportuguesaram-se artificialmente) como *filologia*, *antítese*, *faculdade*).

No século XVI, com o aparecimento de novos termos deu-se o desaparecimento de muitos vocábulos antigos. Todavia, nem todos os vocábulos importados foram aceites, como *dealbado*, *agilizar*, *inupta*, *lutulento*, entre outros.

Ismael Lima Coutinho (1938:130-133), numa visão semelhante à de Said Ali, aponta o século XVI como marco divisório de duas fases por ele consideradas como as mais importantes do idioma português: “a arcaica” e a “moderna”.

Relativamente à derivação, particularmente a derivação sufixal, Coutinho (1938) considera que nem sempre é fácil definir a linha que a separa do processo da composição, como se observa pelo histórico dos advérbios em *–mente*. Em latim, estes

advérbios só se usavam em expressões como *fera mente*, *bona mente* (ou *feramente*, *bonamente*, pois pronunciar-se-iam ligando as palavras), em que se combinava o nome com qualificativos apropriados à sua significação, o processo em vigor era a composição, formando-se palavras compostas. No entanto, desde que se tornaram comuns combinações como *rapidamente*, *recentemente*, já a palavra *mente* perdera significação e valor de substantivo e de termo componente, passando assim a funcionar como sufixo criador de advérbios.

Mattoso Câmara Jr. (1975: 213) considera que, para ampliar o léxico, o português utilizou mecanismos para criar novas palavras, que denominou como *composição e derivação*:

O português, como toda a língua viva, tem mecanismos gramaticais para ampliar e renovar o seu léxico em função das palavras já existentes. São os que herdou do latim e vêm a ser chamados a *composição e a derivação*.

Na *composição*, o autor indica a existência de dois tipos de formação: a palavra formada a partir de dois nomes e a palavra formada a partir de um nome e um adjetivo, para a primeira temos como exemplo *respublica*, e para a segunda temos como exemplo *parede-mestra*.

No respeitante à *derivação*, o autor afirma que foi um mecanismo muito desenvolvido no latim vulgar, em que se ampliou a utilização dos sufixos, a adaptação de outros e a criação de novos por meio de combinações, dentro da língua, ou por empréstimo de outra língua, sobretudo do Grego.

O português, tal como qualquer língua viva, não estagna, como vimos, pois está em permanente mudança, sendo o léxico uma das faces mais visíveis dessa mutação constante. Todavia não é apenas o léxico que muda. As estruturas gramaticais e as regras de funcionamento da morfologia e da sintaxe também se alteram.

Os processos de formação de palavras tratados neste estudo, a derivação e a composição, são considerados pela totalidade dos gramáticos como dos mais frequentes na formação de novas palavras na língua portuguesa.

O século XVI é habitualmente apontado como o período em que se verificou um maior alargamento lexical por criação de vocábulos novos a partir da língua latina e da

língua grega, não só por derivação afixal mas também por composição (morfológica e morfossintática), pelo que considero ser muito proveitoso e interessante para os alunos dos ensinos básico e secundário o estudo de autores deste período, como Gil Vicente, Sá de Miranda, Luís de Camões, Garcia de Resende, António Ferreira, entre tantos outros.

Para evidenciar esta questão da formação de palavras, apresentamos alguns exemplos considerados pertinentes para este estudo. Uma palavra foi formada em português e sofreu alterações, outras foram formadas em Latim.

II.3. Palavras formadas em português e palavras herdadas do latim

No caso do vocábulo *bestial*, verificamos que mudou semanticamente desde a sua origem até aos nossos dias. Inicialmente, *bestial* era um adjetivo referente a “besta, animal”, e ganhou posteriormente o sentido de “algo excecional”.

Em *rival*, o sentido original da palavra designava “habitantes de margens opostas de um rio”. Visto que eram frequentes as discussões entre os moradores das margens do rio, o vocábulo *rival* passou a significar “contendor”, “adversário”.

O vocábulo *salário* era referente à quantidade de sal que se dava em pagamento aos trabalhadores por determinado serviço, e mais tarde passou a ser o soldo dado às tropas para comprar sal. Atualmente, *salário* tem o sentido de ordenado.

Alguns vocábulos modificaram por completo o seu sentido, temos como exemplo o vocábulo *vilão*, cujo primeiro sentido era “habitante da vila”, hoje tem o significado de “bandido, alguém com mau caráter”.

Também verificamos uma alteração semântica com o vocábulo *piscina*, que em latim tinha o significado de “viveiro para peixes”, formado de *piscis* (peixe), e atualmente tem o sentido de “reservatório de água próprio para banhos e lazer dos humanos”.

Armário em latim era *armarium*, um lugar reservado para guardar armas, hoje o seu sentido é semelhante, mas alargou-se para englobar outras funções, como “guarda-louça, guarda-fatos, guarda-vestidos”, ou seja, um “móvel para guardar objetos vários.

O adjetivo *mediocre* tinha em latim o sentido de “na média”, hoje tem o sentido de “algo inferior, sem importância, insignificante”.

Temos *logro* que provém do latim *lucrum*, que nos deu também “lucro”. *Logro* sofreu uma especialização de sentido e recebeu uma carga semântica negativa, passando a significar “engano”.

O caso do vocábulo *íntegro* manteve-se inalterado não tendo sofrido alterações fonéticas significativas e assim manteve-se semelhante ao seu étimo *intēgru-*.

Em *cálido* e *quente*, adjetivos com o mesmo étimo latino, *cálido* é um decalque do étimo *calidus*, enquanto *quente* sofreu várias transformações fonéticas, ainda que seja proveniente do mesmo étimo *calidus*.

Temos também o caso das palavras *flama* e *chama*, ambas do mesmo étimo latino *flamma*. Em *flama* não houve grandes alterações fonéticas, já em *chama* verificou-se a evolução de *fl* para *ch*, houve portanto uma palatalização.

Por fim, os adjetivos *pleno* e *cheio* que provêm do mesmo étimo *plenus*, no entanto *pleno* sofreu somente uma pequena alteração fonética, ao passo que *cheio* sofreu um processo de palatalização *pl* > *ch*.

Consideremos ainda os seguintes exemplos: *magnânimo*, *benefício*, *homicida*, *artífice*, *dispor*, *percorrer*, *dignidade* e *meditabundo*.

No primeiro exemplo, *magnânimo*, temos a junção do adjetivo *magnus* (grande) com o substantivo *animus* (alma ou espírito), que deu assim origem ao adjetivo *magnânimo* (aquele que possui alma grande).

O segundo exemplo, *benefício*, formado pelo advérbio *bene* (bem) e pela forma verbal *facius* (fazer), deu origem ao substantivo *benefício* que tem o sentido de aquilo que faz bem.

Em *homicida*, a sua formação advém da forma *homin-* (homem), e *cida* do verbo *caedere* (matar), originando o substantivo *homicida*.

O substantivo *artífice*, provém da forma *arti-* de *ars* (arte), e de *fix*, do verbo *facere* (fazer), com sentido de *artífice* (aquele que faz arte).

No caso de *dispor*, palavra formada por prefixação, temos na sua origem o prefixo *dis-* (advérbio de separação) e o verbo *ponere* (pôr), originando assim *dispor*.

Em *percorrer*, temos o prefixo *per-* (sentido de movimento), e o verbo *currere* (correr), formando assim a forma verbal *percorrer* (correr completamente).

No caso de *dignidade*, palavra formada por sufixação, tendo assim o sufixo *-tas* (qualidade ou estado) e o adjetivo *dignus* (digno), a sua junção forma o substantivo *dignidade* (qualidade daquilo que é digno).

Por fim, *meditabundo*, formado pelo sufixo *-bundus* (propensão) e o verbo *meditare* (meditar) originando a palavra *meditabundo* (aquele que tem propensão para meditar).

Como referido anteriormente, os processos de formação de palavras morfologicamente complexas são a derivação e a composição, processos estes que foram herdados do latim. Todavia, apesar de os mecanismos que subjazem às regras de formação de palavras em português terem sido herdados da matriz latina, houve casos de derivação não prosseguida e, por outro lado, registaram-se inovações em português.

Como é sabido, na derivação, enquanto processo morfológico de formação de palavras, intervêm afixos (prefixos e sufixos) que modificam a estrutura e o significado da palavra. Mas alguns afixos que herdámos do latim e a que o português deu continuidade até determinada época deixaram de ser produtivos, não sendo atualmente utilizados para a formação de novas palavras. Cito como exemplo o sufixo *-idão*, que ocorre em vocábulos herdados do latim, como *aptidão* e em derivados formados em português, como *levidão* (cf. Caetano, 2003: 300-307), que perdeu força derivacional.

É de salientar que algumas palavras herdadas do latim foram não só adotadas mas também adaptadas. Como é o caso, por exemplo, do vocábulo *instrumento* que designa não o ato ou efeito de instruir (para essa acepção temos *instrução*), que ao dar entrada no português perdeu o traço [+abstrato], enfraquecendo-se igualmente a relação derivativa com *instruir*, não tendo assim uma relação formal e semântica evidente com a base (cf. Caetano, 2003: 431-464).

Comparativamente aos meios que havia em latim, hoje em português as novas palavras complexas derivadas formam-se dando continuidade ao modelo latino. Contudo, segundo alguns autores (cf. por exemplo Basílio 2002:73), alguns derivados formam-se recorrendo a dois mecanismos: o mecanismo de adição e o mecanismo associativo. O primeiro refere-se ao processo de formação a que subjazem as regras de formação de palavras, ao passo que, noutros casos, será a analogia o mecanismo responsável pela criação de novos vocábulos. A partir de Basílio (2002:73 e ss.), como exemplo do primeiro mecanismo temos *violeiro* que é formado pela adição do sufixo –

eiro a viola, podendo, também, intervir o segundo mecanismo e aí teremos casos como *sanfona/sanfoneiro*, formado por analogia com *viola/violeiro*.

Em síntese, verifica-se, pois, que a formação de palavras em português dá-se por junção de uma ou mais palavras ou por meio da junção de sufixos e prefixos a uma base.

As palavras alargam ou restringem o seu significado, como vimos nos exemplos acima referidos, comprovando-se que o alargamento do léxico é contínuo e permanentemente dinâmico. Os vocábulos indicados supra e outros do mesmo tipo pareceram-me bastante ilustrativos das alterações formais e semânticas, como tal recorri a alguns destes vocábulos em fichas de trabalho e outra parte serviu-me para discussões orais, de modo a exemplificar palavras que apareciam nos textos com determinado significado bastante diferente daquele que possuem hoje.

Para os alunos de Latim o sentido destas palavras não lhes causava estranheza de maior, já para os alunos de Português, como não tinham um contacto direto com o latim, o sentido etimológico das palavras era considerado um desafio bastante interessante, estimulante e curioso.

CAPÍTULO III

ESTÁGIO DE PORTUGUÊS

III. 1. Prática Pedagógica na turma 12ºG

III. 1.1 Caraterização da turma

O 12.º G, turma do curso de Línguas e Humanidades, no começo do ano letivo 2014/2015, contava com um total de 29 alunos inscritos, vinte e uma raparigas e oito rapazes, sendo que um dos rapazes apenas assistia às aulas de Português para efeitos de melhoria de nota. À exceção de uma aluna que reprovou por excesso de faltas, todos concluíram o ano letivo. A turma era constituída unicamente por alunos de nacionalidade portuguesa, estando as suas idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos.

Os alunos de Línguas e Humanidades, no geral, ambicionavam fazer progressão dos seus estudos nas áreas de Direito, Comunicação Social, História de Arte, Turismo, Psicologia, Ensino, Representação, Gestão de Recursos Humanos, entre outros.

É de salientar que se tratava da primeira vez que a Professora Rosário Andorinha lecionava esta turma, não tendo qualquer *feedback* para dar. Os alunos no 10.º e 11.º anos tiveram professores diferentes, o que levou a turma a apresentar algumas lacunas nos conteúdos da disciplina. Nesta turma havia ainda três alunos que estavam sinalizados como alunos com necessidades educativas especiais (NEE).

A maior parte dos alunos residia em Lisboa, nas freguesias de Campo de Ourique, São Vicente, Estrela e Campolide. Ou seja, em zonas situadas nas imediações da Escola Secundária de Pedro Nunes. Em média, o nível de habilitações literárias dos pais ou encarregados de educação dos alunos era alto, verificando-se uma grande diversidade nas funções que desempenham, como advogados, juristas, bancários, funcionários de escritório, professores, etc.

Numa apreciação global e pessoal da turma, considero que o 12.º G era composto por um grupo de alunos acolhedor, muito cativante, simpático, afável, acessível, atencioso e, sobretudo, trabalhador. Era uma turma geralmente com alguns

momentos de distração e conversa, porém, talvez por empatia por ser professora estagiária, nas minhas aulas mantinha a atenção necessária para o bom funcionamento da aula, participando nas atividades propostas.

No que concerne à disciplina de Português, coexistiam dentro da turma diferentes graus de aproveitamento e capacidades. Para alguns alunos, as dificuldades eram agravadas pela falta de hábitos de estudo e, principalmente, pela falta de interesse pela escola. Através de um pequeno inquérito que distribuí, concluí que a maioria dos alunos tinha como disciplinas preferidas: Português, História e Educação Física, e como disciplinas com maiores dificuldades: Matemática, Inglês, Português e História.

No que diz respeito às avaliações de Português, o 12.º G obteve uma média de 11.9 valores no primeiro período, de 12.5 valores no segundo período, de 12.6 valores no terceiro período. No respeitante ao exame nacional, a turma foi uma das melhores da escola, e a melhor nota do exame nacional de Português (a nível de escola) foi a de uma aluna desta turma, que obteve 19.8 valores. A turma teve uma média de 13.9 valores no exame nacional (respeitante à disciplina de Português). No final do ano letivo não se contabilizaram negativas, e nenhum aluno ficou retido, tanto a Português como às restantes disciplinas.

III. 1.2 Observação das aulas da Professora Rosário Andorinha

Ao longo do estágio, pude assistir a todas as aulas da minha orientadora à turma 12.º G, turma em que estagiei, e às restantes turmas de 12.º ano que a minha orientadora lecionava. Além de assistir a todas as aulas da Professora Rosário Andorinha, pude tomar contacto com diferentes alunos e inclusive lecionar numa turma diferente da que lecionava.

Esta fase de observação comprovou ser bastante enriquecedora e paradigmática de um autêntico profissionalismo, pois permitiu-me aprender imenso com o exemplo de uma Professora sábia, com experiência no ensino e na forma de conduzir os alunos e a aula. Tendo em conta que a minha prática letiva seria ao longo dos três períodos, foi possível regular as minhas observações, focando diferentes momentos.

Numa fase inicial, a minha primeira preocupação foi a de observar todas as atitudes da Professora Rosário Andorinha no seu primeiro contacto com a turma, pois tenho consciência que esses momentos podem ser fulcrais. Como ainda me sentia algo

insegura, adotei muitos segmentos da pedagogia utilizada pela Professora, nomeadamente a firmeza demonstrada na condução das suas aulas, a imposição da disciplina, a motivação transmitida aos alunos e a atenção dedicada às suas solicitações.

Uma vez que a Professora Rosário Andorinha sempre nos encorajou, à minha colega Leonor e a mim, a prestar auxílio aos alunos durante as atividades realizadas em aula e fora de aula, a Professora solicitou a nossa ajuda na preparação de materiais de apoio para os alunos, de forma a orientá-los. Numa forma mais presente, a Professora, em alguns momentos de aula, solicitou a nossa ajuda para a correção de exercícios. Este nosso envolvimento com as quatro turmas, inclusive com a turma da Leonor e a minha, fez com que pudéssemos ir conhecendo de forma natural todos os alunos.

No decorrer das aulas, fui centrando a minha atenção noutros pontos que considerei também bastante importantes: a gestão do tempo para as diferentes atividades programadas, a capacidade de contornar factos imprevistos, até, por vezes, tirando partido da imprevisibilidade, a variedade de atividades pedagógicas e a diversidade de recursos – como músicas, documentários, notícias, entre outros materiais que achei uma mais-valia para o desenvolvimento dos alunos.

Em suma, da observação das aulas da Professora Rosário Andorinha, gostaria de dar destaque ao seu forte sentido de organização, ao manancial riquíssimo de atitudes dependentes das situações, à variedade de atividades que proporcionou aos alunos: análise intertextual, debate, escrita criativa, pesquisa, trabalhos individuais e de grupo, o tom audível e agradável com que comunicava com a turma, o ambiente de trabalho cooperativo e aliciante que soube construir e, por fim, mas não menos importante, a parte humana. Tendo-se revelado uma docente com uma capacidade de dádiva e disponibilidade inexcedíveis, não só connosco, estagiárias, como com os alunos, com toda a certeza que as suas características permanecerão gravadas no espírito de todos que vivam a docência com profissionalismo e uma paixão que não podia esconder. Foi, com efeito, ao nível da relação pedagógica que mais admirei e apreciei o trabalho da Professora Rosário Andorinha, pois ensinou-me a evitar a condescendência facilitista e deseducativa e lembrou sempre o quanto tínhamos de ser confiantes, capazes, demonstrando em nós confiança e capacidade de superar este “desafio” com sucesso. Foi esta docente que mais me encorajou, servindo de exemplo para aquilo que realmente quero ser.

III. 1.3 Prática de Ensino Supervisionada

A minha PES decorreu de forma faseada ao longo do ano letivo, abrangendo os três períodos letivos e de modo a que pudesse lecionar todos os conteúdos programáticos.

A minha orientadora sempre considerou uma mais-valia a passagem pelos diferentes momentos do programa e assim verificar o nosso desempenho em várias unidades com conteúdos diversos.

Visto o calendário escolar, ficou designado que no 1.º Período lecionaria o heterónimo Alberto Caeiro, no 2.º Período, *Os Lusíadas* de Luís de Camões e a *Mensagem* de Fernando Pessoa – Relação intertextual, no 3.º Período, *Felizmente Há Luar!* de Luís de Sttau Monteiro e, no mesmo período, o *Memorial do Convento* de José Saramago.

Para a lecionação de todas estas matérias, a professora disponibilizou uma semana para cada sequência didática, correlacionando-a com os conteúdos dados anteriormente por si. Este processo de dinâmica formativa conseguiu duas finalidades: o enriquecimento da formação e a criação nos alunos da aceitação variada e variável de processos educativos, que, embora consonantes, estão dependentes de características diversas, por força das variabilidades inerentes - idade, aparência visual, tom de voz, ritmos e outros.

III. 1.3.1 Sequências Didáticas

1.3.1.1 Preparação

Na preparação da primeira sequência didática de toda a minha PES, no respeitante ao heterónimo Alberto Caeiro, tive certas dúvidas acerca das metodologias de trabalho que deveria implementar nas aulas, como motivar os alunos para conteúdos que exigem já um grau de maturidade e reflexão, nem sempre compatível com as vivências dos alunos, e bastante subtilidade na interpretação, cumprindo todos os objetivos, tanto mais que se tratava de uma turma em ano de exame nacional. Surgiram também outras preocupações, como a gestão do tempo para conseguir cumprir com todas as atividades que propunha realizar em dois blocos de 100 minutos e num bloco

de 50 minutos (havendo sempre a possibilidade de completar alguma matéria na semana seguinte). É importante referir que todas as minhas hesitações e medos tiveram o acompanhamento da Professora Rosário Andorinha, que sempre se mostrou disponível, e contribuiu bastante para a dissipação das minhas dúvidas e inseguranças.

Com este receio inicial, surgiram outras dúvidas. Como fazer uma abordagem diferente e mais motivadora, de forma a fazer prevalecer o contacto com os alunos. Fui reunindo assim alguma informação pedagógica, recursos, como notícias, canções, imagens, que se conjugassem bem com linhas orientadoras, com o fito de caracterizar o heterónimo Alberto Caeiro e abrir portas à análise da sua poesia. Planeei então as cinco aulas, de forma a abranger todos os conteúdos que selecionei como mais relevantes, tais como análise de poemas e respetivas fichas de trabalho, revisão de funcionamento da língua e atividades de escrita.

Para não me desviar da linha temática da minha PES, na primeira aula, após a visualização e explicação do *PowerPoint* introdutório ao estudo de Alberto Caeiro, escrevi no quadro a palavra *ver* para que em conjunto com os alunos pudéssemos verificar as diferentes palavras que surgiram desta. Este exercício serviu para despertar nos alunos a curiosidade de conhecer novas palavras, tornando o seu discurso e a produção escrita mais dinâmica, abrindo assim o horizonte destes alunos para a descoberta de termos que até então pudessem desconhecer, tornando o seu vocabulário mais rico e ativo.

Para a análise dos poemas, consulte o manual adotado *Expressões 12.º* e os manuais *Português 12.º* e *Entre Margens 12.º*. Escolhi poemas que, do meu ponto de vista, correspondiam a uma visão clara da poesia de Alberto Caeiro: “Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia”, “O guardador de rebanhos” e “Eu nunca guardei rebanhos”. Feita a seleção, a minha maior preocupação era analisar os poemas da melhor forma, para que os alunos entendessem a mensagem do poeta, que vai bastante além de uma leitura superficial, que permite concluir que atrás de uma frase ou única palavra se esconde uma multiplicidade de significados. Pretendia abrir caminhos através dos quais a mente pudesse discernir o óbvio do bivalente, bem como a possibilidade de o génio conjugar aparentes simplicidades com a profundidade de uma alma tão complexa como a do poeta. Nesta parte de análise, decidi trabalhá-la oralmente em conjunto com os alunos, para que fosse criando, pouco a pouco, um ambiente acolhedor entre professor e alunos, onde estes alunos pudessem explicitar as suas

dúvidas, sem medos nem receios de se expor a qualquer forma de crítica pela explanação das suas ideias.

Para a atividade de avaliação, forneci aos alunos uma antologia de textos de Caeiro e solicitei-lhes que durante aquela semana (pois sabia que não tinham testes às outras disciplinas) realizassem um glossário da antologia entregue. O resultado deste trabalho foi bastante satisfatório, a Professora Rosário Andorinha gostou imenso da atividade e dos resultados obtidos, então pediu para que reunisse os quatro melhores glossários para serem publicados na página do *Facebook* do Departamento de Português e Latim da Escola Secundária de Pedro Nunes (cf. Anexo 1).

Para ligar os conteúdos com a linha temática da minha PES, realizei uma ficha informativa e de trabalho (cf. Anexo 2) “O português: génese, variação e mudança” que serviu para contextualização de conteúdos dados em anos anteriores.

Na preparação da segunda sequência didática, intertextualidade entre *Os Lusíadas* de Luís de Camões e *Mensagem* de Fernando Pessoa, senti-me mais segura tanto a nível da escolha dos materiais como na gestão do tempo, visto que já conhecia melhor o trabalho dos alunos e o tempo que costumavam demorar para realizar cada atividade.

Esta sequência foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, as aulas foram dirigidas para a intertextualidade entre as duas obras e, num segundo momento, para a parte do funcionamento da língua e atividade de escrita.

Atentando ao primeiro momento, como a Professora orientadora nas aulas anteriores tinha estado a lecionar *Os Lusíadas*, para introduzir a minha sequência didática, decidi elaborar um *PowerPoint* para introduzir a *Mensagem* de Fernando Pessoa (cf. Anexo 3). Após esta introdução à obra e já como exemplo desta intertextualidade entre as duas obras, passei em aula um vídeo da RTP, do programa “Contra Informação” intitulado “Pessoa vs. Camões”.

Para iniciar a análise da intertextualidade entre as duas obras, realizei uma ficha de trabalho (cf. anexo 4) intitulada “Guião de Leitura” com os poemas «O das Quinas» *Mensagem* de Fernando Pessoa e «Por meio destes horríveis perigos» d’*Os Lusíadas* de Luís de Camões. Com esta ficha de trabalho, foi possível o acompanhamento dos alunos na análise intertextual dos poemas. Esta análise foi feita em conjunto, professora e

alunos, o que originou uma grande pluralidade de participações em aula. Na realização do questionário foi visível também que a atenção dos alunos tinha sido positiva.

Nestas análises interpretativas, fiquei muito surpresa pela participação de um grande aglomerado de alunos, mesmo nas respostas do questionário. Muitos pediam para ler as suas respostas e quando achava (com o consentimento prévio da Professora Rosário Andorinha) que as respostas estavam satisfatórias, pedia aos alunos para virem escrever ao quadro a sua resposta. Esta atividade também se tornou bastante útil pois foi possível avaliar os seguintes pontos: (1) corrigir tanto os erros ortográficos como de sintaxe, (2) fornecer aos colegas outro tipo de resposta válida.

Atentando agora ao segundo momento da aula, não se revelou muito diferente: dei aos alunos uma ficha de gramática intitulada “A mitificação do herói n’*Os Lusíadas* de Luís de Camões” para relembrares conteúdos de 10.º e 11.º anos. A ficha foi feita em aula e corrigida em conjunto pela professora e alunos. Todos os alunos realizaram a ficha e quiserem responder às questões colocadas, porém, foi nesta etapa que me apercebi que vários alunos tinham dificuldades notórias a nível de gramática. A partir deste dia comecei a pesquisar fichas de gramática para lhes fornecer como forma de preparação para o exame nacional, e reuni um conjunto de fichas de gramática, semelhantes às do exame nacional¹⁰.

Para registos de avaliação, preparei uma atividade de escrita, semelhante à do Grupo B utilizado em exame nacional, com o título “Camões e Pessoa relativamente ao desencanto da Pátria”. Nesta atividade foram avaliados os seguintes domínios (1) cumprimento do limite de palavras estipulado; (2) verificação de erros ortográficos; (3) correção da ortografia; (4) *Os Lusíadas* – disforia do poeta relativamente à morte da pátria; (5) *Mensagem* – considerações disfóricas em relação à pátria e (6) Portugal para ambos, em épocas diferentes.

É de salientar que estas correções foram feitas por mim, mas tiveram sempre a verificação da Professora orientadora, que as assinou.

Para ligar os conteúdos com a linha temática da minha PES, realizei uma ficha informativa e de trabalho (cf. anexo 6) “Étimo, Palavras Divergentes e Palavras

¹⁰ Confrontar anexo 5, em que dado à dimensão das fichas não foi possível colocá-las todas, só incluí algumas dessas fichas, a título meramente ilustrativo.

Convergentes”. Esta ficha teve como intuito a explicação básica da formação de palavras, por via popular e por via (semi) erudita, alertando os alunos para a transformação que as palavras sofreram.

Este tipo de atividade, como tinha dito anteriormente, teve o mesmo objetivo, fomentar nos alunos o interesse na “descoberta” de novo vocabulário, enriquecendo-o cada vez mais.

Para a terceira e última unidade com a turma 12.º G, foram feitas duas sequências didáticas. A primeira relativa a *Felizmente Há Luar!* de Luís de Sttau Monteiro e a segunda relativa à obra de José Saramago, *Memorial do Convento*.

Com a obra *Felizmente Há Luar!*, tal como na sequência anterior, dei início ao seu estudo com um *PowerPoint* com informações do autor, da obra e da contextualização da época para assim iniciar o seu estudo.

Após dar início ao estudo da obra, pedi aos alunos para abrirem o manual, de modo a fazer uma análise oral dos seguintes textos: “Teatro Épico” e “O jardim de um ditador: os anos de Salazar”, textos que achei bastante importantes para iniciar a obra. Como o manual não dispunha de todos os textos, fiz uma ficha de trabalho com os textos “Vêm aí os Franceses” e “Amigos de Peniche” da revista *Visão* (cf. anexo 7).

Posto isto, como a Professora orientadora, aulas antes, tinha incitado os alunos para a leitura da obra, elaborei uma ficha de verificação de leitura, e corrigimo-la em aula, dando oportunidade a todos os alunos para responder e demonstrar que tinham lido a obra.

Para analisar a obra, escolhi os excertos “Nas mãos dos reis do Rossio...” e “Uma missão” (excertos do manual), pois nem todos os alunos tinham a obra, e no final realizaram o respetivo questionário.

Na última aula desta sequência realizei uma ficha informativa e de trabalho sobre os atos ilocutórios (cf. anexo 8). Para realizar a atividade que tinha planeado foi necessário relembrar este conteúdo gramatical. Foi uma das atividades que mais me deu prazer elaborar, tornou-se uma aula mais ativa, mais dinâmica. Uma atividade que se revelou bastante enriquecedora e que me incutiu vontade de levar a cabo tarefas deste tipo.

Por fim, a última sequência didática, a obra *Memorial do Convento* de José Saramago. Também verifiquei alguma hesitação na escolha do capítulo mais adequado

para abordar. Uma vez que a Professora orientadora já tinha dado início ao estudo desta obra, decidi escolher o final do capítulo XXI, capítulo referente à decisão de D. João V para a inauguração do convento e dos trabalhadores forçados em Mafra para cumprir a vontade do rei. Neste capítulo, o autor tem vários registos de nível de língua, ocorre o fenómeno da troca do /b/ pelo /v/, como ainda hoje se verifica em algumas zonas a norte, nas falas de algumas personagens, que participaram na construção do convento de Mafra, achei muito adequado. Assim, criei um *PowerPoint* (cf. anexo9) intitulado “Registos/Níveis de Língua e Estilo em *Memorial do Convento*”, cujo objetivo era o de que cada aluno lesse o excerto presente, referisse o contexto desse mesmo excerto e mencionasse o nível de língua aí utilizado. Gostava ainda de referir que para esta atividade, antes do seu início, escrevi no quadro e procedi a uma breve explanação de forma a relembrar a alguns alunos os diferentes níveis de língua.

Relativamente ao funcionamento da língua, achei apropriado rever a modalidade, pois vi que em alguns exames nacionais era frequentemente abordado este conteúdo. Como tal, criei uma ficha de informação e de seguida uma ficha de trabalho (cf. anexo 10).

A última atividade feita com estes alunos, intitulada “Outras marcas de registo familiar/popular em *Memorial do Convento* – Provérbios”, (cf. anexo 11), foi uma atividade bastante interessante, que evidenciou uma adesão entusiasmada, a que não foi alheio o cariz lúdico implícito nas tarefas propostas.

De modo que ficasse completa a construção das sequências didáticas, fiz a planificação de todos os blocos, com base nos objetivos do *Programa de Português* em vigor, imaginando as minhas ações e as dos alunos, de forma a tentar disciplinar a condução da aula, dando sempre espaço a imprevistos que pudessem surgir. Uma vez que a minha orientadora me deu total liberdade na construção dos materiais, o meu modelo de planificação foi semelhante ao utilizado no 1º. ano da parte curricular do meu Mestrado.

III. 1.3.1.2 Execução

Tomando como base o *Programa de Português do Ensino Secundário*, tentei preservar algumas constantes na minha prática, de modo a imprimir um cunho pessoal às minhas aulas, de acordo com os princípios em que acredito, e de acordo com as aulas

a que assisti da Professora Rosário Andorinha, de forma a criar um ambiente acolhedor, apazível e harmonioso.

Sempre que houve aulas em que foi possível dialogar, situação felizmente frequente, tentei colocar questões estratégicas de forma a estimular a curiosidade dos alunos e o seu sentido crítico, sem que ficassem alterados com a opinião uns dos outros, antes entendessem que das diferenças se podem tirar conclusões mais elaboradas.

À semelhança das aulas da Professora Rosário Andorinha tentei estabelecer paralelismos que incentivassem o envolvimento dos alunos na matéria. Pelo que pude observar nas aulas assistidas, achei necessário investir na análise oral e na correção dos exercícios, tanto no quadro como oralmente, pois alguns alunos, mais distraídos, quando precisavam de estudar para os testes não tinham toda a matéria presente.

Pelo que pude assistir nas aulas que observei, era também necessário investir esforços no domínio vocabular destes alunos, na estruturação discursiva e na análise de texto, pois as intervenções dos alunos algumas vezes não tinham muita consistência.

Em cada sequência didática, procurei, sempre que possível, integrar os conteúdos presentes no *Programa de Português* para todos os domínios da Língua.

Na primeira aula, tentei estimular, encorajar e animar os alunos, para a nova matéria que iriam iniciar. Portanto, centrei a atenção dos alunos no *PowerPoint* sobre o heterónimo Alberto Caeiro, a sua biografia e linhas temáticas. Para tornar mais concisa a visão deste heterónimo, passei um vídeo de António Quadros, “A génese dos heterónimos” que forneceu aos alunos mais informações didáticas. De seguida, foram então analisados três poemas de Alberto Caeiro, como referi anteriormente.

Inicialmente, analisei em conjunto com os alunos os dois poemas que estavam integrados no manual. Como um dos poemas não estava no manual e considerei igualmente importante a análise do mesmo, fiz uma ficha de trabalho com o poema e respetivo questionário.

Para ligar os conteúdos com a linha temática da minha PES, realizei uma ficha informativa e de trabalho “O português: génese, variação e mudança” (cf. anexo 2) que serviu para contextualização de conteúdos dados em anos anteriores. Esta ficha foi bastante útil para lhes mostrar a evolução das palavras, como eram e que sentido tinham, e como são atualmente e que sentido adquiriram. No final, tinham um exercício de consolidação que me foi bastante útil para perceber se tinham acompanhado a

explicação anterior e, principalmente, se perceberam aquilo que queria transmitir. Os alunos pareceram bastante motivados, tratava-se de uma matéria diferente da que estavam habituados, e acharam os exercícios bastante úteis.

Por fim, como referi anteriormente, pedi aos alunos para realizarem um glossário a partir da antologia de textos que lhes tinha fornecido. Esta atividade teve um grande peso na minha experiência como docente, foi aqui que recebi pela primeira vez *e-mails* dos alunos a pedir ajuda na realização da tarefa, a que respondi prontamente, e tentei ajudar todos os alunos de igual modo, inclusive criei um documento a explicar como se faz um glossário e qual o objetivo do mesmo. No final da atividade senti que todos se esforçaram, deram o seu melhor, e a prova disso é que foram publicados os quatro melhores glossários na página do *Facebook* da escola.

Apesar de ter sido apenas uma semana de aulas, senti-me bastante satisfeita e realizada a nível profissional e com vontade de dar mais aulas e de ganhar mais experiência nesta área.

A segunda sequência didática, *Os Lusíadas* e *Mensagem* – relação intertextual, como mencionado anteriormente, teve dois momentos. Após a introdução à obra e já como exemplo desta intertextualidade entre as duas obras, passei em aula um vídeo da RTP, do programa Contra Informação intitulado “Pessoa VS Camões”, um vídeo que considerei bastante apropriado, pois para além de entrar no aspeto cómico entra também no aspeto didático, sendo assim uma forma divertida de didatizar a matéria.

Posteriormente, direcionando a aula para a análise intertextual dos poemas «O das quinas» e «Por meio destes hórridos perigos», neste primeiro momento tentei insistir com os alunos na participação da análise textual, para que se sentissem capazes e encorajados, sem qualquer tipo de receio de participar na aula. A interação da turma foi positiva e bastante visível nas respostas de ambos os questionários.

No entanto, no segundo momento desta aula, evidenciei um baixo índice de motivação e participação. Quando apliquei a ficha de trabalho de gramática alguns alunos afirmaram nunca ter dado alguns conteúdos ali presentes, por isso não entendiam nem sabiam responder a algumas questões. Foi neste momento que decidi falar com a minha orientadora, Professora Rosário Andorinha, e decidimos pela realização de fichas de gramática, semelhantes à do grupo II aplicada em exame nacional, uma vez por semana, tanto para preparar os alunos para exame, como para ver as dúvidas em concreto destes alunos. Assim se procedeu, e a Professora Rosário informou-me mais

tarde que houve uma melhoria significativa nos testes de avaliação sumativa no grupo de gramática.

Nesta sequência notei que os alunos expunham as suas dúvidas sempre que as tinham e uma grande parte dos alunos quis participar na aula, levantando questões e dando opiniões, exceto no momento direcionado para o funcionamento da língua.

A terceira sequência – *Felizmente Há Luar!* de Luís de Sttau Monteiro, não se distanciou de toda a experiência letiva que estava a ter com a turma. Os alunos ofereciam-se para ler, acataram os pedidos e responderam às questões sempre que necessário.

O *PowerPoint* com a informação inicial tanto do autor como da época, do teatro de Brecht e da obra em si, mostrou aos alunos aquilo que iriam estudar nas aulas seguintes. A análise dos textos do manual sobre a contextualização histórica referida anteriormente foi uma mais-valia para o entendimento da obra.

A atividade que planeei com as personagens revelou-se bastante útil para a compreensão das mesmas e para a exercitação do conteúdo gramatical – atos ilocutórios. Como tal realizei uma ficha de trabalho com estes conteúdos, com o intuito de recordar este conteúdo gramatical. Posto isto, passei à fase seguinte: visto serem 28 alunos, retirei da obra 28 falas de diferentes personagens, recortei as falas e coloquei-as num saco. Ao iniciar a aula pedi a cada aluno que retirasse do saco um papel. O objetivo desta atividade era lúdico e pedagógico ao mesmo tempo. Cada aluno tinha uma fala de uma personagem. Projetei no quadro um *PowerPoint* (cf. anexo 12)¹¹ com as falas, uma a uma, para dar a oportunidade de todos os alunos participarem na atividade. Quando projetava o excerto, o aluno que tinha a fala correspondente tinha de identificar a personagem, deduzir o traço de carácter dessa mesma personagem e identificar o ato ilocutório ali presente. Esta atividade obteve uma reação dinâmica por parte dos alunos, parecendo evidenciar-se que as aulas de Português também podem ser divertidas como as de outras disciplinas.

Por fim, a última sequência didática, *Memorial do Convento*, revelou ser uma obra que provocou bastantes observações da parte dos alunos. Muitos deles sentiram dificuldades na leitura e uma parte da turma não tinha terminado a leitura da obra

¹¹ Devido à dimensão do *PowerPoint* serão apenas visíveis alguns slides deste exercício.

dizendo ser-lhes difícil. A primeira aula foi planeada de forma a ajudar os alunos a este nível (cf. anexo 14)

A aula pautou-se inicialmente pela leitura do excerto do capítulo XXI que lhes forneci, pois não constava do manual. Após a leitura, foi feita detalhadamente a análise do excerto e, de seguida, os alunos responderam ao respetivo questionário (cf. anexo 13). Após a análise e respetivo questionário de interpretação apresentei-lhes um *PowerPoint* intitulado “Registos/Níveis de língua e estilo em *Memorial do Convento*”, cujo principal objetivo era chamar a atenção dos alunos para os níveis de fala que o autor utilizou durante toda a obra. Esta atividade fomentou nos alunos bastante curiosidade na escrita Saramaguiana e na leitura de outras obras do autor, pois alguns alunos acharam interessante o estilo do autor e outros tiveram a curiosidade de ler outros livros dele. A par disso, também acharam curioso e interessante o exercício relativamente aos provérbios, o sentido que lhes damos, sendo que Saramago os altera, conferindo-lhes outro sentido. Notei que os alunos se mostraram muito curiosos e com vontade de conhecer mais provérbios que o autor tenha alterado, numa perspetiva de busca criativa.

Durante a execução destas sequências didáticas, pude contar com todo o apoio da Professora Rosário Andorinha, na medida em que me incentivou e me fez refletir sobre a minha prática, tecendo alguns comentários no sentido de melhorar, tais como, supervisionar sempre as tarefas feitas em aula, tornar a voz mais audível, tentar ter uma atitude mais autoritária em relação a alguns alunos.

III. 1.3.1 Avaliação

No que diz respeito à avaliação da turma 12.º G, o meu contributo esteve presente em vários momentos durante o ano letivo 2014/2015.

A Professora Rosário Andorinha deu-me a oportunidade de participar na avaliação das exposições orais do 1.º, 2.º e 3.º. Períodos (cf. anexo 15), nas avaliações de conteúdos finais de período, de produção escrita e do comportamento dos alunos, analisando e debatendo-se no final os resultados, de modo a atribuir a classificação mais justa para cada aluno.

No decorrer do 3.º. período, a Professora Rosário pediu-me para realizar um teste, aplicá-lo à turma e corrigi-lo sobre o *Memorial do Convento*, a obra que estava a

ser lecionada naquele momento (cf. anexo 16). Nesse momento senti uma grande responsabilidade e um enorme desejo de não decepcionar quem me dera tal tarefa para executar, visto que a correção de um teste/exame de Português tem sempre um elevado grau de subjetividade, apesar da existência de cenários de resposta e descritores de desempenho.

É importante referir que todas as dúvidas ocorridas durante a realização do teste tiveram o acompanhamento e aconselhamento da Professora orientadora. Foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes da minha PES, pois ia verificar os resultados da minha intervenção e avaliar o meu desempenho enquanto corretora. Após a minha correção, a Professora Rosário verificou se o trabalho tinha corrido como esperado, e, para grande satisfação minha, as diferenças assinaladas eram apenas de décimas.

No respeitante aos resultados dos alunos, manteve-se o panorama habitual de notas, pois dos vinte e seis alunos que realizaram a prova, houve apenas quatro negativas (mediocre), treze obtiveram notas entre os 10 e os 13 valores, sete obtiveram notas entre os 14 e os 16 valores e duas notas situaram-se entre os 17 e os 18 valores. Ainda assim, registou-se uma melhoria em alguns alunos.

O trabalho avaliativo da minha PES foi formativo e contou com 20% da nota final no respetivo período.

A avaliação sumativa foi um dos momentos que considerei mais importantes e compensadores da minha PES, como referi anteriormente, a realização do teste sumativo sobre o conteúdo programático *Memorial do Convento*. Para a realização deste ponto, a minha orientadora informou-me que deveria seguir a estrutura utilizada em exame nacional e as respetivas cotações. Recebidas as indicações e consciente de um sentido de responsabilidade acrescido, pois criar um instrumento de avaliação de 60% cria um certo nervosismo e ansiedade, iniciei um processo de pesquisa de exames nacionais de anos anteriores, dando especial atenção à estrutura e cotações, bem como aos descritores de desempenho. Após este trabalho, escolhi um capítulo que não foi dado em aula (como pediu a professora orientadora) e coloquei perguntas de interpretação obedecendo ao espírito das do exame nacional. Para o grupo II, não foi muito fácil encontrar um texto que se enquadrasse com a matéria e que desse para ser explorado a nível do funcionamento da língua. Depois de muita pesquisa, optei por escolher um texto de Sofia Costa Quinta sobre a arte, que estava algo relacionado com o capítulo escolhido de *Memorial do Convento*, a construção da passarola. Quanto à

produção escrita optei pelo tema “Importância da esperança de vida nos homens”, já que tinha sido abordado em aulas anteriores.

Para os alunos, de modo a clarear o seu estudo, preparei cenários de respostas para entregar no dia da correção e analisar em conjunto, com vista a evidenciar os diferentes tipos de respostas.

Para a concretização do meu trabalho, elaborei os descritores de desempenho, aspeto em que senti dúvidas e dificuldades na distribuição dos diferentes momentos de resposta, nas cotações, de modo a ser o mais justa possível. De modo a evitar qualquer forma de injustiça, corriji a mesma pergunta de todos os testes, comparando respostas, para tentar atribuir justamente as cotações em cada questão.

Este trabalho permitiu verificar que a correção de testes tem um grande grau de complexidade e exige bastante tempo e concentração de um docente. Dada esta exigência, demorei quatro dias a corrigir os testes, sendo que tinha de fazer bastantes intervalos para não perder a capacidade de concentração.

Terminada a correção dos testes, entreguei-os à Professora Rosário para que esta os voltasse a corrigir. O tempo de espera foi curto, mas para mim pareceu uma eternidade. O resultado foi melhor do que o espectável, o que foi bastante gratificante para mim, tanto a nível profissional como a nível pessoal.

O teste sumativo correspondeu a um dos últimos momentos da minha PES e foi aquele que mais sentimentos provocou, tanto de felicidade, como de plena consciência do «fardo» que representa uma docência escrupulosa e justa. Após terminadas as aulas, todos os alunos puderam contar com o meu apoio para estudo do exame nacional, tanto pessoalmente na escola como via *e-mail* para tirar algumas dúvidas que lhes surgiam.

Devo ainda acrescentar que também eu própria pretendi ser avaliada por estes alunos e, para tal, distribuí-lhes um inquérito (cf. anexo 17). Concluo com agrado que os alunos avaliaram positivamente o meu desempenho enquanto docente. A avaliação foi feita entre os níveis 4 e 5, à exceção do item 8, referente ao ponto “evidencia descontração”, sendo avaliada aí com o nível 3.

III. 3 Visitas de Estudo e conferências

No seguimento da primeira sequência didática, o heterónimo Alberto Caeiro, convidei o ilustre Professor Fernando Cabral Martins, Professor na Universidade Nova de Lisboa, com vastos conhecimentos, inclusive autor do dicionário de Fernando Pessoa e outras publicações de renome.

Convidei o Professor a vir à escola Secundária de Pedro Nunes para fazer uma conferência sobre os heterónimos, principalmente sobre Alberto Caeiro. O Professor aceitou de imediato o convite e, na semana seguinte à minha primeira sequência didática, veio à escola dar uma conferência sobre este heterónimo. A conferência foi dirigida para todos os alunos de 12.º ano da escola e no final alguns alunos colocaram perguntas que acharam pertinentes, as quais o Professor respondeu prontamente.

Em janeiro, já terminados os conteúdos Fernando Pessoa – Ortónimo e Heterónimos, eu e a minha colega de estágio organizamos uma visita de estudo à Casa Museu Fernando Pessoa.

Esta visita de estudo foi organizada e preparada não só para os meus alunos e os alunos da minha colega, como também para as restantes turmas da Professora Rosário Andorinha. A visita decorreu em horário fora de aulas, comprometendo a presença de alguns alunos. Ainda assim, contamos com um grande número de alunos, que pareciam entusiasmados com as informações recebidas, com a visualização daquele pequeno mundo de Fernando Pessoa, ver como era o seu quarto, a sua biblioteca, alguns dos seus pertences, os alunos ficaram encantados e deslumbrados. Muitos deles começaram a ir para a Casa Museu Fernando Pessoa estudar, por viverem perto e ser um local tão agradável e que até então desconheciam.

III. 4. Conselhos de Turma

Os conselhos de turma foram uma mais-valia, tanto para o melhor conhecimento da turma, como dos alunos individualmente. Aqui, foi possível verificar que os comportamentos (no caso concreto da turma 12.º G) variam de disciplina para disciplina e de docente para docente, sendo várias as opiniões acerca do mesmo aluno.

Um fator que considerei bastante importante foi o de ser encarada igualmente como docente, como colega e não como estagiária, sendo várias vezes pedida a minha opinião em relação à turma que lecionava. Foi uma postura adotada que considerei não

só sensata e justa, mas também reveladora de espírito de equipa, o que me conferiu um sentimento de pertença, confiança e satisfação profissional.

Nestes conselhos de turma, é proporcionado aos professores uma visão global da turma e da sua prestação, uma reflexão conjunta de cada aluno, uma vez que se conferem notas, discutem-se comportamentos e evoluções, bem como possíveis metodologias a adotar para salvaguardar eventuais lacunas e superar dificuldades detetadas face a insucessos globais ou em alguma disciplina em que a recuperação esteja mais inviabilizada.

Todos os Conselhos de turma a que assisti contribuíram para momentos de reflexão, como forma de aprendizagem no modo de atuação da profissão de docente.

III. 4.1 Reunião de departamento de Português e Latim

No dia 22 de outubro de 2014, fui convocada pela minha orientadora para a reunião de departamento, na sala de trabalho dos Professores de Português da ESPN.

Nesta reunião, estavam presentes todas as professoras de português que lecionavam no ano letivo 2014/2015, efetivas e contratadas.

Aqui, foram abordadas as seguintes questões: (1) o problema de ainda não haver professor de espanhol, sendo este o diretor de turma de uma das turmas; (2) discussão sobre o tempo de elaboração do teste de nível básico; (3) apoio específico de turma e apoio escolar; (4) 12.º ano decisão do dia para os apoios; (5) apoio dos alunos na biblioteca; (6) tutorias para alunos em caso de retenção; (7) alertar os alunos para o curso livre de Latim; (8) atividades a elaborar no dia da escola; (9) faltas de material; (10) o uso indevido do telemóvel.

Nestas reuniões, os assuntos tratados estavam relacionados com o desenvolvimento da disciplina como materiais, manuais, alunos com necessidades educativas professores responsáveis por determinadas atividades, entre outros.

A observação destas reuniões revelou-se importante para o meu futuro profissional, pois elucidou-me bastante sobre as diferentes situações que envolvem o ensino.

III. 4.2 Necessidades Educativas Especiais

O 12.ºG tinha três alunos sinalizados com NEE, nomeadamente dislexia, disortografia, défice de atenção e disgrafia. Estes alunos tiveram acompanhamento semanalmente pela psicóloga da escola, profissionalizada neste grupo de recrutamento, que entregou a todos os professores da turma uma síntese informativa com o perfil dos alunos, a caracterização das perturbações de aprendizagem, e as medidas educativas a aplicar.

Estes três alunos tiveram a todos as disciplinas benefícios de adequações pedagógicas no processo de avaliação, que incluíram pontos como ajuda na compreensão de textos, redução do número de questões nos testes, a não contabilização de erros ortográficos nos testes de avaliação, etc.

Como Professora Estagiária, ajudar estes alunos cujas dificuldades na leitura e na escrita eram bastante notórias foi um trabalho muito importante, exigente, mas compensador, pois, enquanto estive com eles, tive a oportunidade de compreender que é necessário construir mais materiais que permitam o trabalho com estes alunos, de forma responsável, mais do que com qualquer outro aluno. Além disso, é de salientar o esforço psico-pedagógico que cada professor tem de empreender, usando todo o seu bom senso e sensibilidade, nomeadamente no contacto com estes alunos, para que não se sintam injustamente discriminados, relegados para segundo plano, ou se permita que sejam submetidos à mínima centelha de ridicularização por parte de qualquer dos seus pares.

III. 4.3 Outras atividades

4.3.1 Uma experiência com outra turma – 12.º I

No início do ano, a Professora orientadora tinha-nos informado que daríamos aulas à turma que escolhêssemos. Também fomos informadas que era necessária a avaliação com outra turma, para que a professora pudesse avaliar o nosso desempenho com outros alunos, sendo-lhe assim permitido o estabelecimento de parâmetros comparativos mais elucidativos e facilitadores de apreciações mais informadas e mais justas.

Nesse sentido, estive a acompanhar todas as turmas de 12.º ano da Professora Rosário desde o início e no 3.º Período com a sequência *Felizmente Há Luar!*, a Professora orientadora propôs-me a leção desta sequência à minha turma, e a outra

turma à escolha. Analisadas as turmas e comparando com os horários do estágio de Latim, foi consensual a escolha da turma 12º I, uma turma de Artes.

Era uma turma com poucos alunos, 20 alunos, pois alguns desistiram a meio do ano letivo, outros eram pouco assíduos e/ou participativos. É de salientar que a disciplina de Português era a única disciplina de escrita que estes alunos tinham, as restantes eram destinadas ao desenho, à multimédia, à tecnologia, entre outros.

Dei as aulas à minha turma, 12.º G, e a mesma matéria foi dada a esta turma. Senti desde logo uma grande diferença; eram alunos bastante calados, muito pouco participativos. Era evidente tratar-se de uma turma com baixo índice de motivação e participação, e algumas vezes tive de repetir o exercício mais lentamente, de forma a que todos os alunos acompanhassem o que estava a ser lecionado. Um fator que foi bastante favorecedor era que sabia desde bem cedo o nome de todos os alunos, tornando assim o ambiente em aula mais acolhedor, apesar de ser a primeira vez que lhes dava aula.

Esta experiência, no meu ponto de vista, foi uma das mais importantes do estágio, pois tive a oportunidade de contactar com outra turma analisar o comportamento de outros alunos, verificar que os métodos de trabalho que organizamos para uma turma, noutra são completamente diferentes, portanto tive de ter a capacidade de me moldar a esta situação. Foi assim uma experiência gratificadora, pois tirar-nos da nossa zona de conforto e depararmo-nos com métodos de trabalho completamente diferentes, enriquece o trabalho de um futuro professor – é o face a face com a diversidade, a necessidade de diversificação, aquele momento quase mágico em que o gesto, o olhar, uma simples palavra podem fazer uma grande diferença. Deve ser essa a razão de ainda haver gente apaixonada pelo que faz: ensinar e aprender com os outros.

CAPÍTULO IV

ESTÁGIO DE LATIM

IV. 1. Prática pedagógica na turma 11ºL

IV. 1.1 Caracterização da turma

O 11º. L da Escola Secundária de Camões, turma do curso de Línguas e Humanidades, composta no início do ano letivo, por nove alunos matriculados na disciplina de Latim, sendo um dos elementos do sexo masculino e os oitos remanescentes do sexo feminino. Os restantes alunos que compunham o 11.º L estavam inscritos nas disciplinas opcionais de Alemão, Literatura ou Matemática Aplicada às Ciências Sociais. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 15 anos e os 19 anos e eram todos de nacionalidade portuguesa.

Numa apreciação global e pessoal da turma, considero que o 11.º L era uma turma participativa, trabalhadora, empenhada, à exceção de três elementos da turma que pouco participavam. Era uma turma estudiosa, com bons resultados tanto na disciplina de Latim como nas restantes.

No respeitante à disciplina de Latim, era visível o estudo da disciplina, à exceção de duas alunas, sendo uma delas trabalhadora-estudante. Em alguns momentos verificou-se que alguns alunos não realizavam os trabalhos de casa. No entanto, na sua maioria, conseguiam acompanhar perfeitamente a aula e obter resultados satisfatórios nas avaliações.

De um modo geral era uma turma afetuosa, dócil e agradável, não havendo alunos distraídos. A pontualidade é que se pode registar como ponto negativo, pois os alunos chegavam geralmente atrasados às aulas.

IV. 1.2 Observação das aulas do Professor Mário Martins

No decorrer do estágio, pude assistir a todas as aulas do 11º. L lecionadas pelo Professor Mário Martins. O Professor Mário Martins só dava a disciplina de Latim a esta turma, nas restantes turmas lecionava a disciplina de Português.

A fase de observação das aulas do Professor Mário Martins foi importante para a minha atividade como docente no que concerne à disciplina de Latim. Como o estágio de Português já decorria há quase três meses, as respetivas aulas de observação inicial foram centradas mais na atitude do docente, e dirigi toda a minha atenção para questões associadas com a prática do ensino de Latim, como tal, tomei os seguintes pontos como referência: gestão do tempo para cada atividade; metodologias utilizadas; diversidade das atividades.

Pude constatar que o Professor utilizava maioritariamente o manual adotado, *Noua Itinera*, analisando, traduzindo e respondendo aos questionários dos textos aí presentes. No entanto, algumas vezes, fornecia aos alunos fichas informativas e fichas de trabalho.

As idas ao quadro eram feitas quase sempre pelas mesmas alunas, os restantes alunos, apesar de não participarem nestas atividades, mostravam que também realizavam o trabalho pedido. O estudo da língua era acompanhado com o estudo da cultura.

No geral, o Professor estabeleceu com os alunos uma relação cordial, mostrando flexibilidade na conciliação de interesses mútuos. No entanto, para comportamentos menos adequados que surgiram (pouquíssimos), o professor adotou uma postura mais normativa, assegurando o bom ambiente em sala de aula.

IV. 1.3 Prática de Ensino supervisionada

A minha PES na disciplina de Latim decorreu em diferentes momentos. Um desses momentos foi em janeiro, e serviu para tomar um primeiro contacto com os alunos, outro momento, em fevereiro, em que tive de preparar duas aulas com blocos de 90 minutos para cada aula e o último em junho num bloco de 45 minutos, não existindo uma planificação de aula, mas sim aplicação de ficha de trabalho.

O meu primeiro contacto com os alunos, tal como aconteceu com as minhas três colegas de estágio na disciplina de Latim, foi em janeiro. O Professor organizou uma seleta com alguns *epigramas* de Marcial, e, para tomarmos contacto pela primeira vez com os alunos, o Professor pediu para que cada estagiária escolhesse dois *epigramas* que ainda não tivessem sido dados em aula, para assim darmos uma sessão letiva, inicialmente num bloco de 45 minutos, e aí foi feita a tradução destes epigramas, foi

feita a tradução destes *epigramas* em conjunto com os alunos, assim como a aplicação de um exercício escolhido por cada estagiária. Este primeiro momento revelou-se muito importante, não só porque foi o primeiro contacto que tivemos com os alunos, mas também pela verificação do tempo que os alunos costumavam demorar para cada atividade.

Depois deste primeiro trato com os alunos, o Professor Mário Martins informou-nos de que as nossas aulas iriam decorrer durante o mês de fevereiro.

A segunda sequência didática foi preparada à semelhança da primeira. O Professor Mário deu a escolher em alternativa às docentes estagiárias a realização de um teste escrito e de uma ficha de trabalho (sendo que a ficha de trabalho era para ser aplicada em aula) ou a opção de lecionar uma aula de 90 minutos. Eu e duas colegas optamos pelo teste escrito e pela ficha de trabalho e outra optou pela aula de 90 minutos. A decisão de optar pelo teste escrito e pela ficha de trabalho deveu-se a considerar importante elaborar este elemento de avaliação, conceber um teste e os respetivos critérios, pois mais tarde, na minha carreira de docente, com certeza que o irei fazer.

A divisão da turma com as colegas de estágio foi uma boa experiência, pois ajudávamo-nos umas às outras sempre que necessário.

IV. 1.3.1 Sequências Didáticas

IV. 1.3.1.1 Preparação

A elaboração de materiais didáticos, bem como a preparação das aulas e o tempo destinado a cada tarefa a realizar em aula, suscitou algumas dúvidas, tal como já havia sucedido em Português.

O Professor Mário aconselhou tanto a utilização do manual adotado, pois os alunos levavam-no sempre para a aula, como também a utilização de outros manuais, inclusive emprestou-nos alguns que pudessem vir a ser úteis, para que os alunos tomassem contacto com todo o tipo de textos dos vários autores a estudar.

A minha primeira experiência como Professora de Latim, apesar de não ser contabilizada nem avaliada, serviu, como disse anteriormente, para minha integração enquanto professora com os alunos. Teve a duração de 45 minutos e, como os alunos

nas aulas anteriores estavam a dar os *epigramas* de Marcial, os conteúdos foram os mesmos, escolhi dois *epigramas*¹², como o professor sugeriu, e preparei a aula em função dos mesmos. Ainda que não tenha sido uma aula completa, era igualmente importante causar um bom impacto junto dos alunos, para formar desde logo um bom ambiente.

Como é natural, surgiram algumas dúvidas, tais como os métodos que deveria seguir para a tradução, ou qual exercício deveria escolher para trabalhar com os alunos. Em relação à tradução optei pelo método utilizado pelo Professor, para não causar estranheza aos alunos. Nesse sentido, no final da tradução, como tínhamos de realizar um exercício, pedi a duas alunas que se voluntariassem para irem ao quadro declinar uma expressão. Optei por fazer exercícios de treino e revisão sobre a terceira declinação, não querendo nesse primeiro momento causar um impacto negativo e demasiado exigente.

O meu segundo momento como discente de Latim foi a minha primeira sequência didática, planeada para dois blocos de 90 minutos sobre a temática do *Otium*, sobretudo as termas em Roma. Para esta sequência didática, decidi optar por um texto do manual, para que os alunos não sentissem muita diferença, elaborando no entanto um questionário de interpretação (cf. anexo 18) diferente do que continha o manual. O Professor sempre referiu que nas nossas aulas era elementar trabalhar a tradução, bem como a leção de um conteúdo novo de gramática, cultura, retroversão e etimologia. Assim, optei por dar como novo conteúdo as orações subordinadas completivas infinitivas (cf. anexo 19), pois no texto escolhido estavam presentes algumas, e, para os restantes itens, elaborei uma ficha de trabalho, tentando colocar exercícios que se relacionassem com o texto.

A leção do novo conteúdo gramatical foi bastante laborosa e enriquecedora. Depois de uma vasta pesquisa, querendo lecionar os conteúdos da forma mais clara possível, principalmente por os alunos terem exame nacional, realizei a ficha de informação e de trabalho com o intuito de tornar explícita a informação para que todos os alunos entendessem e, no final, apresentei exercícios de consolidação do conteúdo dado, pensando sempre nas melhores palavras e nas melhores questões para que os alunos entendessem sem dificuldade.

¹² *A mulher que o homem não deseja* I, 57 e *Dois mulheres ridículas* IV, 20.

Para realizar uma atividade mais dinâmica, optei por uma ficha de trabalho, “Vocabulário latino sobre termas romanas” (cf. anexo 20), com o objetivo de fornecer aos alunos um maior domínio de vocabulário acerca das termas.

Por fim, foi passado em aula um *PowerPoint* sobre as termas, não só para que os alunos consolidassem o novo conteúdo de cultura, mas também para lhes fornecer mais informações sobre esta temática.

Na preparação destas duas aulas, fiz uma vasta pesquisa na escolha dos materiais, principalmente por saber que se tratavam de alunos em ano de exame, tornando-se mais acrescida a responsabilidade.

O terceiro e último momento correspondeu à elaboração de um teste escrito (cf. anexo 21) e de uma ficha de trabalho (cf. anexo 22).

Devido ao pouco tempo que tínhamos, e sendo três estagiárias a realizar três testes diferentes, não foi possível a aplicação dos mesmos. No entanto, o teste que preparei, fi-lo à semelhança do exame nacional, bem como os seus critérios de correção e a matriz. A matriz serviu apenas para me orientar, visto que o teste não seria aplicado, como referi. Porém, como eram alunos de exame, o Professor achou importante entregar-lhes os testes e as correções que fizemos para que servissem de apoio ao estudo para o exame.

Em relação à ficha de trabalho aplicada em aula, o seu principal objetivo era preparar os alunos para exame (cf. anexo 23).

IV. 1.3.1.2 Execução

A execução da minha PES na disciplina de Latim foi marcante do ponto de vista positivo no que respeita à organização de materiais e à execução das diferentes tarefas letivas.

O primeiro momento, a tradução dos *epigramas* de Marcial, numa fase inicial não teve muita pesquisa e, ao contrário da preparação das aulas seguintes, este primeiro momento mostrou-se bem simples. Tive alguma preocupação na atribuição do exercício prático gramatical, que, como referi anteriormente, era necessário para ser aplicado em aula com os alunos. Elegi então um exercício de declinação (3ª declinação), que me pareceu adequado à situação.

A minha primeira sequência didática, segundo momento com os alunos, foi preparada para dois blocos de 90 minutos. Contudo, entre o primeiro momento e o segundo momento, houve de facto diferenças. A principal diferença verificou-se na gestão do tempo, aliada ao facto de perceber que os alunos estavam a entender os conteúdos dados.

O mesmo já não aconteceu no último momento de aula, na execução da ficha de trabalho. De um modo geral, os alunos responderam às questões colocadas, realizaram todos os exercícios pedidos e foram bastante participativos.

Quanto ao tema da minha PES, a “Viagem” das Palavras, este também esteve presente em Latim, ainda que com menor relevância do que na disciplina de Português. No primeiro momento referido, os *epigramas*, não foi possível enquadrar o meu tema, pois além de ser somente 45 minutos de aula, a aula servia apenas para um primeiro contacto com os alunos. No segundo momento, numa das fichas de trabalho que preparei, incluí um exercício de etimologia com palavras presentes do texto escolhido. Neste exercício, os alunos tinham de relacionar etimologicamente palavras portuguesas com os vocábulos latinos presentes (cf. anexo 24).

Para o teste realizei igualmente um grupo destinado à etimologia, tal como em exame nacional (cf. anexo 21).

Em relação à ficha de trabalho aplicada em aula, esta também teve a presença de um exercício de etimologia (cf. anexo 22). Tentei sempre relacionar o tema da minha PES com as aulas e as fichas dadas, ainda que por vezes fosse um pouco difícil de o explorar em aula, pois como éramos quatro estagiárias o tempo era bastante escasso optando por trabalhar apenas os conteúdos que o professor considerou essenciais.

IV. 1.3.1.3 Avaliação

A avaliação do 11.º L deu-se apenas de uma forma, através do sistema de observação direta.

A avaliação por observação direta fez-se por meio de tomada de notas em todas as aulas que lecionei e em todas as que observei, o que também fazia durante a observação das aulas lecionadas pelo Professor Mário. Esta tomada de notas serviu para me orientar, percebendo onde se encontravam as maiores falhas destes alunos.

A avaliação de final de período era feita somente pelo Professor e nas reuniões finais de período ficávamos a conhecer quer as notas de Latim, quer as notas das restantes disciplinas.

IV. 2. Conselhos de turma

Os conselhos de turma revelavam o conhecimento da turma em geral e davam informações sobre o comportamento dos alunos de Latim noutras disciplinas. Como, por exemplo, palavras que os alunos da disciplina de Latim ensinavam aos restantes alunos que tinham como colegas em opções noutras disciplinas.

Contrariamente aos conselhos de turma da disciplina de Português na Escola Secundária de Pedro Nunes, estes foram apenas de observação, não havendo qualquer tipo de contacto da minha parte no conteúdo das reuniões, nem envolvimento com os restantes docentes.

Nestes conselhos de turma eram abordados aspetos como: (1) avaliações do período; (2) assiduidade dos alunos; (3) focos de conversa acentuados; (4) visitas de estudo; (5) plano individual de leitura; (6) metodologias a adotar e (7) atividades a realizar.

Os conselhos de turma em Latim, tal como em Português, constituíam momentos reflexivos de aprendizagem para o futuro, evidenciando as diferenças de uma escola para a outra, pela vantagem de ter estagiado em duas escolas diferentes.

IV. 3. Visitas de estudo

No final de março, a turma de Latim, juntamente com outras turmas da escola, outros professores e as estagiárias, fez uma visita de estudo a Mérida.

Esta visita de estudo foi organizada pelos professores da escola, tendo a duração de um dia para visitar todos os vestígios romanos nesta cidade.

Em maio, os alunos de Latim do 11.º L realizaram uma visita de estudo ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, organizada por mim. Esta visita teve como principal objetivo a visualização de documentos antigos. A visita foi organizada num horário fora de aulas, pelo que só foi possível a presença de duas alunas.

Nesta visita de estudo, os alunos tiveram a oportunidade de ver uma edição de *Os Lusíadas* por António Melo, impressor da casa Real, e verificaram que a obra tinha licença do cabido da Sé, a licença da impressão do Rei e a licença de impressão da Inquisição. Era uma edição de 1669.

O Arquivo Nacional da Torre do Tombo é um local fundamental para os alunos que se interessem pela evolução/dimensão que a nossa língua atingiu, desde a formação do português até à atualidade.

CONCLUSÃO

A elaboração do relatório fez com que tivesse de olhar de forma retrospectiva o desenrolar da minha PES com um espírito crítico e reflexivo. Ao longo deste relatório tentei descrever as experiências vividas durante o estágio. O facto de ter estado em duas instituições distintas permitiu-me conhecer diferentes meios, pessoas, docentes, não docentes e discentes. Observei aulas, lecionei, participei em reuniões e outras atividades não letivas que influenciaram e alteraram positivamente a minha visão sobre a vida docente. A colaboração dos orientadores, dos alunos, dos auxiliares de ação educativa e dos demais professores foi fundamental pelo que me proporcionou desenvolver e enriquecer quer ao nível académico quer ao nível pessoal. Considero ter sido uma mais-valia assistir às aulas dos meus orientadores, e das minhas colegas, uma vez que todos eles, de certo modo, me influenciaram e me ajudaram a criar o meu próprio “estilo” de ensinar. Termina esta etapa com a esperança no trabalho dos professores pelos alunos e pela sociedade, devido à sua importância junto daqueles que compõem a comunidade escolar. Espero conservar este sentimento de otimismo enquanto professora, com a consciência de que um professor deve sempre atualizar-se e melhorar as suas competências, amadurecendo também ideias que possa pôr em prática no futuro.

A “viagem” que planeei teve como intento levar a que os alunos de Português e os de Latim percebessem a “passagem” de algumas palavras desde o latim até ao português atual. Ao entenderem que a língua está em permanente mudança, que sofrendo, por vezes, a influência de determinadas circunstâncias históricas e, estando atentos aos fenómenos de formação de palavras, estarão mais aptos a compreender a riqueza da nossa língua, a desenvolver uma maior consciência linguística, e a serem capazes de alargar o seu poder comunicativo de modo eficaz e correto. Assumindo, portanto, que o estudo da formação das palavras conduz ao sucesso na comunicação, foi nesse sentido que trabalhei com os meus alunos. A derivação e a composição são consideradas como sendo dos processos mais frequentes na formação de novas palavras na língua portuguesa, processos estes que foram herdados do latim, o que me permitiu fazer a ponte entre as duas línguas, disso mesmo dando conta neste relatório, da minha PES.

Considero importante mostrar aos alunos quer a sobrevivência de numerosos afixos latinos no português atual, quer o facto de alguns afixos herdados do latim terem deixado de ser produtivos e atualmente não serem utilizados para a formação de novas

palavras, quer ainda a circunstância de que algumas palavras herdadas do latim tenham sido não só adotadas mas também adaptadas (formal e semanticamente). Tais fenómenos evidenciam a constante mutação da língua, e, mais concretamente, que o alargamento do léxico é dinâmico e contínuo.

Concluo, assim, que para os alunos de Latim e de Português a etimologia é uma matéria que suscita interesse e curiosidade, despertadora da consciência linguística e, daí, justamente, merecedora de ser estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV (1993). *As línguas Clássicas – investigação e ensino I – actas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos.
- Ali, M. Said (1964) *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Almendra, M., Figueiredo, J.N. (1996). *Compêndio de Gramática Latina*. Porto: Porto Editora.
- Almendra, M., Figueiredo, J.N. (1996). *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Amor, E. (2006). *Didática do Português – Fundamentos e metodologia*. (6ª ed.). Lisboa: Texto Editores.
- Basílio, M. (2002). “Estruturas Lexicais” in Mateus, M. H. M. e Correia, C. N. (orgs.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (edição especial). Lisboa: Edições Colibri, pp. 73-82.
- Ceatano, M.C. (2003). *A formação de palavras em gramáticas históricas do português*. Lisboa. UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Caetano, M.C. (2003). *A formação de palavras na Gramática Histórica da Língua Portuguesa de Manuel Said Ali*. Retirado a 26 de junho de 2015 de: www.filologia.org.br/ixcnlf/17/03
- Câmara Jr., J.M. (1972). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada.
- Câmara Jr., J.M. (1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora.
- Casimiro, A., Lamy, F. (2011). *Exercícios de Português 12º Ano – Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Asa.
- Castro, I. (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editora Universidade Aberta.

- Coelho, J. (1985). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Coelho, M. C., Campos, M. J., Grosso, M.J. & Loureiro, M.S., Pascoal, J., Seixas, J. (2001). *Programa de Português 10º, 11º e 12º anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Coutinho, I. L. (1973). *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Académica (Biblioteca Brasileira de Filologia).
- Cuesta, P. V., Luz, M. A. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Fontinha, R. (1712). *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira.
- Grimal, P. (1995). *A Vida em Roma na Antiguidade*. Sintra: Publicações Europa – América.
- Grimal, P. (1998). *A Civilização Romana* (I. St. Aubyn, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Lomas, C. (2003). *O Valor das Palavras (I) Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Porto editora.
- Machado, J. P. (1967). *Origens do Português*. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa.
- Magalhães, O. Costa, S. (2012) *Entre Margens – Português 12º Ano*.
- Malkiel, Y. (1996). *Etimologia*. Madrid: Editora Cátedra.
- Martins, I. Freire, M. (2005). *Nova Itinera*. Porto: Asa Editores.
- Martins, I., Sardinha, M. L., & Silva, M. M. (2001). *Programa de Latim A – 10º ou 11º*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, I., Sardinha, M. L., & Silva, M. M. (2001a). *Programa de Latim A – 11º ou 12º*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, L. (2004). *Felizmente Há Luar!*. Porto: Areal Editores.
- Moreira, V., Pimenta, H. (2008). *Gramática de Português 3.º Ciclo Ensino Básico e Ensino Secundário*. Porto: Porto Editora.
- Pais, A. (1992). *Para Compreender Fernando Pessoa*. Porto: Areal Editores.
- Pais, A. (1992). *Para Compreender os Lusíadas*. Porto: Areal Editores.

Pinto, A. D. Nunes, P. (2015). *Entre Nós e as Palavras – Português 10.º ano*. Lisboa: Santillana;

Saramago, J. (2009). *Memorial do Convento*. 45ªEd. Lisboa: Caminho.

Sequeira, F.J.M (s.d.). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Popular.

Silva, P. Cardoso, E., Moreira, M., Rente, S. (2012) *Expressões – Português 12.º*. Porto: Porto Editora.

Vasconcelos, J. L. (1966). *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

Vilas-Boas, A. Vieira, M. 2013). *Entre Palavras – Português 9.º ano*. Lisboa: Leya Editora.

Viñas, X. L. & Caetano, M. C. (2010). “Os prefixos de negação nas gramáticas históricas do português e do galego”, in Moreno, A. (org.) *Cadernos WGT – Negação*, Lisboa: CLUNL, pp. 5-11. Retirado a 3 de julho de 2015 de: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/neg_2prefixos.pdf

Williams, E. (1961). *Do Latim ao Português – Fonologia e Morfologia Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro.

Sítios WEB:

<http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/bec> - consultado em janeiro de 2015.

<http://www.thelatinlibrary.com/> - consultado em maio de 2015.

<http://www.espn.edu.pt/> - consultado em outubro de 2014.

<http://www.escamoes-web.sharepoint.com/Pages/Historia.aspx/> - consultado em outubro de 2014.

Anexos

Anexo 1



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 1º Período
Turma: 12ºG

Antologia de textos sobre Alberto Caeiro

I.

Para Pessoa, a busca de uma saída pela via de Caeiro não é apenas mais uma especulação filosófica ou mera experimentação poética, mas uma questão de sobrevivência: saúde e salvação. Sofrendo agudamente da doença ocidental, debatendo-se na busca de um “eu profundo” que quanto mais se busca mais se perde – porquanto o pensamento se volta, afiado e aniquilador, contra o próprio ser pensante – Pessoa foi ao extremo desse descaminho, até o ponto em que essa doença toma o nome de loucura, paralisia e máia.

Há um momento em que a hiperteia da mente analisante torna o viver impossível. A fenda monstruosa entre o sentir e o pensar clui o indivíduo, que não se decide entre ser sujeito ou objeto, que já nem mesmo sabe se existe, mas que, desgraçadamente, continua a sofrer, com um “coração” excessivo que nem aguenta nem estala, que não se pode deitar às ondas do mar, nem suportar num corpo inequivocamente real e próprio.

A interrupção de Caeiro, como mestre de vida e de poesia, é a busca de uma saída-saúde. Seu Paganismo Absoluto é, por definição e programa, um anticristianismo: contra “esta endurecida e secular mentira do monotetismo humanitário que caracteriza o cristianismo”. É a recusa de toda uma história do sentir. X pensar que culminou, segundo Ricardo Reis, nos “degenerados filhos da civilização cristã, indiferentes por doença e por fastio”. (...) Contra o “fermento subjetivista cristão”, contra o “banho morno da emotividade cristã”, Caeiro busca e propõe outra coisa.

Propõe uma espécie de filosofia: porém, ao avesso dos sistemas filosóficos de nossa tradição, despreza a razão e o intelecto, desconfia das explicações totalizantes. Promete, como nas religiões, uma harmonia, uma união, a paz interior e a libertação. Caeiro consola como quem conhece o mal, a sua obra “é uma repouso e um livramento, um refúgio e uma libertação”. Entretanto, o seu paganismo “não representa uma fé, mas uma visão intelectual da verdade”.

Leyla Perrone-Moisés, in *Fernando Pessoa, Aquém do eu, além do outro*, São Paulo, 1ª Edição, Martins Fontes, 1982.

II.

Caeiro é a nossa reconciliação com o universo, o regresso à idade idílica da harmonia com a Natureza que, aliás, não é idílica. Na verdade, Caeiro é o mero sonho desse sonho. Nós não podemos recuperar a alma grega que o cristianismo corroe em remédio. Não podemos ser pagãos sem inocência. Caeiro não é uma saída verdadeira do labirinto do Tempo, o nada vivo em que estamos, como Pessoa o vislumbra. É uma porta pintada para nos fazer crer que tocamos com mãos de vida e não de sombra o autêntico real.

Eduardo Lourenço, in *Fernando, Rei da nossa Bandeira*, Lisboa, Imp. Nacional, 1986

Mestranda: Tânia Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 1º Período
Turma: 12ºG

tudo o tempo que passou e que está a passar e tem pena de ter anado porque <<sentir é estar distraído>> do que lhe merecia a atenção interna. Afinal, vem-lhe à memória um sentimento...

Em relação a um tempo futuro, encara-o de três modos. O futuro é uma repetição de presentes de que colhe essencialidade. É também a certeza da morte que o deixa inalterável (...).

Ao pensar no futuro, como ao pensar no passado, está a destruí-lo por suas próprias mãos porque nega o que afirma ser o fulcro da sua vida: a vivência da realidade no momento, o nascimento a cada minuto.

Maria Glória Padrão, in *A Metáfora em Fernando Pessoa*, Porto, Inova, 1982.

IV.

... a poesia de Caeiro não obedece sempre à sua declarada (demasiado declarada) postura filosófico-estética.

Fique claro, se ainda não estiver, que as contradições de Caeiro em nada afetam a qualidade poética da sua obra, antes conferem-lhes aquela tensão oximórica (já vimos que não é dialética) que é a marca constante de Pessoa, sua originalidade e sua modernidade (...).

- 1) Apesar de suas declarações antiintelectualistas, Caeiro é, como os outros heterónimos, um poeta intelectual.
- 2) A poesia de Caeiro nasce de um paradoxo do tipo: “Afirmando que nunca afirmo coisa alguma”; ou: “Quero explicar-lhes que não há nada a explicar”; ou: “Não me manifesto sobre essas coisas” (o que já é uma manifestação), etc.
- 3) Isso ocorre porque a poesia de Caeiro contém sua própria teoria e a teoria é a de que não se deve teorizar.
- 4) A poesia de Caeiro é didática. Caeiro não é somente o mestre dos outros heterónimos e do ortónimo, mas primeiramente, o mestre aplicado de si mesmo. Em sua poesia, há um constante desdobramento diabólico: nela, um “mestre” da constatação e da sensação pura está sempre em debate com um “discípulo”, que talvez em revidar na análise e na abstração. Assim, a “naturalidade” de Caeiro não é natural; sua poesia é um esforço em direção a essa alhejada naturalidade, uma árdua aprendizagem do desaprender. Caeiro está constantemente ensinando-se a ser “Caeiro”. Daí a frequência em sua obra de expressões como: “Quem me dera...”, “se eu pudesse...”, “Que difícil...”, “Nem sempre consigo...”, etc. Como “mestre” e “discípulo” são um só, e não há “progresso” nessa aprendizagem, temos, aí também, um dialogismo que não é dialético (que se ultrapassa numa síntese), mas um dialogismo oximórico. Sua poesia se faz da contrivência de suas tendências opostas, de um desejo de simplicidade e uma fatalidade da complicação.

Vários críticos têm apontado os conflitos de Caeiro, e desmistificado sua “naturalidade” e sua “simplicidade”. Eduardo Lourenço, em particular, escreve magnificamente:

Mestranda: Tânia Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 1º Período
Turma: 12ºG

III.

O presente é o ponto de impacto da eternidade no tempo; é em cada colisão que Fernando Pessoa inscreve a evocação de um passo, a projeção de um futuro para que vai partir cansado, e a construção da Hora em que o Campos sensacionista tudo concentra, ou a vivência do instante de Caeiro ou de Reis que conferem ao presente outra espécie de totalidade – só o que ao Momento pertence – ou ainda, e como mais verdade, a realização de um absurdo à medida que o tempo, feito de instantes, vai correndo.

Falar de um tempo psíquico em Alberto Caeiro ou querer interpretar as suas posições em relação a qualquer problemática pode parecer uma tração. Ele é simples de definir: tem um ritmo de existir que bate certo com o da natureza e, antevendo uma apreciação à sua vida, adverte aos biógrafos de que ela não tem mais do que duas datas – a da nascer e da morte.

A sua temporalidade psíquica é estática: não recorda, nunca faz planos, nunca constrói – passa e cada instante é feito de uma duração igual à dos relâmpagos, ou à das flores, ou à das árvores, ou à do sol. É sempre um tempo objetivo que coincide exatamente com a sucessão do curso normal dos dias, das noites e das estações e com a diferenciação dos estados atmosféricos ou da paisagem. Faz da Natureza uma verdade absoluta, realidade com que se deve identificar na sua passagem à materialização ou à circunstância temporal. Nela, <<as coisas não têm significado: têm existência>>.

No estado de alerta que tem de manter para viver assim, Alberto Caeiro faz do seu tempo uma reinvenção continua, uma sucessão de experiências que fazem um tempo sem história. Se esta tem como finalidade específica, estabelecer uma continuidade entre os diferentes momentos do tempo e fazer aparecer qualquer princípio de que procedam, Caeiro, criador de momentos descontínuos, não a tem. No instante presente, um instante passado não se encontra nem se prolonga. Este poeta pretende ser o poeta da independência mais perfeita sonhando com um tempo que é sempre criação primeira e única, sem atuação de inteligência mas só operação da sensibilidade, numa sequência de experiências desligadas. O tempo começa numa ausência para ir acabar no mesmo vazio.

No entanto, encontramos uma continuidade porque esse tempo é uma criação continuamente descontínua. O poeta e o universo sempre inventados e reinventados numa repetição que se quer diferente, aparecem como um eu e um universo sempre imediatamente saídos da vontade que os escolheu. Só assim se unem. A direção deste modo não é a que vai do passado para o futuro nem no futuro para o passado; a sua verdadeira direção é a que vai do instante isolado a uma continuidade temporal. Com todos os instantes dados, ele faz uma unidade de tempo, afinal.

Alberto Caeiro não poderia evocar um passado sob pena de se contradizer. Nem deveria falar de um futuro. Querendo viver no instante, não tinha o direito de desejar a vida na permanência entre os instantes. Mas por muito cuidadosamente que arquitecte a sua filosofia, deixa de quando em vez transparecer a marca humana numa poesia de ideias abstratas e impossíveis: redigindo umas notas biográficas para aviso de que o ler, liga-se, forçosamente, a

Mestranda: Tânia Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 1º Período
Turma: 12ºG

“... o que ele é, do que vive cada poema e da distância (infinita) que separa consciência e mundo, olhar e coisa vista. Caeiro nasce para a anular, mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irônica e gravemente se articula” (in *Pessoa Revisitado*, Porto, Ed. Inova).

Caeiro não é a solução dos problemas de Pessoa; é o espaço mesmo da cisão, no intervalo, que nasce o mestre dos outros nomes. E o espaço Caeiro, no conjunto da obra pessoana, é o mais respirável, um entreto instantâneo e graciosamente abrigado das dilacerações maiores, uma zona de cura, mesmo se apenas uma cura sonhada. Ainda, Eduardo Lourenço:

“Com efeito, desde a origem (conhecida) a consciência poética de Pessoa glosa o abismo que separa consciência e realidade, abismo que vive como insustentável ausência de si a si mesmo ao mundo. A cura fulgurante para o que não tem cura manifesta-se-lhe justamente sob a forma Caeiro, pastor sem metafísica nenhuma como por ironia se chama, ceifeira perfeita mas em sonho, na realidade o Pessoa mais distante de si mesmo que foi possível conceber-se, e nessa distância o mais próximo, se o mais próximo é o que nós sonhamos e não o que somos.” (in *Pessoa Revisitado*, Porto, Ed. Inova)

Leyla Perrone-Moisés, in *Fernando Pessoa, Aquém do eu, além do outro*, São Paulo, 1ª edição, Martins Fontes, 1982

V.

Ao não pensar, pensando, corresponde em Caeiro a simplicidade da linguagem, a total liberdade da palavra essencial e poética, face a esquemas versificatórios e rimáticos, (...) a simplicidade e caráter concreto do vocabulário, quase todo do campo lexical da natureza, o parco uso de adjetivos (só descritivos, não valorativos, denunciando juízos de valor subjetivos), o recurso a tautologias, sinetrias, paralelismos de construção, ao uso predominante da coordenação (com exceção de frases comparativas ou causais), a pontuação predominantemente lógica e o parco recurso a figuras de estilo, com exceção da comparação, da metáfora-base que ele próprio é, e do oxímoro que é também o seu próprio pensamento antipensamento.

Amélia Pinto Pais, 2005. *História da Literatura em Portugal – Uma Perspetiva Didática*, vol 3, Porto: Areal

Mestranda: Tânia Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



Escola Secundária de Pedro Nunes
Disciplina de Português
Professora Tânia Figueiredo

Introdução ao projecto

Foi proposto à turma, pela professora Tânia, a elaboração de um glossário sobre Alberto Caeiro. Este projeto pretende explicar o significado de palavras que, por norma, são utilizadas para descrever e caracterizar a poesia de Caeiro.

Como tal, o glossário abaixo apresentado, vai incidir em significados relativos à poesia do heterónimo de Fernando Pessoa, havendo a possibilidade de alguns destes, não se identificarem com o sentido denotativo.



Escola Secundária de Pedro Nunes
Disciplina de Português
Professora Tânia Figueiredo

Glossário sobre Alberto Caeiro

Alberto Caeiro – Heterónimo de Fernando Pessoa; Sensacionista; Anti metafísico;
Anti pensamento / Anti intelectualista – Recusa o pensamento/ intelectualização;
Anti metafísico – Não acredita em respostas fundamentadas em entidades transcendentais, não observáveis.
Bucólico – Espaço campestre.
Continuidade descontínua – Seguimento de momentos dispersos que, unidos, fazem uma continuidade descontínua.
Contradição – Pensar o que sente; Procurar o significado dos sentidos/emoções;
Consciência – É indesejável, uma vez que obriga a pensar;
Cura – Sentidos;
Doença – Pensar;
Esforço – Tentativa de desprender o pensamento das sensações; tentativa de encerrar a vida única e exclusivamente através de sensações e emoções.
Existência – Nascer, viver e morrer; isto é, a existência baseia-se num processo natural e básico, sem quaisquer factores subjectivos.
Filosofia – “Eu não tenho Filosofia: Tenho sentidos...”
Graciosidade – Simplicidade; Cuidado na distribuição das palavras nos poemas;
Hipertrofia –
Independência – Livre do pensamento; Livre de um raciocínio lógico
Inocência – Ingenuidade de levar a vida sem recorrer ao pensamento;
Interpretação – É feita pelo modo mais objectivo e preciso; As coisas são como elas são;
Juízos de valor – São feitos àqueles que pensam e que associam um segundo sentido aos diversos acontecimentos e realidades.
Liberdade – Libertação da problemática do pensamento;
Mestre – Professor dos restantes heterónimos, por ser um sensacionista, por refutar o pensamento.
Momento – É breve e instintivo.
Memória – Raramente assombra a mente de Caeiro e é visto como algo negativo, uma vez que obriga a pensar;
Nilista – Não defende nenhuma religião, partido político ou questões sociais.
Natureza – Fonte de inspiração; representação da simplicidade e beleza.
Objectivo – Os diversos acontecimentos e realidades são identificados com os significados mais simples e literais; o poeta limita-se a aceitá-los não recorrendo assim a subjectivismos para os explicar.
Presente – Tempo do indicativo mais presente na poesia de Caeiro, uma vez que este não se agarra ao passado nem anseia pelo futuro.



Escola Secundária de Pedro Nunes
Disciplina de Português
Professora Tânia Figueiredo

Problemática – Sentir sem pensar nesses mesmos sentidos/emoções/sentimentos;

Questão – “O mistério das cousas[...]”

Realidade – Presente.

Sensacionista – Vive a partir de sensações.

Saber – Caracteriza-se na simples aceitação dos factos.

Tempo – Corre simplesmente; não é levado em consideração.

Utopia – Sonho de viver num mundo sem recorrer ao pensamento.

Visão – Sentido mais utilizada por Caeiro para entender o mundo.

X –

Z –

Carolina Muralha
12ºG
Nº7



Escola Secundária 3º ciclo EB de Pedro Nunes
Professora: Rosário Andorinha Silva
Mestranda: Tânia Figueiredo
Aluna/nº turma: Bruna Ferreira; nº 6; 12ºG
Disciplina: Português

Glossário sobre a Poesia do heterónimo de Fernando Pessoa – Alberto Caeiro

- **A – Antimetafísica** – Alberto Caeiro é antimetafísico, pois diz rejeitar o pensamento e a filosofia e, principalmente, o transcendente;
- **anticristianismo** – Caeiro não acredita em nada que não provenha de algum dos cinco sentidos;
- **B – Busca** – Procurar; Fernando Pessoa «busca» uma saída para o excesso de pensamento utilizando o seu heterónimo Alberto Caeiro;
- **C – Cefaleia** – Alusão a um poema de Fernando Pessoa, onde este fala de uma cefaleia;
- **D – Desprezo** – Caeiro despreza a razão e o intelecto;
- **E – Eternidade** – Para Caeiro o presente tem muita influência na eternidade;
- **F – Futuro** – Caeiro rejeita, por completo, a ideia de futuro;
- **G – Guardador** – Caeiro é conhecido como o guardador de rebanhos;
- **H – Heterónimos** – Alusão aos outros heterónimos, de quem Caeiro é mestre;
- **I – Instante** – Caeiro vivia o agora, o instante;
- **J – Juízos** – Alusão a juízos de valor;
- **L – Liberdade** – Caeiro tinha a liberdade da palavra, da construção frásica;
- **M – Memória** – Por vezes, vinham-lhe à memória certos sentimentos, isto é, pensava neles, o que contradiz a sua filosofia de vida: a antimetafísica;
- **N – Natureza** – Alberto Caeiro é considerado o poeta da Natureza;
- **O – Originalidade** – Era original enquanto compositor de poemas;
- **P – Pensamento** – De todos os heterónimos, é Caeiro quem mais rejeita o pensamento;
- **Q – Qualidade** – Na poesia de Caeiro, embora seja considerada prosaica, existe bastante qualidade;
- **R – Reinvenção** – Caeiro reinventa o tempo na sua poesia;
- **S – Sensacionista** – Poeta das sensações;
- **T – Tempo** – alusão ao tempo psíquico em Caeiro;
- **U – Universo** – O universo sofre um processo de reinvenção juntamente com o poeta;
- **V – Visão** – A visão é o sentido que Alberto Caeiro mais privilegia;



Glossário da Antologia sobre os textos de Alberto Caeiro



Trabalho realizado por: Acílio Gala
nº1 12ºG

momento em que a hipertrofia da mente torna impossível o viver.

Irrupção (I.14) txt.I - n.f. acto ou efeito de irromper; invasão repentina. Caeiro irrompe como mestre da vida e da poesia, procurando uma saída-saúde, é contra o Cristianismo, prondo outra coisa.

J

Livramento (I.26) txt.I - n.m. acto ou efeito de livrar; resgate; libertação.

Mestre (I.14) txt.I - n.m. indivíduo que ensina, aquele que é versado numa ciência ou arte. Mestre de todos os heterónimos por ser sensacionista, por refutar o pensamento.

Natureza (I.9) txt.III - n.f. conjunto de coisas criadas; totalidade das forças. Caeiro estava em constante comunhão com a Natureza por ser pagão, identificava-se com elementos naturais.

Oximoro - n.m. combinação engenhosa de palavras contraditórias ou incongruentes. Uma das características do discurso de Caeiro é o uso de oximoros.

Paganismo (I.15) txt. - n.m. religião dos pagãos. Caeiro era um pagamista naturalista, que tinha uma relação próxima com a natureza, que acreditava na existência material como única verdade das coisas e na presença divina no mundo.

Q

Refúgio (I.26) txt.I - n.m. lugar onde alguém se refugia; abrigo. Caeiro consola como quem conhece o mal, sendo a sua obra um refúgio.

Antiintelectualistas (I.7) txt.IV - Alguém que se opõe ao que é intelectual. Pois Alberto Caeiro sempre teve uma postura anti metafísica e uma atitude sensacionista das quais destas advém a recusa do pensamento e a valorização dos sentimentos (sobrepondo-se esta ao pensamento) respetivamente.

Busca (I.1) txt.I - n.f. acto ou efeito de buscar; pesquisar. Alberto Caeiro debate-se na procura do "eu profundo" que quanto mais se busca mais se perde.

Cinde (I.9) txt.I - acto ou efeito de cindir v.t. (cortar, separar, dividir). A oposição entre o sentir/pensar em Caeiro divide-o, pois ao contrário de Pessoa, Caeiro tenta sentir sem recorrer ao pensamento.

Doença (I.7) txt.I - n.f. Falta de saúde. No caso de Alberto Caeiro este ficava doente por pensar e intelectualizar.

Experimentação (I.2) txt.I - n.f. acto de experimentar; ensaio. Alberto Caeiro é uma experiência de Fernando Pessoa em que este tem de aprender várias coisas com Caeiro (a ser um ser uno, a viver sem dor, a combater o vício de pensar, etc.)

Fatalidade (I.29) txt.IV - n.f. destino inevitável; qualidade fatal.

Glosa (I.51) txt.IV - n.f. composição poética; desenvolvimento de um tema. A consciência poética de Pessoa glosa a fenda que existe entre a consciência e a realidade.

Hipertrofia (I.8) txt.I - n.f. desenvolvimento anormal, exagerado, de um órgão sem alteração real do seu tecido. Existe um

Sentimento (I.48) txt.III - n.m. acto ou efeito de sentir; sensação, sensibilidade; faculdade de compreender, intuição. Alberto Caeiro dava muita importância às sensações (devido à sua atitude sensacionista) sobrepondo-as ao pensamento.

Tautologias (I.6) txt.V - n.f. proposição dada como explicação ou como prova, mas que, apenas repete em termos idênticos ou equivalentes, o que já foi dito. Ao não pensar, pensando, corresponde em Caeiro o recurso a tautologias.

Universo (I.1) txt.II - n.m. conjunto de tudo quanto existe, como um todo. Caeiro é a nossa reconciliação com o Universo, representando o regresso aos tempos bucólicos.

Vazio (I.31) txt.III - adj. que não encerra nada ou só ar; que tem falta de algo. Caeiro sonha com um tempo que é sempre criação única e primeira, sem atuação da inteligência mas só da operação da sensibilidade, começando esse tempo num vazio e acabando nele.

X

Z

Glossário

A

Abstracção- Filosoficamente, trata-se da separação mental de um ou mais elementos concretos de uma entidade complexa (facto, representação) desprezando outros que lhe são inerentes. Alberto Caeiro nega a metafísica que valoriza o conhecimento abstracto. Para ele, tudo é concreto e objectivo. Há muitas vezes a transformação do abstracto no concreto, frequentemente através da comparação.

Aceitação- Consentimento no mundo tal como ele é, de uma forma simples e objectiva, e também no envelhecimento e na morte.

Adjectivação- Parco uso de adjectivos na sua poesia.

Alberto- Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa.

Aniquilador- Que ou aquilo que aniquila; destruidor. É uma característica que, no ponto de vista de Alberto Caeiro, se pode atribuir ao pensamento.

Anticristianismo- Doutrina oposta ao Cristianismo. Característica presente em Caeiro, que não tem religião, já que esta não figura entre os dados imediatos da sensação pura e directa.

Antilirico- Constrói os seus poemas a partir da matéria não-poética.

Antimetafísico- Recusa o pensamento e a filosofia e não tem crença em respostas e fundamentos em entidades transcendentes, do além.

Antintelectualista- Que é contra a intelectualidade. É uma característica que muito predomina na poesia de Alberto Caeiro, que privilegia as sensações em detrimento do pensamento. Procura libertar-se de tudo o que envolva o acto de pensar, de intelectualizar, e que possa perturbar a apreensão objectiva da realidade concreta.

Antipensamento- Que recusa o acto de pensar. Esta negação do pensamento a favor das sensações está constantemente evidenciada nos poemas de Alberto Caeiro, que recusa o pensamento metafísico- "*pensar não é compreender*" / "*pensar é estar doente dos olhos*".

Ausência- A ausência de rima é umas das características formais da poesia de Caeiro.

Autêntico- Para Caeiro, o que é fidedigno, verdadeiro, é a realidade, concreta e objectiva, e não algo subjectivo, místico ou intelectual.

Dialogismo- Apresenta-se como a arte de dialogar. Em Caeiro há um "dialogismo oximónico", pois a sua poesia constrói-se a partir de tendências opostas, de um desejo de simplicidade e uma fatalidade da complicação.

Didáctico- Característica da poesia de Alberto Caeiro, relativa à didáctica ou ao ensino, servindo para instruir e que facilita a aprendizagem. Caeiro está constantemente a ensinar-se a ser Caeiro.

Discípulo- Aquele que recebe instrução ou ensino de alguém ou ainda o que segue os conselhos, ideias ou doutrinas de outrem; aluno; sectário.

Doença- Pensar ("Pensar é estar doente dos olhos").

E

Epicurismo- Vivência do presente, gozando em cada impressão o seu conteúdo original.

Estático- Relativo à estática; parado, imóvel. Alberto Caeiro apresenta-se como o poeta da temporalidade estática, pois vive no presente, não quer saber do passado ou do futuro. Cada instante tem igual duração ao dos relâmpagos, ou à das flores, ou ao do sol e tudo o que vê é eterna novidade. É um tempo objectivo que coincide com a sucessão dos dias e das estações.

Existência- Maneira de viver; realidade. Alberto Caeiro aceita a existência das coisas tal como são sem necessidade de compreensão, de racionalidade. Tem a crença de que as coisas não têm significação: têm existência e ela é o seu próprio significado.

Exterioridade- Característica que para Caeiro é a realidade, não devendo acrescentar-lhe impressões subjectivas.

F

Fatalidade- A morte apresenta-se como destino inevitável para Caeiro.

Fenda- Separação entre o sentir e o pensar.

Fermento- Caeiro opõe-se ao crescimento/aumento subjectivista cristão, propondo o paganismo.

Futuro- Não existe porque é campo de miragens enganadoras. Defende a vivência da realidade no momento. O futuro é encarado como uma repetição de presentes e mostra-lhe também a certeza da morte.

B

Bucólico- Relativo à vida dos pastores; campestre; simples; gracioso; inocente. Apresenta-se como uma das características bastante presentes em Caeiro, ligada à ruralidade e comunhão com a Natureza.

Busca- Procura; Fernando Pessoa «busca» uma saída para o excesso de pensamento utilizando o seu heterónimo Alberto Caeiro.

C

Caeiro- Nome de um heterónimo de Fernando Pessoa. Para Fernando Pessoa, apresenta-se como o mestre de todos os outros heterónimos e do próprio ortónimo. É o poeta do real objectivo, da Natureza, da temporalidade estática, da antimetafísica e da crença de que as coisas não têm significação: têm existência.

Campos- Referente a Álvaro de Campos, um heterónimo de Fernando Pessoa.

Comparação- Figura de retórica presente nos seus poemas que estabelece uma relação de analogia entre dois termos.

Consciência- Caeiro distancia consciência (relativa ao pensamento e à introspecção) e mundo. Caeiro tende a anulá-la, mas é no espaço que que separa consciência e sensação.

Coordenação- Ligação de orações ou grupos de palavras que desempenham a mesma função sintáctica, através de uma conjunção coordenativa (coordenação síndetica) ou de uma vírgula (coordenação assindética). A coordenação é muito utilizada na poesia de Alberto Caeiro.

Constatação- Acto de constatar, verificar, comprovar, presente na poesia de Caeiro.

Contradição- Esta incoerência entre actos ou ditos sucessivos pode encontrar-se na poesia de Alberto Caeiro. ("Eu nunca guardei rebanhos"). Caeiro contradiz-se por ser um poeta intelectual quando se afirma antintelectualista e a sua poesia constrói-se a partir de tendências opostas.

Criança- Símbolo supremo da vida, que representa a inocência, a simplicidade, a ingenuidade.

D

Deambulismo- Hábito de deambular; vida errante. Alberto Caeiro, na sua qualidade de pastor, passeia-se a observar o mundo, de forma paciente, passiva e calma.

G

Guardador de Rebanhos-Característica de Alberto Caeiro.

H

Harmonia-Disposição bem ordenada entre as partes de um todo, conformidade; concórdia, paz. Alberto Caeiro tem muito presente nos seus poemas uma comunhão harmoniosa com a Natureza.

Hipertrofia- Desenvolvimento ou crescimento excessivo da mente, que torna impossível a vivência de Alberto Caeiro.

Heterónimo- É o traço profundo da fragmentação da personalidade em Pessoa e a tendência para a simulação - ser outro, fingir, transformar-se. Na "Carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos" (Textos de Crítica e Intervenção, Lisboa, Ática, 1980, pp. 202-208), Fernando Pessoa define os heterónimos como "várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real", fixadas mentalmente em "figura, movimentos, carácter e história", nascidas de um "poder de despersonalização" que permitiu a irrupção em si de novos indivíduos. O heterónimo é um autor ficcional, dotado de uma autonomia que inclui uma identidade, um percurso biográfico, relações interpessoais, um estilo próprio. Distingue-se do pseudónimo, que implica apenas a assinatura de uma obra com um nome criado pelo autor. Exemplos de heterónimos são Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, de Fernando Pessoa.

I

Idílico- Relativo a idílio; pastoril, bucólico; que envolve sentimentos ternos e puros; relativo a fantasia ou sonho. Passeando a observar o mundo, Caeiro personifica o sonho da reconciliação com o universo, com a harmonia pagã e primitiva da Natureza.

Ingenuidade- Caeiro sente uma atracção pela infância, como sinónimo de pureza, inocência e simplicidade, porque a criança não pensa, conhece pelos sentidos como ele, pela manipulação dos objectos através das mãos.

Inocência- Caeiro tenta ser como as crianças, que ignoram o mal e são possuidoras de pureza, candura, ingenuidade e levam um estilo de vida simples e livre.

Instante- Iminente; urgente; momento; lapso de tempo muito curto. Para Alberto Caeiro, todos os instantes são a unidade de tempo. O tempo é a ausência de tempo, sem passado, presente ou futuro.

Intelecto- Caeiro recusa o pensamento, despreza a intelectualidade. Valoriza a aquisição do conhecimento através das sensações não intelectualizadas.

Irregularidade - A escrita de Caeiro é simples e, em termos formais, é caracterizada pela irregularidade métrica e estrófica, pela ausência de rima e por esquemas rimáticos variados.

Irrupção- Invasão súbita e impetuosa de Caeiro como mestre de vida e de poesia.

J

Não foram encontradas palavras.

K

Não foram encontradas palavras.

L

Libertação- Procura libertar-se da razão e do pensamento e de tudo o que foi convencionalmente aprendido ("desaprender" o que foi ensinado).

Lógica- Encadeamento regular ou coerente das ideias e das coisas; coerência; método; racional, de que Caeiro procura libertar-se e que despreza.

M

Materialização- Há uma transformação material das coisas, no sentido em que a matéria se sobrepõe ao espírito. A realidade das coisas visíveis é que é importante.

Mestre- Alberto Caeiro apresenta-se como "Mestre" dos outros heterónimos e do próprio Fernando Pessoa Ortónimo porque, ao contrário destes, consegue submeter o pensar ao sentir, o que lhe permite: viver sem dor; envelhecer sem angústia e morrer sem desespero; não procurar encontrar sentido para a vida e para as coisas que o rodeiam; sentir sem pensar; ser um ser uno (não fragmentado). É o Mestre por ser sensacionista e por refutar o pensamento.

Metafísica- A ciência das coisas abstractas, intelectuais, de tudo aquilo a que a Ciência Física não dá resposta. É, no fundo, o conjunto de reflexões que visam a explicação racional da realidade, partindo da experiência, mas ultrapassando-a, de forma a chegar a realidades que a transcendem. Alberto Caeiro é antimetafísico, recusando o pensamento metafísico, afirmando que "*pensar não é compreender*" e recusando o mistério e o misticismo. Toda a verdade possível vem pela via sensorial e não pelo caminho da especulação metafísica.

Novidade- Está atento e crê na "eterna novidade do mundo".

O

Objectivismo- Presente na atitude prática de Caeiro que consiste numa referência ou subordinação sistemática aos dados objectivos, isto é, verificáveis pelos sentidos. Apreensão da realidade limpa e concreta das coisas, negando atitudes de interpretação.

Olhar- Fixar os olhos em algo, observar, examinar. Remete para a visão, o sentido mais privilegiado por Alberto Caeiro, que vê as coisas apenas com os olhos e não com a mente. É um olhar concreto, objectivo, onde ver é conhecer e compreender o mundo.

Ortónimo- Tudo o que se diz ser da autoria do artista e assinado por ele próprio. Aqui refere-se à poesia de Fernando Ortónimo que se caracteriza por temáticas relacionadas com o fingimento artístico, a dor de pensar e a nostalgia de infância.

Oxímoro- Recurso estilístico presente na poesia de Caeiro que consiste em reunir, no mesmo conceito, palavras de sentido oposto ou contraditório.

P

Paisagem- Ligada à Natureza, pode dizer-se que se integra nos poemas de Alberto Caeiro, que observa tudo em seu redor, tudo o que avista e que pertence ao mundo natural, com uma visão inovadora, simples e objectiva.

Paganismo- Designação dada pelos cristãos à religião politeísta dos Gregos e dos Romanos, que se caracterizava pela crença em diversos deuses e pelo culto prestado a imagens. O Paganismo Absoluto apresenta-se como uma característica de Caeiro que pela crença na Natureza se revela um poeta pagão, que sabe ver o mundo sensível onde se revela o divino, em que não precisa de pensar.

Panteísmo- Doutrina segundo a qual Deus não é um ser pessoal distinto do mundo: Deus e o mundo seriam uma só substância. Alberto Caeiro reveste-se de um panteísmo naturalista, onde Deus está na simplicidade e em todas as coisas. Ao procurar ver as coisas como são, sublima o real, numa atitude panteísta de divinização das coisas da Natureza.

Paralelismo- Figura de estilo presente nos poemas que consiste na repetição de uma frase, de uma ideia, de um esquema ou construção frásica. Os paralelismos de construção são bastante utilizados na poesia de Alberto Caeiro.

Parco- Moderado de uso de adjectivos e figuras de estilo (com excepção da comparação, metáfora-base e oxímoros) na poesia de Alberto Caeiro.

Metáfora- Recurso expressivo presente nos poemas que consiste em usar um termo ou uma ideia com o sentido de outro com o qual mantém uma relação de semelhança.

Misantropo- Podemos notar alguma aversão à convivência social em Caeiro na medida em que ele procura viver isolado no campo, como uma espécie de refúgio afastado do contacto humano da cidade.

Misticismo- Rejeita o mistério das coisas, defendendo que elas são como são, sem sentidos ocultos ou implícitos.

Modernidade- Inovação da poesia de Caeiro, tanto em aspectos formais como temáticos, presentes numa nova linguagem e uma nova forma de ver o mundo.

Momento- Valorização do momento presente. Defende a vivência da realidade no momento.

Monoteísmo- Sistema religioso ou doutrina filosófica que admite um só Deus (por oposição ao politeísmo) e distinto do mundo (por oposição ao panteísmo). Característica que está presente no Cristianismo e que Caeiro recusa.

Morte- Acto ou efeito de morrer; interrupção definitiva da vida. Termo da existência da qual Caeiro tem consciência e a certeza e que, tal como a nascença, tem uma grande importância para si.

N

Naturalidade- Qualidade do que é natural e do que está de acordo com as leis da natureza. Em Caeiro traduz-se na simplicidade que procura, na qual se encontra a capacidade de ser feliz. Sendo um poeta da Natureza, vive de acordo com ela, na sua simplicidade e paz.

Natureza- Elemento/ mundo exterior muito falado nos poemas de Caeiro. Este ama a Natureza. Não se importa em saber o que é a Natureza, mas em amá-la por ela mesma. Vê a Natureza na sua constante renovação e sucessão e crê na "eterna novidade das coisas". Poeta da Natureza, porque anda a pela mão das Estações e integra-se nas leis do universo como se fosse um rio ou uma árvore, rendendo-se ao destino e à ordem natural das coisas. Tem uma atitude panteísta de divinização das coisas da Natureza.

Nascença- Acto de nascer; nascimento; origem. Momento que Alberto Caeiro privilegia na sua vida. Caeiro tem um ritmo de existir que bate certo com o da natureza e que ela não tem mais do que duas datas: a da nascença e da morte. ("Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia/ Não há nada mais simples. / Tem só duas datas: a da minha nascença e a da minha morte. / Entre uma e outra cousa todos os dias são meus").

Passado- Não existe porque recordar é traiçoeiro a natureza (que é apenas o agora) e porque defende a vivência da realidade no momento.

Pensar- Fazer uso da razão para depreender, julgar ou compreender. Alberto Caeiro recusa o pensamento e tudo o que obriga a uma reflexão ou introspecção, nomeadamente o pensamento metafísico, dando privilégio às sensações.

Pontuação- Predomínio de uma pontuação lógica.

Problemática- Conjunto dos problemas postos por um domínio do pensamento de que Alberto Caeiro se tenta distanciar.

Q

Não foram encontradas palavras.

R

Razão- Faculdade de raciocinar, de compreender e de estabelecer relações lógicas, que Caeiro recusa e despreza, numa atitude de desconfiança das "explicações totalizantes".

Realidade- Qualidade do que é real, do que existe de facto. Só a realidade existe, sendo o tempo a ausência de tempo, sem passado, presente ou futuro, pois todos os instantes são a unidade. Caeiro, ao procurar ver as coisas como elas são realmente, sublima o real. É real o que é visível, concreto e objectivo ("Para além da realidade imediata não há nada").

Reconciliação- Alberto Caeiro faz uma reconciliação com o universo, com a harmonia pagã e com a Natureza.

Reis- Referente a Álvaro Reis, um dos heterónimos de Fernando Pessoa.

Refúgio- Caeiro vive isolado no campo, como uma espécie de abrigo.

Ruralidade- Qualidade ou estado de rural, relativo, próprio ou pertencente ao campo ou à vida agrícola; rústico; campestre. Alberto Caeiro, apresentando-se como Guardador de Rebanhos, está envolto num ambiente bastante rural, ligado ao campo e à Natureza.

S

Sensacionismo- Doutrina que atribui às sensações a gênese dos nossos conhecimentos e defende o princípio de que "todo o objecto é uma sensação nossa" e de que toda a arte é "converter uma sensação em objecto". Como afirmou, "Nada existe, não existe a realidade, apenas sensação". Caeiro é sobretudo um poeta sensacionista, dando importância à valorização das sensações nos seus poemas e na forma de olhar, dando ênfase aos sentidos, particularmente à visão. Toda a verdade possível vem pela via sensorial.

Sensacionista- Característica dada a Caeiro pela sua valorização das sensações.

Sensações- Intuição sensível de uma qualidade de um objecto. Alberto Caeiro privilegia as sensações em detrimento do pensamento. Só lhe interessa viver o mundo que capta pelas sensações, recusando o pensamento metafísico. Caeiro entende a sensação das coisas tais como são, sem lhe adicionar qualquer pensamento pessoal, convenção ou sentimento. É o poeta das sensações verdadeiras, o poeta do olhar, havendo nas suas poesias um predomínio das sensações visuais e auditivas. Para ele, a verdadeira vida deve reduzir-se ao "puro sentir", ao "saber ver sem estar e pensar". É o realismo sensorial.

Sensibilidade- Faculdade de sentir que Caeiro privilegia, pois está ligada às sensações.

Simetria- Figura de estilo presente nos seus poemas que consiste na repetição de uma frase, de uma ideia, de um esquema ou construção frásica.

Simplicidade- Qualidade do que é simples, natural, singelo, fácil. Alberto Caeiro é de uma simplicidade absoluta. Busca nela a capacidade de ser feliz. Há também uma aparente simplicidade e natureza argumentativa do discurso poético, visível no recurso a uma linguagem corrente, a orações coordenadas e a um carácter concreto do vocabulário.

Sonho- Para Alberto Caeiro, através dos sonhos, aproximamo-nos mais da realidade. Se por um lado a sua personalidade é marcada por um forte idealismo, um forte "sonhar", ela é também dominada por uma fraca capacidade de concretizar esse sonhar em realidade. Ou, por outro lado, é o "sonhar" demasiado intenso sequer para poder ser concretizado - é demasiado inalcançável.

Subjectivismo- Atitude que Caeiro recusa por considerar que o mundo é concreto e objectivo, sem necessidade de atitudes de interpretação subjectiva. As coisas são o que são na realidade e não são atribuídas de significados ou sentimentos humanos.

T

Tautologia- Vício de linguagem que consiste em repetir uma ideia usando palavras diferentes (ex.: descer para baixo, entrar para dentro, etc.) e que se encontra na poesia de Caeiro.

Tempo- Entendido como parte da duração ocupada por acontecimentos. Caeiro dá alguma atenção indirecta ao tempo, nomeadamente a sua nascença e morte. Define também os instantes como a unidade do tempo. Interessa-lhe o presente, o concreto, o imediato, uma vez que é aí que as coisas se apresentam como são.

Temporalidade- Temporalidade estática. Porque só existe a realidade, o tempo é a ausência de tempo, sem passado, presente ou futuro, pois todos os instantes são a unidade do tempo. A vivência da passagem do tempo não existe, são só vivências atemporais.

Teoria- Representação racional ou ideal de uma realidade. A poesia de Alberto Caeiro tem a sua própria teoria, que é a de não teorizar, ou seja, não intelectualizar, não recorrer ao pensamento.

Tranquilidade- Estado de estabilidade moral ou psicológica; sossego; calma; paz; serenidade. Trata-se de mais uma característica presente em Alberto Caeiro, ligado à vida bucólica e em comunhão harmoniosa com a Natureza.

U

Não foram encontradas palavras.

V

Visionar- Formar uma imagem mental de algo, observar, examinar. Alberto Caeiro privilegia o sentido da visão, vendo as coisas apenas com os olhos e não com a mente.

Vivência- A vivência da passagem do tempo não existe. Vive-se sobretudo o presente. A vida de Caeiro é marcada também pela simplicidade, naturalidade, deambulismo, comunhão harmoniosa com a Natureza e pelas sensações.

W

Não foram encontradas palavras.

X

Não foram encontradas palavras.

Anexo 2



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Ficha Informativa

O português: génese, variação e mudança

Principais etapas da formação e evolução do português

Variação Histórica/diacrónica

O conjunto das alterações registadas numa língua ao longo da sua história designa-se por **variação histórica** (ou **diacrónica**).

As línguas são sistemas abertos em constante mutação. Apresentam, simultaneamente, traços de continuidade (assegurando, ao longo dos tempos, a comunicação) e uma capacidade de inovação/adaptação (pois preenchem as novas necessidades dos falantes). Uma língua pode mudar por diferentes razões, nomeadamente por:

- **Fatores externos** (contacto com novas línguas devido à imigração. Invasões, mudanças sociais, etc.);
- **Fatores internos** (como a tendência para a regularização de determinadas estruturas).

A mudança linguística não é brusca ou repentina; pelo contrário, só acontece depois de períodos, por vezes longos, de coexistência de variantes novas e antigas. A aceitação de determinadas variantes por um grupo socialmente prestigiado, ou com maior representatividade, normalmente conduz à sua generalização a toda a comunidade de falantes.

A língua portuguesa regista três etapas históricas:



Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Do latim ao galego – português

O latim vulgar e a romanização

Os romanos

Após a conquista da Península Ibérica pelos romanos (iniciada no século III dos a.C.), os povos peninsulares (com exceção dos bascos) acabaram por adotar a língua dos invasores – o latim – que se sobrepor, desta forma, às línguas existentes, autóctones, ou seja, às línguas faladas pelas populações nativas da Península, como era o caso da família celta. Não se conhece muito sobre estas línguas primitivas (línguas de substrato), tendo apenas chegado à atualidade palavras com raiz pré-latina (ver na tabela seguinte).

ÁREAS	PALAVRAS
Elemento celta <i>briga</i> nos topónimos	Conímbriga (Coimbra), Lacóbriga (Lagos)
Outros topónimos	Olissipo (Lisboa), Évora, Braga, Viseu, Ilhavo
Rios	Vouga, Zêzere, Tâmega, Tejo
Nomes comuns	lousa, bruxa, esquerdo, mata, sapo...

Nota: termos de origem celta, como *camisa*, *carro*, *caminho*, *légua*, *cerveja*, foram introduzidos no latim pelos contactos havidos com esses povos noutros pontos do Império Romano.

A língua que se impôs nas regiões conquistadas não foi o latim na sua modalidade literária (o chamado latim clássico), mas sim o latim vulgar, expressão habitualmente utilizada para referir o latim falado e mais afastado dos padrões literários, efectivamente utilizado nas situações de intercâmbio.

Como qualquer língua utilizada quotidianamente por uma comunidade linguística, o latim sofreu várias mudanças, para as quais contribuiu também a interação como as línguas primitivas/autóctones da Península.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Substrato, estrato e superstrato

Os povos germânicos

A partir do século V, a Península Ibérica foi invadida por povos germânicos – vândalos, suevos, alanos e visigodos –, terminando, assim, o domínio romano. No entanto, nenhum destes povos conseguiu impor-se como os romanos e influenciar de forma determinante a língua e a cultura dos povos peninsulares. Contudo, deixaram vestígios linguísticos.

Em português temos, por isso, vocábulos que resultam do contacto dos germanos com as populações peninsulares, mas também encontramos germanismos que já tinham sido introduzidos no latim ou que foram legados posteriormente:

ÁREAS	PALAVRAS
Onomástica	Rodrigo, Álvaro, Fernando, Gonçalo, Henrique, Rui, Frederico, Ricardo, Afonso
Atividade militar	espora, guerra, barão, bandeira, arreio, arauto, orgulho, trégua
Toponímia	Ermesinde
Sufixo <i>-engo</i>	solarengo, mostrengo
Outras	marca, feudo, rico, guardar, agasalhar, sala, lúva, roça, broa, sopa

Os árabes

Em 711, os muçulmanos (árabes e berberes do Magrebe) invadiram e ocuparam a Península Ibérica. Apesar do enraizamento cultural e linguístico já existente, os árabes não deixaram de influenciar a cultura e a língua dos territórios ocupados. Os idiomas moçárabes são as variedades faladas pelas comunidades cristãs que viveram sob a ocupação árabe, sobretudo no sul do território.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Do árabe, a língua portuguesa integrou palavras de várias áreas:

ÁREAS	PALAVRAS
Agricultura e flora	açude, alecrim, alfazema, azenha, azeitona, laranja, limão, nora, tremçoço
Glôcia	azimute, zénite
Administração e guerra	alfândega, alferes, algazarra, alarido, almirante
Instrumentos	alambique, alcatraz, alicate, rabeca, tambor, xadrez, algarismo
Construção e urbanismo	andaime, alpendre, amazém, aldeia, azulejo
Alimentação	açorda, alcachofra, alμόndega, xarope, azeite
Toponímia	Almada, Alcaíça, Alcobaca, Algarve, Alvalade, Azambuja

Além da recuperação progressiva dos territórios (Coimbra em 1064, Santarém e Lisboa em 1147, e Faro em 1249), a Reconquista Cristã permitiu, na faixa ocidental da Península, a expansão do galego-português. Ao longo desse processo e pelo contacto de populações de diferentes proveniências, o idioma que se propaga a partir do extremo noroeste da Península sofre transformações consideráveis.

Substrato é o termo, cunhado por G. Ascoli, que designa uma língua autóctone que, normalmente em situação de invasão, é substituída por outra, deixando aí, no entanto, vestígios linguísticos (fenómenos de substrato).

Não obstante a língua portuguesa derivar essencialmente do latim (por isso designado «língua-mãe» ou «língua-estrato» do português), tal não constitui entrave a que o português viesse a integrar no seu léxico algumas palavras das línguas pré-latinas, ou seja, anteriores à invasão dos romanos (e, portanto, línguas de substrato).

Um dos substratos do português é o celta.

Superstrato designa o conjunto dos vestígios linguísticos deixados pela língua de um povo invasor (ou essa mesma língua) no idioma de um determinado território. Para o português, podemos falar de superstratos germânico e árabe.

Estrato é a língua que sobreviveu ao contacto com as línguas de substrato e às línguas de superstrato. No caso do português, o estrato é o latim.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Português antigo (século XII – século XV)

É comum designar a primeira fase deste período como galego – português, pois, apesar da separação dos dois reinos, era detetável uma superior unidade linguística. Num momento seguinte, acentuam-se as diferenças que conduzirão à autonomização do galego e do português.

Após a invasão árabe, no noroeste da Península Ibérica acentuam-se as divergências que viriam a permitir a individualização do galego-português, distinto do leonês e do castelhano, a leste, e, igualmente, das variedades moçárabes do sul. Entre os primeiros textos escritos conhecidos estão a *Notícia de Fiadures* (1175), a *Notícia de Torto* e o *Testamento de D. Afonso II* (início do século XIII).

Destacam-se como particularidades linguísticas importantes deste período (nalguns casos já se registam transformações na fase final do português antigo):

- A existência de hiatos como consequência da queda de consoantes entre duas vogais (*door* < lat. *DOLDOREM*).
- Terminação em *-udo* dos participios dos verbos da 2ª conjugação (*temundo* > temido; *sabudo* > sabido).
- O aparecimento do infinitivo pessoal.

CONSOLIDA

1. Classifica as afirmações que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F). Corrige as falsas.
 - a) As alterações registadas por uma língua ao longo da História correspondem a variação sincrónica.
 - b) A língua é um sistema fechado.
 - c) Podemos dividir a história da língua portuguesa em três etapas – português antigo, português clássico e português contemporâneo.
 - d) O latim, trazido pelos romanos, foi absorvido pelo celta.
 - e) O latim literário é a base da língua portuguesa.
 - f) Os germânicos deixaram vestígios linguísticos na Península Ibérica.
 - g) Os árabes influenciaram o português em áreas como a agricultura e a toponímia.
 - h) Na história da língua portuguesa, os primeiros textos escritos conhecidos datam do século XI.



2. Para cada um dos itens que se seguem, seleciona a letra correspondente à opção correta.

2.1 Um exemplo de substrato da língua portuguesa é o

- a) Germânico.
- b) Latim.
- c) Celta.
- d) Árabe.

2.2 Um exemplo de superstrato da língua portuguesa é o

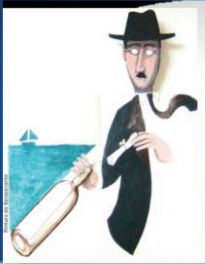
- a) Celta.
- b) Galego – português.
- c) Germânico.
- d) Latim.

2.3 O estrato da língua portuguesa é o

- a) Celta.
- b) Latim.
- c) Árabe.
- d) Germânico.

Anexo 3

Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 - 2º Período



Mensagem
de Fernando
Pessoa

Estrutura e Símbolos

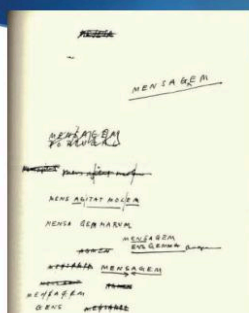
Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

Contexto de Produção da Obra

- Estado Novo;
- Concurso Nacional de Poesia;
- Corrente literária.



Título da obra



- Portugal – Mensagem;
- Mens agitat molem;
- A mente agita o corpo.



Classificação da obra

- Epopeia mítica e simbólica;
- Glorificação de um herói coletivo;
- Figuras simbólicas e imortais;
- Cada herói de *Mensagem* é uma força latente de inspiração para os Portugueses;
- Mensagem* (1934) é uma resposta a Camões n' *Os Lusíadas*.



Estrutura

- 44 poemas apresentados numa estrutura tripartida



Brasão Nascimento da Pátria

- Os campos;
- Os castelos;
- A coroa;
- As quinas;
- Timbre (As asas do grifo)



Mar Português Realização da Pátria

- Possessio Maris (Posse do Mar);
- “Senhor cumpriu-se o mar e o império se desfez (...)”
- “Senhor falta cumprir-se Portugal”



O Encoberto Morte da Pátria

- Pax in Exelsis (Paz nas alturas / suprema paz);

- Três subpartes:
 - Os símbolos;
 - Os avisos;
 - Os tempos.



Em síntese



- “E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são cosntruídas<<daquilo que os sonhos são feitos>>. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antretemedo, realizar-se-á divinamente”.

Fernando Pessoa, in “A Água”

- “Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode alguém da Humanidade.”

Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto - Interpretação*



Bibliografia

- PESSOA, Fernando, *Mensagem*, Organização introdução e notas de Jane Tutikian, Coleção L&PM Pocket;
- COELHO, Jacinto do Prado, *Camões e Pessoa*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1983;
- Manual *Expressões 12º ano*, Porto Editora;
- Manual *Plural 12*, Raíz Editora;
- <http://port12ano.blogspot.pt/2013/01/a-estrutura-de-mensagem-de-fernando.html>

Anexo 4



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 2º Período
Sequência Didática II – Intertextualidade entre *Lusíadas* & *Mensagem*

Leia atentamente o seguinte poema de *Mensagem* e o seguinte texto, constituído por cinco estâncias de *Os Lusíadas*.

« O das Quinas »

Os Deuses vendem quanto dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que pastal

Baste a quem baste o que lhe basta.
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o ungiu.

Por meto destes hórridos perigos,
Dentes trabalhos graves e temores,
Alcanças os que são de fama antigos
As honras mortais e grans maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Trousos vultres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscúvia zibelinos;

Não cos manjares novos e esquisitos,
Não cos passios moles e ociosos,
Não cos vícios deléitos e infinitos,
Que afeminam os petos generosos;
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão manceiros,
Que não sofre a nenhuma que o passo mude
Pera alguma obra heroica de virtude;

Mas com buscar, co seu forçoso braço,
As honras que ele chama próprias suas;
Vigilando e vestindo o forjado aço,
Sufrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de altos mias,
Engolidos o corrupto mal-limento
Temperado com árduo sofrimento;

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, insano,
Pera o pelouro ardente que assusta
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Destarte o peto um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

Destarte se esclarece o entendimento,
Que experiências fazem repouso,
E fica vinda, como de alto assento,
O baso trato humano enbaraçado.
Este, onde tiver forço o regimento
Direito e não de aleites ocupado,
Subirá (como deve) a flutue nando,
Contra vontade sua, e não rogado.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 2º Período
Sequência Didática II – Intertextualidade entre *Lusíadas* & *Mensagem*

Guião de Leitura

1. Atente no poema de *Mensagem* e responda às seguintes questões.
- 1.1 Na primeira estrofe do poema confronta-se duas formas de estar na vida. Compare-as, mostrando a perspectiva do eu poético relativamente a cada uma delas.
- 1.2 Identifique e explique a expressividade do recurso estilístico presente em "A vida é breve, a alma é vasta".
- 1.3 Prove a partir da terceira estrofe em que medida Cristo serve de exemplo para o ideal de condição humana/herói que o poeta defende.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

2



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 2º Período
Sequência Didática II – Intertextualidade entre *Lusíadas* & *Mensagem*

2. Atente no seguinte texto, constituído por cinco estâncias de *Os Lusíadas*, e responda às seguintes questões.
- 2.1 Explique a intenção crítica manifestada pelo poeta nos versos de 5 a 16, relacionando-a com o uso da anáfora.
- 2.2 Sintetize a opinião defendida pelo poeta nos versos de 29 a 32.
- 2.2 Explique de que modo a última estrofe transcrita ilustra a mitificação do herói em *Os Lusíadas*.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

3



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 2º Período
Sequência Didática II – Intertextualidade entre *Lusíadas* & *Mensagem*

3. Agora, atente no poema de *Mensagem* e nas estâncias d' *Os Lusíadas* e responda às seguintes questões.
- 3.1 No texto Pessoa e Camoniano o heroísmo parece ser conseguido à custa do sofrimento, prove esta ideia servindo-se da informação dos dois textos.
- 3.2 Relacione a partir dos dois textos o heroísmo com materialismo.
- 3.3 Compare este poema de *Mensagem* com esta reflexão do poeta nos *Lusíadas* apresentando a entidade responsável segundo os textos pela mitificação do herói.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

4

Anexo 5



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Aung San Suu Kyi

Aung San Suu Kyi é filha de um dos políticos mais inspiradores da Birmânia Aung San, que foi assassinado em 1947 quando levou o país à independência da Grã-Bretanha. Suu Kyi, que tinha apenas dois anos quando o pai foi morto, saiu do país na adolescência quando a mãe, Khin Kyi, diplomata, foi colocada na Índia. Depois de se formar na Universidade de Oxford, Suu Kyi ficou-se nessa cidade, tendo casado com um académico, Michel Aris, e criado dois filhos.

A carreira política de Suu Kyi começou em 1988, quando uma chamada telefónica a chamou de regresso à Birmânia para tomar conta da mãe, que tinha acabado de sofrer uma trombose. Tive uma premonição de que a nossa vida mudaria para sempre”, recordou mais tarde o marido. Enquanto cuidava da mãe em Rangum, Suu Kyi foi cercada pela sublevação no fim da ditadura do general Ne Win, que durara 26 anos. Quando, em vez do referendo que tinha prometido, Ne Win deu outro golpe militar, em que os direitos humanos sofreram maior erosão e milhares de manifestantes pró-democracia foram massacrados nas ruas, Suu Kyi começou a manifestar-se. Assim começou o seu caminho para se tornar herdeira do pai como política (...).

Meses depois do regresso à Birmânia, Suu Kyi tinha ajudado a fundar a Liga Nacional para a Democracia. Nas eleições muito apregoadas de maio de 1990, a LND venceu por larga margem, ganhando 82 por cento dos lugares disponíveis. Suu Kyi, como secretária-geral da LND, era líder democraticamente eleita da Birmânia. Mas foi um resultado que o governo militar da Birmânia preferiu rejeitar.

Pouco mais de um ano depois do seu regresso à Birmânia, Suu Kyi e os seus colegas da LND eram presos sem acusação e colocados em prisão domiciliária – situação que se manteve, com intervalos, desde então. (...)

Sempre que é liberta da prisão domiciliária, a destenida Suu Kyi pronuncia-se imediatamente contra o governo, exigindo, alto e bom som e repetidamente a democracia e a libertação num Estado tirano que viola mais os direitos humanos do que quase todos os outros estados do mundo.

A presença de uma das mais famosas prisioneiras de consciência do mundo – galardoada com o Prémio Nobel da Paz em 1991 – tornou-se um embaraço cada vez maior para o governo militar da Birmânia. (...) À custa de imenso sofrimento pessoal, Suu Kyi recusou todas as tentativas do governo de a subornar com a liberdade em troca da sua partida definitiva do país.

Suu Kyi sacrificou a sua própria liberdade na sua luta para a conquistar para o seu povo. O seu sofrimento chama a atenção do mundo para a situação do país. Não se acha mártir nem heroína nem de algum modo excepcional. (...)

MONTESFORD, Simon Sebag, 2008, 2002 *Heróica - As aventuras das maiores líderes do História da Humanidade*. Lisboa: Guerra & Paz.



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

1. Para responder a cada um dos itens 1.1 a 1.7, seleccione a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 A oração introduzida por “que” em “Aung San Suu Kyi é filha de um dos políticos mais inspiradores da Birmânia, Aung San, que foi assassinado em 1947” (II.1-2) é subordinada adjetiva relativa

- (A) restritiva e desempenha a função sintática de modificador do nome restritivo.
(B) explicativa e desempenha a função sintática de predicativo do sujeito.
(C) explicativa e desempenha a função sintática de modificador do nome apositivo.
(D) relativa restritiva e desempenha a função sintática de complemento direto.

1.2 No excerto “quando uma chamada telefónica a chamou de regresso à Birmânia para tomar conta da mãe, que tinha acabado de sofrer uma trombose”. (II.8-10) a forma verbal “chamou” corresponde, em relação ao complexo verbal “tinha acabado de sofrer”, a um tempo.

(A) posterior.

(B) anterior.

(C) simultâneo.

(D) inacabado.

1.3 O elemento linguístico LND (II.20) é

(A) um acrónimo.

(B) um empréstimo.

(C) uma sigla.

(D) uma truncção.

1.4 Relativamente aos factos apresentados nos períodos anteriores, a frase iniciada por “Mas” (I.22) apresenta

(A) uma ideia semelhante.

(B) uma opinião concordante.

(C) uma consequência.

(D) Uma ação contrária.



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

1.5 Com o uso de travessões na linha 32, o autor

(A) introduz informação adicional.

(B) demarca uma citação.

(C) assinala uma fala.

(D) insere uma opinião pessoal.

1.6 A afirmação “O seu sofrimento chama a atenção do mundo para a situação do país” (II.37-38) concretiza um ato ilocutório

(A) diretivo.

(B) compromissivo.

(C) expressivo.

(D) assertivo.

1.7 Os determinantes possessivos usados no último parágrafo são coreferentes de

(A) “Suu Kyi” (I.36)

(B) “liberdade” (I.36)

(C) “sofrimento” (I.37)

(D) “país” (I.38)

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1 Indique o valor do conector “Enquanto” (I.11).

2.2 Identifica o tempo, o modo e a voz em que se encontra a forma verbal “foi cercada” (I.12).

2.3 Refere o antecedente do pronome pessoal “o”, presente na linha 36.



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Mapa fatídico

Antes da Internet, os mapas em papel estavam sempre à mão. Havia três ou quatro de Portugal em diferentes pontos da casa, um no carro, um na mochila. Em termos geográficos, eu estava sempre orientado, bastava quase que esticar o braço e o país submetia-se, em duas dimensões, à observação orgânica, sem

5 eletricidade.
Aos poucos, no entanto, foram sendo confinados à “caixa”. Está repleta de exemplares do apogeu da cartografia impressa: registos gráficos de cidades, de países, de continentes, todos mais ou menos datados, no conteúdo e na memória. Foi lá que vim a dar com um mapa de Portugal de 1989. Eu apenas queria localizar uma determinada vila, mas acabei por desenterrar uma desconcertante

10 narrativa da história ambiental do país.
A primeira impressão foi estritamente física, nasal. Embora cheia de papéis, a caixa está depositada numa das mais expressivas zonas húmidas do apartamento, um contrassenso evidente que apenas testa o triunfo da preguiça sobre a lógica. Abri-lhe a tampa e o mesmo que introduzir narina acima um naco de queijo *roquefort* coberto de pólen das searas. Só depois de dez minutos de espirros irreprimíveis é que se pode começar a apreciar a matéria de facto.

15 Refeito do ataque alérgico, abri o mapa de Portugal sobre a mesa da cozinha e notei que era o mesmo que eu usara para assinalar, há 22 anos, os pontos negros da realidade ambiental do país. (...) No mapa de 1989, as estradas dispersavam-se num sistema radicular de caminhos sinuosos, obedecendo à orografia e, de certa forma, à pobreza. (...) Em duas décadas, o território foi esquartejado por autoestradas, em nome de um prometido progresso, que, como sabemos hoje, afinal pouco passou de utópico. Os automóveis multiplicaram-se, as cidades cresceram, a ruralidade

20 minguou, as indústrias fecharam, a floresta ardeu. (...) Dois novos acessos de espirros impediram-me de chegar ao fim do retrato. Para evitar uma depressão clínica, evoquei mentalmente alguns pontos positivos neste dever e haver, que manifestamente existem, a começar pela melhoria da qualidade do ar e da água, a revolução no tratamento do lixo, a consideração vinculativa do ambiente nas decisões sobre grandes projetos. Mesmo aí, no entanto, falta alguma coisa: produzimos hoje mais resíduos, desperdiçamos água e o processo de avaliação de impacto ambiental é muitas vezes um mero pró-forma.

25 Esmagado por estes sintomas de sustentabilidade rastejante, fechei o mapa. Para encontrar a tal vila, vou antes à Net.
GABICA, Ricardo. “Mapa fatídico”, in *Público*, 5 de fevereiro de 2012.



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

1. Para responder a cada um dos itens 1.1 a 1.7, selecione a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 O pronome “eu” (L3) assume um valor deíctico.

(A) Pessoal e temporal.

(B) Temporal.

(C) Espacial e temporal.

(D) Pessoal.

1.2 O complexo verbal “queria localizar” (II.11-12) apresenta uma ação como

(A) Uma possibilidade.

(B) Uma probabilidade.

(C) Um desejo.

(D) Uma certeza.

1.3 O verbo “desenterrar” (I.10) é utilizado com o sentido figurado de

(A) Descobrir.

(B) Criar.

(C) Desenvolver.

(D) Ler.

1.4 Os recursos estilísticos presentes em “Abri-lhe a tampa e o mesmo que introduzir narina acima um naco de queijo *roquefort* coberto de pólen das searas.” (II.15-16) são

(A) A comparação e a metáfora.

(B) A comparação e a hipérbole.

(C) A metáfora e a ironia.

(D) A hipálage e o pleonasmo.



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

1.5 No quarto parágrafo, a ação introduzida pelo primeiro “que” (I.24) é

(A) Subordinada substantiva completiva.

(B) Subordinada adverbial consecutiva.

(C) Subordinada adjetiva relativa restritiva.

(D) Subordinada adverbial causal.

1.6 O adjetivo “radicular” (I.21) significa

(A) ridículo.

(B) semelhante a raízes.

(C) circular.

(D) organizado.

1.7 O uso da vírgula no segmento “Os automóveis multiplicaram-se, as cidades cresceram, a ruralidade minguou, as indústrias fecharam, a floresta ardeu.” (II. 25-26) justifica-se pela necessidade de

(A) Isolar modificadores do nome apostitivos.

(B) Separar segmentos com a mesma função sintática.

(C) Separar as orações coordenadas assindéticas que o constituem.

(D) Denotar um modificador frásico.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1 Identifique o tipo de sujeito presente na passagem “vim a dar com um mapa de Portugal de 1989” (I.9).

2.2 Indique a função sintática desempenhada pelo pronome pessoal presente na frase “Dois novos acessos de espirros impediram-me de chegar ao fim do retrato” (II.27).

2.3 Classifique a oração iniciada por “Para”, no último período do texto.

Anexo 6



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Ficha Informativa

ÉTIMO, PALAVRAS DIVERGENTES E PALAVRAS CONVERGENTES

Etimologia

Área do saber que tem como objeto de estudo a origem e evolução diacrónica (nas diferentes fases da história da língua) do vocábulo ou expressões de uma língua.

Étimo

Forma da palavra ou expressão que esteve na origem da(s) forma(s) atual(is).

Palavras divergentes

São as palavras que apresentam formas e significados diferentes, embora derivem do mesmo étimo. Mantém, no entanto, alguma afinidade de significado, memória do seu étimo comum.

Estas divergências devem-se sobretudo ao facto de essas palavras terem chegado até nós por duas vias: via popular, associada sobretudo à transmissão oral e através da qual sofreram maiores transformações, e via (semi)erudita, neste caso apresentando menos alterações relativamente à forma original, uma vez que a escrita desempenhou um papel muito importante na sua configuração e transmissão. Algumas destas últimas são reconstituições das formas latinas, predominantemente (re)introduzidas por escritores do Renascimento, como Luís Vaz de Camões ou António Ferreira.

Vejam-se alguns exemplos:

Étimo	Via erudita	Via popular
DUPUL-	dúplo	dobro
PLENU-	pleno	cheio
SOLITARIU-	solitário	solteiro
ATRIU-	átrio	adro
CLAMARE	chamar	chamar
PLANU-	plano	chão
PATRE-	padre	pai
PALATIU-	palácio	paço
CATHEDRA-	cátedra	cadeira
CLAVE-	chave	chave
INTEGRU-	íntegro	inteiro
FLAMMA-	flama	chama

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

As **palavras convergentes** apresentam a mesma forma, apesar de terem étimos diferentes e significados distintos. Em termos de relações entre som, grafia e significado, designam-se por palavras **homónimas**, dado que têm som e grafia iguais, mas significados diferentes (e, algumas vezes, também classe morfológica diferente).

Repare-se nos seguintes casos:

1. *SANU* – são (adjetivo) – *Este pero é são, não está podre.*
SANCTU – são (adjetivo e nome) – *São Cristóvão nos valha, vamos de viagem!*
SUNT – são (verbo) – *Os meninos são traquinas.*
2. *RIDEO* – rio (verbo) – *Eu rio-me da tua figura.*
RIVU – rio (nome) – *O rio Mira é o menos poluído da Europa.*
3. *FILU* – fio (nome) – *O fio de lá é macio.*
FIDO – fio (verbo) – *Eu fio-me na palavra dele.*

CONSOLIDA

1. Complete a seguinte tabela com as palavras apresentadas, tendo em conta o étimo latino.

Coalhar	atribuir	agosto	matéria	comprar
Coalhar	madeira	agosto	comparar	atrever

Étimo	Forma erudita	Forma popular
a) AUGUST -		
b) ATTRIBUERE		
c) COAGULARE		
d) COMPARARE		
e) MATERIA-		

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

2. Relacione os significados das palavras divergentes.

3. Atente na evolução das seguintes palavras:

- a) VANU – vão (*Eles vão ao cinema ver um filme fantástico*).
- b) VADUNT – vão (*No futuro os meninos vão ser engenheiros*).
- c) QUOMODO – como (*Gosto de ti como gosto de cerejas*).
- d) COMEDO – como (*Eu como com satisfação*).

3.1 Classifique-as, tendo em conta a sua origem latina distinta.

3.2 Indique as classes e subclasses a que pertencem.

3.3 Refere como se classificam quanto à relação que estabelecem entre si (som, grafia e significado).

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Ficha de Trabalho (1)

A propósito do contexto histórico em que se situa a ação de *Felizmente Há Luar!*, lêa os textos que se seguem com atenção.

Vêm aí os franceses!

Enormes massas de soldados moviam-se pelas estradas ao rufar dos tambores. Uns andavam de azul e desfilavam a tre-color francesa, outros vestiam de vermelho e marchavam à sombra do jak. Por vezes a população armava-se de archibos e atacava, outros, encolha-se, outros, fugia. A corte instalara-se no Rio de Janeiro, que passara a ser a capital. Grassavam a fome e o medo. Isto dizem de 1807 a 1812. Nunca Portugal mergulhara numa guerra assim. [...]

56 no inverno de 1811, quase 2% da população morreu, a maioria vítima pela fome “decretada” por Wellington, que ordenou a queima dos campos e das colheitas para pesar os franceses. [...]

Quando terminou o pesadelo, Portugal perdera meio milhão de habitantes. Os ingleses, que haviam desolado os franceses, governavam em seu proveito um país arruinado. Liberis na sua ilha, comportava-se aqui como depois, perseguindo as ideias de “liberdade, igualdade e fraternidade” de que os soldados napoleónicos tinham no entanto sido avessos. [...]

Luís Albuquerque Maranhão, in revista *Vida*, 22 de novembro de 2007 (com adaptações)

Amigos de Peniche

[...] Wellington [...] seguiu em marchas forçadas de Lisboa para o Norte, à frente dos seus sólidos “cacaos vermelhos” [...]. Acorados, os franceses tiveram assim de voltar a passar para Espanha, desta feita pela via de Montalegre, atravessando hospícios serranias, numa retida épica. Os portugueses puderam respirar de novo. Os ingleses também: instalados em Lisboa como governantes efetivos, promoviam rusgas e efetuavam prisões.



Reprodução de *Batalha de Fátima*, Almeida Garrett, Biblioteca Nacional de Portugal

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Os membros da Maçonaria eram as principais vítimas desta onda de repressão política [...]

Entretanto, lá no Brasil, a corte exilada estracava-se nas redes e fazia-se abanar por escravos, e o Rio de Janeiro ia-se afirmando como a capital do império português. [...] A enorme dependência dos ingleses em que Portugal se encontrava haveria no entanto de conduzir à assinatura de um tratado que consagrava a primazia da entrada de produtos britânicos nos portos nacionais, mesmo em detrimento dos portugueses. A tranquilidade da ligação marítima Lisboa – Rio passaria também a ficar nas mãos da *Royal Navy*, que se comprometia a assegurar a se Portugal não levantasse problemas. Eramos, na prática, uma colónia britânica.

Luís Albuquerque Maranhão, in revista *Vida*, 22 de novembro de 2007 (com adaptações)

1. Seleccione as respostas verdadeiras:

- 1.1 O título deste artigo refere-se a um período histórico específico, conhecido por “Invasões Francesas”.
- 1.2 Nessa época, os soldados marchavam ao som do toque de tambores.
- 1.3 Apesar de trajarem de cores diferentes, todos pertenciam ao mesmo exército.
- 1.4 A população observava com indiferença as movimentações dos soldados.
- 1.5 Durante cinco anos, a população portuguesa viveu amedrontada e estomada.
- 1.6 Wellington, general inglês, impôs a fome, a fim de controlar qualquer tentativa de rebelião por parte dos portugueses.
- 1.7 Foram, finalmente, os ingleses que conseguiram que o exército napoleónico abandonasse as terras portuguesas, já completamente arrasadas.
- 1.8 Foi então que os ingleses procuravam divulgar os ideias de Revolução Francesa.
- 1.9 Paradoxalmente, os soldados franceses escarneciam dos conceitos de “liberdade, igualdade e fraternidade”.
- 1.10 O exército francês, derrotado por Wellington, fugiu para Espanha, tendo que atravessar a fronteira a nado.
- 1.11 Entretanto, em Lisboa, os ingleses perseguiram os maçonícos e oprimiam a população.
- 1.12 Nessa altura, o Rei D. João VI e a corte estavam instalados no Brasil e o Rio de Janeiro estava prestes a tornar-se a capital do reino.
- 1.13 Portugal conseguiu, entretanto, libertar-se da tirania britânica, vedando a entrada dos seus produtos nos portos portugueses.
- 1.14 As ligações marítimas entre Portugal e Brasil eram, por isso, controladas pela marinha inglesa.
- 1.15 Foi neste período conturbado da história nacional que Portugal perdeu a independência e passou a ser temporariamente uma colónia de Inglaterra.

Reprodução manual *Porto Alegre* 12 Nova Edição

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

Anexo 8



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Ficha de Informação (1)

ATOS ILOCUTÓRIOS

Recorde

1. Com os atos ilocutórios assertivos, o locutor pretende relacionar o locutor e a verdade do enunciado (o locutor acredita que aquilo que diz é verdade). Atualiza-se no discurso com verbos declarativos e de atividade mental: *afirmar, negar, informar, descrever, concordar, discordar, responder, aceitar, acreditar, considerar, entender...*

Exemplos:

- Não concordo com esses exercícios.
- Acredito no que dizes.
- Recebi o teu pedido.

2. Com os atos ilocutórios diretivos, o locutor pretende que o interlocutor realize uma ação referida no enunciado. Atualiza-se com a expressão de ordens, conselhos, pedidos, sugestões, avisos, instruções... sobretudo através de verbos como: *perguntar, permitir, ordenar, aconselhar, pedir, desafiar, avisar, exigir, implorar, atrever-se a, mandar, convidar, ordenar, proibir...*; frases dos tipos imperativo e interrogativo.

Exemplos:

- Gostas de ler jornais?
- Vai já entregar o livro na biblioteca.
- Aconselho-te a seguir pelo passeio.

3. Com os atos ilocutórios compromissivos, o locutor compromete-se a realizar, no futuro, o ato expresso no enunciado. Verbos compromissivos: *assegurar, jurar, tencionar, apostar, comprometer-se, afiançar, tencionar, prometer, garantir...*

Exemplos:

- Até logo.
- Eu vou lá ver.
- Garanto-te que não vais arrepender-te.

4. Com os atos ilocutórios expressivos, o locutor exprime o estado psicológico do locutor em relação a uma situação, a uma realidade indicada no enunciado. Revela-se no discurso com verbos expressivos: *agradecer, lamentar, congratular-se, dar boas-vindas, pedir desculpa, apresentar condolências, deplorar, repudiar, felicitar...*

Exemplos:

- Oh, como é belal!
- Lamento sinceramente que não venhas à festa.
- Desculpa tudo o que te disse.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

1



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

5. Com os atos ilocutórios declarativos, o locutor pretende alterar uma realidade, através do próprio enunciado, graças ao poder/autoridade institucional ou individual que detém. Textualmente, são marcados com expressões de despedimentos, abertura/fecho de sessões; verbos como *declarar, nomear...*

Exemplos:

- A repartição está encerrada.
- Nomeio-te meu assessor.
- Declaro-vos casados.
- A sessão está aberta.

Retirado e adaptado de Dicionário Terminológico Disponível em dgle.ulisboa.pt

Agora, resolva os seguintes exercícios considerando os atos ilocutórios acima mencionados.

1. Concentre a sua atenção nos atos ilocutórios assertivos.

1.1. As afirmações que se seguem apresentam diferentes graus de certeza. Organize-as por ordem decrescente (5 a 1) da intensidade de certeza que transmitem.

O seu nome é eventualmente estranho.	
O seu nome é muito estranho.	
O seu nome é estranho.	
O seu nome é indiscutivelmente estranho.	
O seu nome é mesmo estranho.	

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

2



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

1.2. Agora faça o exercício oposto, ou seja, organize as frases por ordem crescente de intensidade (1 a 5).

El-rei é implacável com os traidores.	
El-rei será talvez, implacável com os traidores.	
El-rei é, sem sombra de dúvidas, implacável com os traidores.	
El-rei é bastante implacável com os traidores.	
El-rei pode ser implacável com os traidores.	

2. Estabeleça a correspondência entre cada elemento das colunas A, B, C e registre as suas opções na caixa.

A	B	C
FRASES	O QUE INDICAM	CLASSIFICAÇÃO DOS ATOS ILOCUTÓRIOS
(i) O General Gomes Freire está preso.	1. O comprometido do locutor.	A. Ato ilocutório diretivo.
(ii) Agradeço-lhe ter-me pago os 16 000 mil réis.	2. A veracidade das afirmações do locutor.	B. Ato ilocutório declarativo.
(iii) Não, Reverência, não vi qualquer...	3. A alteração de uma situação decorrente do poder institucional.	C. Ato ilocutório indireto.
(iv) Garanto que o General Gomes Freire vai ser preso.	4. A intenção de o locutor obter uma resposta do interlocutor.	D. Ato ilocutório expressivo.
(v) Não sei como o chefe dos traidores se chama, mas tu também não poderás dizer-me...	5. O estado do locutor face ao que diz.	E. Ato ilocutório assertivo.
(vi) Quem mais soube, capitão?	6. Uma intenção secundária do locutor.	F. Ato ilocutório compromissivo.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

3



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

3. Complete os espaços em branco com o ato ilocutório adequado a cada intenção, selecionado - o da caixa apresentada.

3.1 Relacionar o locutor com a verdade do que diz. _____

3.2 Levantar o locutor a praticar uma ação. _____

3.3 Comprometer o locutor com o que realizará. _____

3.4 Expressar o estado psicológico do locutor face a uma situação. _____


3.5 Alterar uma realidade. _____

Ato ilocutório ... compromissivo
diretivo
assertivo
declarativo
expressivo

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo


4

Anexo 9

 Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período – 12ºG

**Registos / Níveis de
Língua e Estilo em
*Memorial do Convento***

Professora Orientadora: Rosario Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



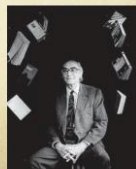
Instruções da Atividade

1. Leia o seguinte excerto de *Memorial do Convento*;
2. Refira o contexto desse excerto;
3. Mencione o nível de língua utilizado.



☐ “Tirando as expressões enfáticas, esta mesma ordem já fora a dada antes”.

☐ Nível de Língua cuidado.



☐ “(...) como já lhe escorregasse o rabo da tripeça (...)”

☐ Nível de Língua popular e calão.



○ “ (...) um rancho de filhos, a parede em meio, a arca por confortar, o alqueive necessário”.

○ Nível de língua familiar.



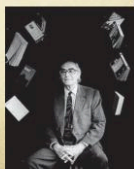
○ “Fazem alto os quadrilheiros, para que desta eminência possam os trazidos apreciar o amplo panorama no meio do qual vão viver (...)”

○ Nível de língua cuidado.



○ “(...) é um labrego de tanta idade (...)”

○ Nível de língua popular e calão.



○ “O filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha (...)”

○ Nível de língua cuidado.



Anexo 10



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Ficha Informativa (1)

VALOR MODAL

Modalidade

Recorde

Numa situação comunicativa, já vários elementos que determinam a produção de um enunciado, são eles: locutor, interlocutor, espaço, tempo, contexto espaço-temporal e universo de referência.

MODALIDADE: categoria gramatical que exprime a *atitude do locutor* face a um enunciado ou aos participantes do discurso. Existem três tipos de modalidade:

Modalidade apreciativa: permite expressar apreciações sobre o conteúdo de um enunciado:

Exemplo: Felizmente Fernando Pessoa criou vários heterónimos.

Modalidade epistémica: exprime a atitude do locutor relativamente à verdade ou falsidade do conteúdo do seu enunciado. Essa atitude baseia-se no grau de conhecimento que está na origem do juízo emitido. De acordo com esse grau de conhecimento, podemos verificar valores de certeza (i) e valores de probabilidade (ii).

Exemplos: (i) Estou certo de que Ricardo Reis leu os grandes clássicos.
(ii) Talvez Lídia fosse a amada de Reis.

Modalidade deontica: permite exprimir valores de permissão (iii) ou obrigação (iv):

Exemplos: (iii) Podem acabar de ler o poema em casa.
(iv) É obrigatório seguir as ideias de Reis!

Retirado e adaptado de Dicionário Terminológico.
Disponível em: dlt.dgpc.mn.edu.pt

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

1



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

Exercite

Tenho em conta as modalidades e respetivos valores a cima apresentados, diga qual o tipo de modalidade presente nas seguintes frases:

1. É desagradável Baltasar só ter uma mão.

2. Felizmente, Baltasar tem um espigão e um gancho.

3. O convento foi construído no séc. XVIII.

4. O convento não foi construído ontem.

5. Blimunda disse: - Ninguém pode olhar-me por dentro".

6. Bartolomeu pode construir a passalora.

7. Asseguro que em breve terá sucessor.

8. Maria Bárbara conseguirá aprender cravo?

9. Podem construir a passalora.

10. Estou certo de que o Rei virá hoje.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

2



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período

11. Felizmente Scarlatti conseguiu ajudar Blimunda.

12. José Saramago constatou que não houve comitiva à espera dele na festa.

13. É pena que Baltasar tenha morrido tão jovem.

14. Garanto-lhe que o Convento estará pronto no dia que ordenou.

15. Talvez Blimunda, no fundo, acreditasse que Baltasar sobreviveria ao auto de fé.

16. "Tens de aceitar com indiferença os desígnios do destino."

17. "Podemos dar as mãos, mas só durante uns instantes."

18. É obrigatório seguir as ideias do Rei!

19. É provável que Blimunda consiga recolher as vontades necessárias para a construção da passalora.

20. Felizmente D. Maria Ana está grávida.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

3



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

Ficha de Trabalho (2)
Sequência – *Memorial do Convento*

Outras marcas de registo familiar / popular em *Memorial do Convento*

PROVERBÍOS

Identifique os provérbios alterados pelo narrador e explique que novo sentido adquirem.

1. “... ainda agora a procissão vai na praça...”

2. “... é uma terra de ladões, olho vê, mão pilha...”

3. “... a pobre não emprestes, a rico não devas, a frade não prometas...”

4. “... uma mão lava a outra, as duas lavam o rosto...”



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

5. “... qual a eira e qual a pedra...”

6. “Não é verdade que o dia de amanhã só a Deus pertença...”

7. “... que então tudo se metia a palmos, afinal continua a ser por eles que se metem os homens...”

8. “... de louco todos temos um pouco...”

9. “... fazendo o bem olhando a quem...”

Suramaglo José *Memorial do Convento*, 1994 Lisboa: Caminho, Ed.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

Anexo 12

Instruções para a atividade: Caraterização das personagens de *Felizmente Há Luar!*

1. Ler atentamente a fala/réplica.
2. Identificar o locutor/autor da mesma.
3. Deduzir/referir o traço de caráter dessa personagem através da fala.
4. Identificar o ato ilocutório/de fala.

- Bom trabalho.



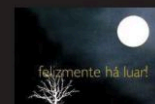
“Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê?
Vocês ainda não estão fartos dos generais?...”



“Estrangeirado ou não, é capaz de se bater
com os senhores do Rossio...”



“Não. Só acredito em duas coisas: no dinheiro
e na força. O general não tem nem uma nem
outra.”



“Como em Deus, Excelência. Honesto e dedicado a el-rei como eu, haverá poucos fidalgos neste Reino...”



“Troco os meus serviços por dinheiro, Excelência. Há quem os troque por uns anos no poder e há quem os troque por outras coisas.”



“Não há inocentes, Reverência. Em política, quem não é por nós, é contra nós.”



“Sempre que há uma esperança os tambores abafam-lhe a voz... Sempre que alguém grita os sinos trocam a rebate...”



“Como ela chorava, santo Deus! Parecia um animal ferido a ganir à beira duma estrada...”



“Juntos, meu amor, juntos por uns instantes, os últimos instantes em que estaremos juntos na Terra!”



“Não lhe posso ocultar nada Matilde. Não autorizam que ninguém o veja.”



“Felizmente – felizmente há luar!”





Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

Ficha de Trabalho (1)
Sequência – Memorial do Convento

Questionário

Leia atentamente o excerto que se segue da obra *Memorial do Convento*, de José Saramago.

Estavam ali oito ou dez pessoas, entre rei, Ludovico, Leandro, secretários e fidalgos de semana, e todos acentaram gravemente a cabeça, como se o próprio Halley tivesse acabado de explicar a periodicidade dos cometas, as coisas que os homens são capazes de descobrir. Porém, D. João V teve um pensamento negro, vin-se-lhe na cara, e faz rápidas contas, mentais, com ajuda dos dedos. Em mil setecentos e quarenta terei cinquenta e um anos, e acrescentou lugubremente. Se ainda for vivo. E por alguns terríveis minutos tornou a subir este rei ao Monte das Oliveiras, ali se agitou com o medo da morte e o pavor do roubo que lhe seria feito, agora acrescentando um sentimento de inveja, imaginar seu filho já rei, com a rainha nova que está para vir de Espanha, gozando ambos as delícias de inaugurar e ver sagrar Mafra, enquanto ele estaria apodrecendo em S. Vicente de Fora, perto do infantezinho D. Pedro, morto tão pequenino da brutalidade do desmame. Estavam os circunstantes olhando o rei, Ludovico com alguma curiosidade científica, Leandro de Melo indignado contra a severidade da lei do tempo que nem as majestades respeita, os secretários dividindo de terem acertado nos bissextos, os camaristas avaliando as suas próprias probabilidades de sobrevivência. Todos esperavam. E então D. João V disse, A sacração da basílica de Mafra será feita no dia vinte e dois de outubro de mil setecentos e trinta, tanto faz que o tempo sobre como falte, venha sol ou venha chuva, caia a neve ou sobre o vento, nem que se alague o mundo ou lhe dê o tranfomango.

Tirando as expressões enfáticas, esta mesma ordem já fora dada antes, parece não ser mais que uma declaração solene para a história, como aquela, tão conhecida, Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito, ora toma, afinal Deus não é maneta, não senhor, andou aí o padre Bartolomeu Lourenço em domésticos sacrilégios, afastando Baltasar Sete-Sóis do recto caminho, quando bastaria ter ido perguntar ao Filho, que tem obrigação de saber quantas mãos o Pai tem, mas, ao que D. João V já disse, se deverá acrescentar agora o que vem de sabermos nós quantas mãos os filhos sujeitos têm e para que servem eles e elas. Ordeno que a todos os corregedores do reino se mande que reúnam e enviem para Mafra quantos operários se encontrarem nas suas jurisdições, sejam eles carpinteiros, pedreiros ou brçais, retirando-os, ainda que por violência, dos seus mesteres, e que sob nenhum pretexto os deixem ficar, não lhes valendo considerações de família, dependência ou anterior obrigação, porque nada está acima da vontade real, salvo a vontade divina, e a esta ninguém poderá invocar, que o fará em vão, porque precisamente para serviço dela se ordena esta providência, tenho dito.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

Ludovico acentou a cabeça gravemente, como quem acabasse de verificar a regularidade duma reacção química, os secretários escreveram velocíssimas notas, os camaristas entreolharam-se e sorriram, isto é que é um rei, o doutor Leandro de Melo estava a salvo desta nova obrigação porque na sua comarca já não havia quem trabalhasse em ofícios que não servissem o convento, por via directa ou indirecta.

Foram as ordens, vieram os homens. De sua própria vontade alguns, aliçados pela promessa de bom salário, por gosto de aventura outros, por desprendimento de afectos também, à força quase todos. Deitava-se o preço nas praças, e, sendo escasso o número de voluntários, ia o corregedor pelas ruas, acompanhado dos quadrilheiros, entrava nas casas, empurrava os cancelos dos quintais, saía ao campo a ver onde se escondiam os relapsos, ao fim do dia juntava dez, vinte, trinta homens, e quando eram mais que os carcereiros atavam-nos com cordas, variando o modo, ora presos pela cintura uns nos outros, ora como galés ou escravos. Em todos os lugares se repetia a cena. Por ordem de sua majestade, vais trabalhar na obra do convento de Mafra, e se o corregedor era zeloso, tanto fazia que estivesse o rabo da tripeça, ou pouco mais fosse que menino. Recusava-se o homem primeiro, fazia menção de escapar, apresentava pretextos, a mulher no fim do tempo, a mãe velha, um rancho de filhos, a parede em meio, a arca por conforto, o alqueire necessário, e se começava a dizer as suas razões não as acabava, deixavam-lhe a mão os quadrilheiros, batiam-lhe se resistia, muitos eram metidos ao caminho a sangrar.

Corriam as mulheres, choravam, e as crianças acresciam o alarido, era como se andassem os corregedores a prender para a tropa ou para a Índia. Reunidos na praça de Gelorico da Beira, ou de Tomar, ou em Leiria, em Vila Pouca ou Vila Muiça, na aldeia sem mais nome que saberes-no os moradores de lá, nas terras da raia ou da borda do mar, ao redor dos pelourinhos, no adro das igrejas, em Santarém e Beja, em Faro e Portimão, em Portalegre e Setúbal, em Évora e Montemor, nas montanhas e na planície, e em Viseu e Guarda, em Bragança e Vila Real, em Miranda, Chaves e Amarante, em Vianas e Póvoas, em todos os lugares aonde pôde chegar a justiça de sua majestade, os homens, atados como reses, folgados apenas quanto bastasse para não se atropelarem, viam as mulheres e os filhos implorando o corregedor, procurando subornar os quadrilheiros com alguns ovos, uma galinha, míseros expedientes que de nada serviam, pois a moeda com que el-rei de Portugal cobre os seus tributos é o outro, é o esmeralda, é o diamante, é a pimenta e a canela, é o marfim e o tabaco, é o açúcar e a sucupira, lágrimas não correm na alfindega. (...) Maldito sejas até à quinta geração, de lepra se te cubra o corpo todo, puta vejas a tua mãe, puta a tua mulher, puta a tua filha, empalado sejas do cu até à boca, maldito, maldito, maldito, já vai andando a récia dos homens de Argual, acompanhados até fora da vila as infelizes, que vão clamando, qual em cabelo, Ó doce e amado esposo, e outra protestando, Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha, não se acabavam as lamentações, tanto que os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade, enfim já os levados se afastam, vão sumir-se na volta do caminho, rastos de lágrimas os olhos, em bagadas caindo aos mais sensíveis, e então uma grande voz se levanta, é um labrego de tanta idade já que o não quiseram, e grita subindo a um valado

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

que é púlpito de rústicos. Ó glória de mandar, ó vã coquice, ó rei infame, ó pátria sem justiça, e tendo assim aclamado, veio dar-lhe quadrilheiro uma cacetada na cabeça, que ali mesmo o deixou morto.

(...)

(...) Fazem alto os quadrilheiros, para que desta enúnciação possam os traidos apreciar o amplo panorama no meio do qual vão viver, à direita, o mar onde navegam as nossas naus, senhoras do líquido elemento, em frente para o sul, está a famosíssima serra de Sintra, orgulho de nacionais, inveja de estrangeiros, que daria um bom paraíso no caso de Deus fazer outra tentativa, e a vila, lá em baixo na cova, é Mafra, que dizem os eruditos ser isso mesmo o que quer dizer, mas um dia se há-de rectificar os sentidos e naquele nome será lido, letra por letra, mortos, assados, fundidos, roubados, arrastados (...)

Para chegarem à obra, vindo donde vêm, têm de atravessar a vila, passam à sombra do palácio do visconde, rasam a soleira dos Sete-Sóis, e tanto sabem de uns como sabem dos outros, apesar de genealogias e memórias, Tomás da Silva Teles, bisconde de Vila Nova de Cerveira, Baltasar Mateus, fabricante de aviões, com o rodar dos tempos verem quem vai ganhar esta guerra. (...) Por aqui passaram hoje mais de cem, perdeu-se a imprecisão de quem não aprendeu a contar rigoroso, foram muitos, foram poucos, é como quando se fala de anos, já passei dos trinta, e Baltasar diz, Ao todo ouvi dizer que chegaram quinhentos, Tantos, espanta-se Blinunda, e nem um que nem outro sabem exactamente quantos são quinhentos, sem falar que número «e de todas as coisas que há no mundo a menos exacta, diz-se quinhentos tijolos, diz-se quinhentos homens, e a diferença que há entre tijolo e homem é a diferença que se julga não haver entre quinhentos e quinhentos, quem isto não entender à primeira vez não merece que lho expliquem segunda.

Questionário de Interpretação

Responda, de forma cuidada, às questões que lhe são colocadas.

1. Explique por que motivo o Rei ordenou um recrutamento de mais trabalhadores para a construção do Convento de Mafra.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
12º Ano Turma G

2. Compare as diferentes reacções e sentimentos das personagens à eventualidade de o rei poder vir a morrer.

3. Indique o recurso expressivo utilizado pelo narrador para sugerir a amplitude do recrutamento em massa.

4. Apresente por palavras suas as razões apresentadas pelos trabalhadores para tentarem escusar-se do recrutamento forçado.

5. O texto estabelece uma comunicação intertextual com uma obra/autor do seu conhecimento. Identifique-os e retire do texto as frases que são transposições integrais da mesma.

Professora Orientadora: Rosário Andorinha
Mestranda: Tânia Figueiredo

PLANIFICAÇÃO

Unidade Didática: *Memorial do Convento* – Discurso e estilo Saramaguiano

Cinco aulas de 50 minutos (250 minutos)

José Saramago- Memorial do Convento

[11;12 2 15 de maio]

1ª aula

Sumário:	<ol style="list-style-type: none"> 1. Roteiro de leitura de um excerto de <i>Memorial do Convento</i>; 2. O discurso e o estilo Saramaguiano; 3. Consolidação de conteúdo gramatical: <i>Modalidade</i>
----------	--

Objetivos	Conteúdos	Estratégias e Atividades	Recursos	Avaliação	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> Contextualizar internamente, no plano da ação, um momento da narrativa; Confrontar o discurso das personagens, reconhecendo níveis e registos de língua. 	<ul style="list-style-type: none"> Pré-leitura: ativação de conhecimentos sobre o tópico e o género/tipo de texto e antecipação de sentidos a partir de indícios vários Pós-Leitura: organização da informação e 	<ul style="list-style-type: none"> Leitura de um excerto de <i>Memorial do Convento</i> e respetivo questionário de interpretação; Visualização de um PowerPoint sobre alguns níveis de fala presentes em <i>Memorial do Convento</i> e registo oral; 	<ul style="list-style-type: none"> Fotocópias; PowerPoint 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta em aula de todas as atividades realizadas pelos alunos e respetivo registo (cf. apêndice); Observação direta em aula de todas as atividades realizadas pelos alunos e respetivo registo (cf. apêndice); 	<p>40' min</p> <p>30' min</p>

Mestranda: Tânia Ferreira Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva

<ul style="list-style-type: none"> •Consolidação de conteúdo gramatical: Modalidade. 	<p>reinvestimento dos conhecimentos adquiridos.</p> <ul style="list-style-type: none"> •Funcionamento da Língua consolidação dos conteúdos do 10º e 11º anos 	<ul style="list-style-type: none"> • Consolidação de conteúdo gramatical: <i>Modalidade</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> •Fotocópias; 	<ul style="list-style-type: none"> •Observação direta em aula de todas as atividades realizadas pelos alunos e respetivo registo (cf. apêndice); 	20' min
---	--	---	--	---	---------

Mestranda: Tânia Ferreira Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



Operacionalização	Tempo
<ul style="list-style-type: none">• A professora faz a chamada dos alunos;	5'
<ul style="list-style-type: none">• De seguida, escreve o sumário no quadro;	5'
<ul style="list-style-type: none">• A professora entrega aos alunos um questionário de interpretação de um excerto de <i>Memorial do Convento</i>;	5'
<ul style="list-style-type: none">• Seguidamente, explica aos alunos o conteúdo do excerto e pede-lhes para o dividirem em partes;	10'
<ul style="list-style-type: none">• No final da divisão, a professora dá 15 minutos para a realização do questionário de interpretação;	15'
<ul style="list-style-type: none">• Findo o questionário, a Professora, juntamente com os alunos, faz a correção;	15'
<ul style="list-style-type: none">• A professora projeta no quadro um <i>PowerPoint</i> sobre os registos e níveis de língua em <i>Memorial do Convento</i>;	10'
<ul style="list-style-type: none">• Solicita a 8 alunos que se voluntariam para identificarem as personagens apresentadas no <i>PowerPoint</i> e o nível de língua utilizado por essa personagem naquele excerto;	20'
<ul style="list-style-type: none">• A professora entrega uma ficha informativa sobre <i>Modalidade</i> e retoma este conteúdo gramatical;	10'
<ul style="list-style-type: none">• Posteriormente, a Professora pede aos alunos que façam os exercícios da ficha formativa para consolidarem a <i>Modalidade</i>.	10'

Mestranda: Tânia Ferreira Figueiredo
Orientadora: Rosário Andorinha Silva



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES
PORTUGUÊS – 12º G
Ano letivo 2013/2014

ORALIDADE PLANIFICADA
GRELHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM TRABALHO DE GRUPO

(5, 9 e 12 de dezembro de 2014)

	ADEQUAÇÃO AO TEMA	CAPACIDADE DE SUSCITAR INTERESSE	CAPACIDADE DISCURSIVA ¹	INTERAÇÃO DOS ELEMENTOS DO GRUPO	RESOLUÇÃO DE SITUAÇÕES IMPREVISTAS	GESTÃO DO TEMPO	CRIATIVIDADE	MATERIAIS ²	TOTAL
	40	20	40	20	10	10	30	30	200
Acílio	35	17	37	20	10	10	20	20	169
Ana Matilde	35	14	25	20	10	10	20	20	154
Ana Oliveira	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ana Rita Ramalho	30	16	25	20	10	10	20	20	151
Beatriz	30	12	15	20	10	5	20	20	132
Bruna	38	20	38	20	10	10	25	25	186
Carolina	38	20	39	20	10	10	25	25	187
Fay	30	15	20	20	10	10	20	20	145

¹ EXPRESSIVIDADE / DICÇÃO / COERÊNCIA / TOM / ENTOAÇÃO / RITMOS / ARTICULAÇÃO / VOCABULÁRIO

² UTILIZAÇÃO / VARIEDADE

Professora Rosário Andorinha (*orientadora*)
Tânia Figueiredo (*mestranda*)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES
PORTUGUÊS – 12º G
Ano letivo 2013/2014

ORALIDADE PLANIFICADA
GRELHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM TRABALHO DE GRUPO

Francisca Noronha	30	10	24	20	10	10	20	20	144
Gonçalo Bulhosa	20	10	25	15	10	10	20	20	130
Gonçalo Fernandes	35	15	30	20	10	10	20	20	160
Inês Vouga	30	10	18	10	10	10	20	20	128
Joana João	30	10	25	20	10	10	25	25	155
Joana Parente	35	15	38	20	10	10	20	20	168
Leonor Moura	30	10	30	20	10	10	20	20	150
Luís	30	15	25	10	10	10	20	20	140
Manuel	35	14	34	20	10	10	20	20	163
Maria Rego	35	14	25	20	10	5	20	20	149

Professora Rosário Andorinha (*orientadora*)
Tânia Figueiredo (*mestranda*)



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO DE PEDRO NUNES
PORTUGUÊS – 12º G
Ano letivo 2013/2014

ORALIDADE PLANIFICADA
GRELHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM TRABALHO DE GRUPO

Maria Dias	30	15	20	20	10	5	20	20	140
Maria Garrett	35	15	35	20	10	5	20	20	160
Maria Carmo	35	15	25	20	10	10	20	20	155
M. Lenor Almeida	25	15	25	20	10	10	20	20	145
M. Leonor Duarte	30	10	20	20	10	10	25	25	150
Miguel	38	10	10	20	10	10	25	25	148
Rita Ramalhal	25	15	35	20	10	10	20	20	155
Sara	35	15	25	20	10	10	20	20	155
Vera	35	10	10	20	10	10	20	20	135
Lourenço	20	10	25	15	10	10	20	20	130
Inês Mata	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Professora Rosário Andorinha (*orientadora*)
Tânia Figueiredo (*mestranda*)

COTAÇÕES DA PROVA		
GRUPO I		100 pontos
1.		20 pontos
2.		20 pontos
3.		20 pontos
4.		20 pontos
GRUPO II		50 pontos
GRUPO II.1		50 pontos
Elaboração temática e discursiva		10 pontos
Correção linguística		20 pontos
	Total	200 pontos



Escola Secundária C/3º Ciclo de Pedro Nunes
Disciplina: Português
Ano Letivo 2014/2015 – 3º Período
Turma: 12ºG

Autoavaliação

Nome: _____ Número: _____

Data: _____

Avalio as minhas atitudes/conhecimentos	Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre
Fui pontual					
Fui assíduo					
Estive atento					
Fiz os trabalhos de casa					
Fui organizado: caderno, registo e material para as aulas					
Demonstrei interesse pelos assuntos tratados					
Colaborei positivamente nos trabalhos					
Dei a minha opinião e respeitei a dos outros					
Procurei cultivar a amizade e entajuda					
Estudei diariamente os assuntos dados na aula					
Fui capaz de colocar questões em diferentes situações					
Tentei corrigir os meus erros					
Fui capaz de organizar e desenvolver o meu trabalho					
Participei corretamente nas atividades desenvolvidas					
Participei nas aulas de forma adequada					
Tomei iniciativa de apresentar novas ideias/propostas					
Aceitei críticas ao meu trabalho e/ou comportamento					
Relacionei-me bem com os colegas					
Fui correto no meu relacionamento com a professora.					
Respeitei as regras de funcionamento da aula					
Fui perseverante (não desisti perante as dificuldades)					
Adquiri conhecimentos					
Fui capaz de aplicar esses conhecimentos em provas					

Classificação 3º período

10ºano _____


11ºano _____

12ºano - avaliação final proposta:

Observações:

Orientadora: Rosário Andorinha Silva

Mestranda: Tânia Figueiredo

 ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES			Ano letivo 2014/2015 Data: ____/__/2015
Nome:	N.º	Ano:	Turno:

Ficha de Trabalho 1 (FT1): Análise e tradução do texto *In thermis*.

QUESTIONÁRIO

1. Indique o caso e a função sintáctica das seguintes palavras e/ou expressões:

1.1. *cenam* (linha 1) _____

1.2. *quas* (linha 1) _____

1.3. *corpus* (linha 2) _____

1.4. *notissimum athletarum* (linha 13) _____

2. Classifique as formas verbais

2.1. *desstringebantur* (linha3) _____

2.2. *ibat* (linha 5) _____

2.3. *sequebatur* (linha5) _____

2.4. *forens* (linha6) _____

2.5. *spectaret* (linha9) _____

3. Indique o tempo e modo verbais predominantes no texto. _____

4. Refira o antecedente do pronome relativo *quas* (linha 1). _____

5. Traduza o texto.

Vocabulário do texto *In thermis* (segundo 194 do manual *Novus Itineris*)

adventus, -tr, -ere, -uenti, -uentum (v. intr.): chegar.
calderius, -a, -um (adj.): relativo a calor; quente; de água quente.
contendo, -is, -ere, -endi, -entum (v.tr.): estender, pretender, obter.
desstrictarius, -ii: lugar de limpeza;
desstringo, -is, -ere, -stringi, -strictum (v.tr.): limpar.
exerceo, -es, -ere, -culi, -ctum (v.tr.): pôr em movimento, agitar.
lustralia, -ae: aquele que trata fricções, massagista.
eo, -is, -ire, -iui, -itum (v.intr. e tr.): ir (para junto de).
ostentans, -il [ostium] (m.): porteiro.
palaestra, -ae (f.): exercício de luta; ginásio.
paulisper (adv.): pouco tempo, durante pouco tempo.
pecunia, -ae (f.): riqueza, fortuna, pagamento.
plerique, -aeque, -aque: a maior parte; a maioria.
pugiles, -is (m.): pugilista.
salto, -is, -ire, -salui, -saltum: saltar.
sedeo, -es, -ere, -sedui, -sessum (v.tr.): sentar, estar sentado.
sequor, -eris, -sequi, -secutus sum (v.dep.): seguir, acompanhar, ir atrás de.
srigilis, -is (f.): (espécie de) almofada de limpeza.
tepidarium, -i (n.): sala de banho quente, tepidário.

Anexo 19

	ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES		Ano lectivo 2014/2015	
			Data: ____/____/2015	
Nome:	N.º	Ano:	Turma:	

Ficha Informativa 1 (FInf.1)

- I. Orações subordinadas substantivas completivas;
- II. Orações finitas e não finitas;
- III. Orações subordinadas (substantivas) completivas infinitivas;
- IV. Formação dos tempos do infinitivo latino.

I. Orações subordinadas substantivas completivas

Observe as seguintes frases:

1. *Agripa afirma que vai muitas vezes às termas;*
2. *Agripa crê que nas termas haverá mais e statues de atletas notáveis;*
3. *O escravo desejou que o seu corpo agradasse Cota.*

As frases acima transcritas podem ser divididas e classificadas da seguinte forma:



Ficha Informativa 1 (FInf. 1)

Página 1 de 4



Pelo exposto, verifica-se que os verbos das orações subordinantes são verbos declarativos (*affirma*), opinitivos (*crê*) e volitivos (*desejou*).

II. Orações finitas e não finitas

As orações subordinadas completivas podem ser seleccionadas pelo verbo, por um nome ou por um adjectivo, completando-os. Quando as orações subordinadas são finitas (= são as que têm o verbo numa forma finita, exceptuando as formas do infinitivo, do gerúndio e do participio passado), são, normalmente, introduzidas pelas conjunções subordinativas completivas *que* ou *se*:

- Eis *sei que tu não voltas.*
- Procura bem no caderno de Latim e diz-me *se tens os apontamentos de Latim.*

Quando são orações não finitas (= são as que têm o verbo numa forma não finita, ou seja, os verbos encontram-se no infinitivo – pessoal ou impessoal –, no gerúndio ou no participio passado), as orações subordinadas completivas são introduzidas directamente (i), por meio de uma preposição (ii) ou da conjunção *para** (iii):

- (i) - O teu filho já sabe *falar*.
- (ii) - Pensou *em desistir* do curso.
- (iii) - Pediu *para ficar sozinho* algum tempo.

* Considera-se *que* *para* e *em* conjunções quando introduzem orações completivas, mas não quando subordinações e ocorrem com outras conjunções.

Ficha Informativa 1 (FInf. 1)

Página 2 de 4

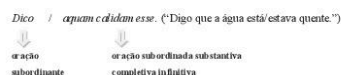
III. Orações subordinadas (substantivas) completivas infinitivas

Os verbos latinos seguintes exigem como complemento uma oração subordinada substantiva completiva. Agrupe-os pelo seu valor semântico

<i>velle</i>	<i>male</i>	<i>scire</i>
<i>sentire</i>	<i>putare</i>	<i>cupere</i>
<i>dicere</i>	<i>audire</i>	
<i>negare</i>	<i>narrare</i>	

volitivos	declarativos	opinitivos	sensitivos

Em Latim, a oração subordinada substantiva completiva integrante é também uma oração subordinada substantiva completiva designando-se infinitiva (e não completiva), porque o verbo surge sempre no infinitivo.



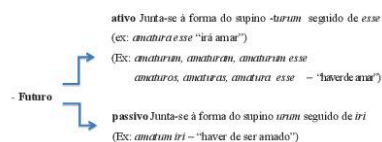
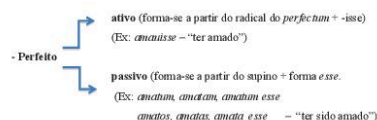
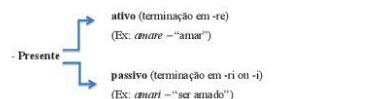
As orações subordinadas completivas infinitivas, em latim, caracterizam-se por ter:

- verbo no infinitivo (presente, perfeito ou futuro);
- sujeito da oração no acusativo.

Ficha Informativa 1 (FInf. 1)

Página 3 de 4

IV. Formação dos tempos do infinitivo latino (presente, perfeito e futuro)



Ficha Informativa 1 (FInf. 1)

Página 4 de 4

Anexo 20

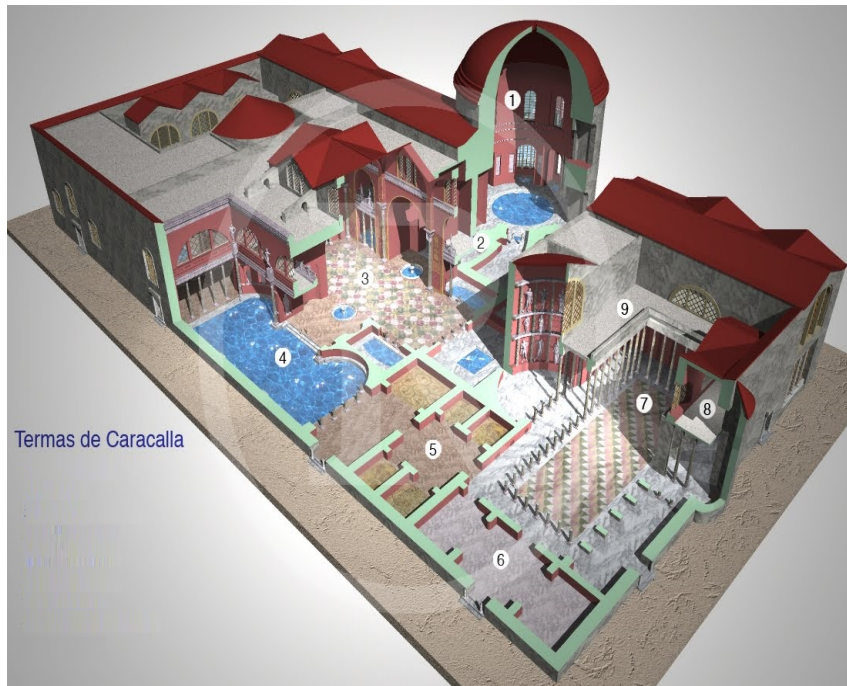
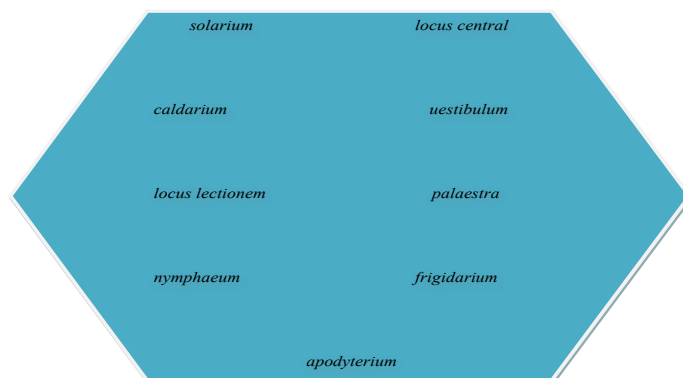


Figura 1: Termas de Caracala, em Roma (211-217 d.C.)



1- _____

6- _____

2- _____

7- _____


3- _____

8- _____

4- _____

9- _____

5- _____

 ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES			Data: 03/06/2015
Nome:	N.º	Ano:	Turno:

TESTE DE AVALIAÇÃO

TEXTO

Leia o texto e responda aos itens que se seguem. Se necessitar, consulte as notas apresentadas.

- 1 Saguntum Graeci ex insula Zacyntho projecti in Hispania condiderunt. Emeritum
- 2 Caesar Augustus aedificavit, postquam Lusitaniam et quasdam Oceani insulas cepit,
- 3 dans ei nomen ab eo quod ibi milites veteranos constitisset. Nam emeriti dicuntur
- 4 veterani solitque militiae. Olisipona ab Ulxe est condita et nuncupata. Hispalim
- 5 Caesar Iulius condidit, quam ex suo et Romae urbis vocabulo Iuliam Romulam
- 6 nuncupavit.

Isidoro, *Etymologiae, Liber XIV*

Notas: soluti (1.4) “lívres”, nuncupata (1.4) “designada”, ex suo vocabulo (1.5) “a partir do seu nome”.

GRUPO I

1. Identifique o caso e a função sintática de:
 - 1.1 ex insula (1.1) ablativo singular / complemento circunstancial de lugar donde
 - 1.2 Olisipona (1.4) nominativo singular / sujeito de est condita e de nuncupata
 - 1.3 ab Ulxe (1.4) ablativo singular / complemento agente da passiva
 - 1.4 Hispalim (1.4) acusativo singular/ complemento direto de condidit.

2. Classifique, de modo completo, as formas verbais seguintes, enunciando o verbo a que pertencem:

- 2.1 condiderunt (1.1) 3ª pessoa do plural, Pretérito Perfeito do Indicativo, voz ativa, verbo condo, -is, -ere, -didi, -ditum.
- 2.2 dans (1.3) participio presente do verbo do, -das, dare, dedi, datum, nominativo, singular, masculino [tem como referente Caesar Augustus].
- 2.3 dicuntur (1.3) 3ª pessoa do plural, Presente do Indicativo, voz passiva, do verbo dico, -is, -ere, dixi, -dictum.
- 2.4 est condita (1.4) 3ª pessoa do singular, Pretérito Perfeito do Indicativo, voz passiva, do verbo condo, -is, -ere, -didi, -ditum.

3. Classifique a oração “quod ibi milites veteranos constitisset” (1.3).

Oração subordinada circunstancial causal.

GRUPO II

Traduza o texto.

Gregos vindos da ilha de Zacinto fundaram Sagunto na Hispânia. César Augusto edificou Emerita (Mérida), depois que tomou a Lusitânia e algumas ilhas do Oceano, dando -lhe esse nome a partir do facto de aí ter estabelecido os soldados veteranos, pois dizem-se eméritos os veteranos e os retirados do serviço militar / as tropas mais velhas e já livres do serviço militar. Olisipo (Lisboa) foi fundada e designada por Ulisses. Júlio César fundou Hispalis (Sevilha), a qual designou Júlia Romula a partir do seu nome e do [nome] da cidade de Roma.

GRUPO III

1. Associe a cada caso na coluna A a expressão da coluna B que lhe corresponde.
Utilize cada número e cada letra apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(1) Genitivo do plural e) (2) Ablativo do plural c) (3) Nominativo do singular b)	a) milites veteranos b) miles veteranus c) militibus veteranis d) milites veterani e) milium veteranorum

2. Escreva a seguinte frase na voz ativa:
“*Olisipona ab Vixe est condita et muncipat*” (1.4)
Vixes Olisiponam condidit et muncipavit.

3. Escreva as seguintes expressões no plural.
3.1 *ex suo vocabulo* (1.5) *ex suis vocabulis.*
3.2 *Juliam Romulam* (1.5) *Julias Romulas.*

4. Escreva em Latim:
“Muitas cidades portuguesas mantêm diversos vestígios da presença dos romanos.
Ainda hoje podemos ver casas de campo, estátuas, termas, pontes, aquedutos e
muitos outros vestígios que nos falam desse passado.”

*Multae insularum urbes plurima / innumerabilia vestigia praesentiae Romanorum
servant. Adhuc videre possumus villas, statuas, thermas, pontes, aqueductus / aquae
ductus et multa alia vestigia quae nobis de isto praeterito tempore loquuntur.*

GRUPO IV


1. Indique duas palavras portuguesas etimologicamente relacionadas com
insular (1.1). *Ilhéu, ilha, insular.*

2. Selecione, em cada um dos itens seguintes, o vocábulo que, pela sua
etimologia, *hão* se relaciona com a palavra latina apresentada.

2.1 <i>nomen</i> (1.3)	2.2 <i>militiae</i> (1.4)
(A) nomenclatura	(A) militar
(B) denominação	(B) milícia
(C) numeroso	(C) milhar
(D) cognominar	(D) militante

3. Escreva, enunciando, um verbo e um adjetivo latino da família do
vocábulo *militia*.
Verbo: milito, -as, -are, -avi, -atum.
Adjetivo: militaris, e.

4. Transcreva do texto o vocábulo que se relaciona etimologicamente com
cada uma das palavras portuguesas seguintes:
4.1 Agosto: *Augustus* (1.2)
4.2 Vocabulário: *vocabulo* (1.5)

			Data: 03/06/2015
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES			
Nome:	N.º	Ano:	Turma:

Ficha de Trabalho 1 (FT1) - CORRECÇÃO

Leia o texto e responda aos itens que se seguem.

O texto que vai ler apresenta dois homens que marcaram a guerra contra os Romanos na Península Ibérica: **Viriato**, que congregou à sua volta muitos povos para a guerra na Lusitânia, e **Sertório**, general romano que tentou constituir um Estado independente na **Hispania**.

- 1 *Viriatus per quattuordecim annos Romanos duces atque exercitus protulit, sed insidiis suorum interfectus est. In hoc solo Romani circa eum fortiter egerunt quod*
- 2 *percussores eius indignos praemio indicant.* [...] *Sertorius, Sullan, fugiens ex*
- 3 *Africa dilapsus in Hispaniam, bellicosissimas gentes in arma excitavit. Adversus*
- 4 *hunc duo duces missi sunt.*

Orosio, *Historiae adversus paganos*, Liber V (algumas alterações)

Nota: *indicant* (1.3) = *indicaverunt*.

- 1. Indique e justifique o caso em que se encontram:
 - 1.1 *duces* (1.1): Acusativo do plural / complemento direto de *protulit*.
 - 1.2 *insidiis* (1.2): Ablativo do plural / complemento circunstancial de meio.
 - 1.3 *Romani* (1.2): Nominativo do singular / sujeito de *egerunt*.
 - 1.4 *praemio* (1.3): Ablativo do singular, complemento do adjetivo *indignos* (que se constrói com ablativo, sem preposição).
 - 1.5 *gentes* (1.4): Acusativo do plural / complemento direto de *excitavit*.
- 2. Identifique as seguintes formas verbais:

- 2.1 *protulit* (1.1): 3.ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, na voz ativa do verbo *protulero*, -is, -ere, -trulit, -trulum.
- 2.2 *interfectus est* (1.2): 3.ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, voz passiva, verbo *interficio*, -is, -ere, -feci, -fectum.
- 2.3 *indicant* (1.4): 3.ª pessoa do plural, pretérito perfeito do indicativo, voz ativa, verbo *indico*, -as, -ere, -avi, -atum.
- 2.4 *fugiens* (1.3): Particípio presente do verbo *fugio*, -is, -ere, *fugi, fugitum*, nominativo, singular, masculino [tem como referente *Sertorius*].
- 2.5 *missi sunt* (1.5): 3.ª pessoa do plural, no pretérito perfeito do indicativo, voz passiva, verbo *mitto*, -is, -ere, *mihi, missum*.
- 3. Escreva a seguinte frase na voz passiva:
Viriatus [...] Romanos duces atque exercitus protulit. (1.1)
Romani duces atque exercitus a Viriato protulit sunt.

- 4. Decline no singular e no plural a expressão seguinte:

CASOS	Singular	Plural
Nominativo	Romanus dux atque exercitus	Romani duces atque exercitus
Vocativo	Romane dux atque exercitus	Romani duces atque exercitus
Acusativo	Romanum ducem atque exercitum	Romanos duces atque exercitus
Genitivo	Romani duceis atque exercitus	Romanorum ducum atque exercituum
Dativo	Romano duci atque exercitui	Romanis ducebus atque exercitibus
Ablativo	Romano duce atque exercitu	Romanis ducebus atque exercitibus

- 5. Indique palavras portuguesas etimologicamente relacionadas com:
 - 5.1 *annos* (1.1): ano; anual; anuário...
 - 5.2 *praemio* (1.3): prémio; premiado; premiar...
 - 5.3 *fugiens* (1.4): fugir; fugitivo; fugida...
 - 5.4 *duces* (1.3): duque; ducado; ducal...

6. Selecione, em cada um dos itens seguintes, os vocábulos que, pela sua etimologia, não se relacionam com a palavra latina apresentada.

6.1. *bellicosissimas* (1.4)

- a) beligerante;
- b) **belo**;
- c) belicoso;
- d) bélico;

6.2. *duces* (1.1)

- a) ducado;
- b) **duque**;
- c) **ducentésimo**;
- d) ducal.


7. Traduza o texto.

Viriato venceu os generais e os exércitos Romanos durante catorze anos, mas foi assassinado por traição dos seus. Os Romanos comportaram-se corajosamente a seu respeito apenas numa coisa: é que consideraram os seus assassinos indignos de recompensa. Setório, fugindo a Sula e escapando de África para as Hispânicas, chamou às armas as tribos mais belicosas. Contra ele foram enviados dois generais.

Bene labora, magno cum gaudio.

Prof. Tania Figueiredo | 03 de junho de 2015

Anexo 23


	ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES	
	Ano letivo 2014/2015	Latim A 11.º ano Turma: L
	Objetivos da Ficha de Trabalho 1 (FT1)	Professora: Tânia Figueiredo

Objetivo de avaliação

A Ficha de Trabalho 1 (FT1) tem como objetivo ajudar os alunos no estudo para a Prova de Exame Nacional de Latim (código 732), e consequentemente prepará-los para que consigam obter bons resultados.

Objetivos	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ler o texto latino de forma correta, refletindo sobre o seu conteúdo; ✓ Identificar corretamente os casos e as funções sintáticas; ✓ Transformar frase ativa para a passiva; ✓ Identificar vocábulos etimologicamente relacionados com étimo latino; ✓ Consolidar o estudo das declinações; ✓ Reprodução fiel do sentido do texto latino em português, com correção linguística. 	<p>Civilização e Cultura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expansão e alargamento do Império; - A Romanização da Hispânia; - A ocupação e a resistência dos povos locais. <p>Funcionamento da língua:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Casos e funções sintáticas; - Verbos; - Voz ativa e voz passiva; - Declinações.

Anexo 24

	ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES		Ano lectivo 2014/2015
			Data: ____/02/2015
Nome:	N.º	Ano:	Turma:

Ficha de Trabalho 2 (FT2): voz activa e voz passiva + orações infinitivas + etimologia

QUESTIONÁRIO

1. Transforme as frases seguintes na voz activa e/ou voz passiva consoante os casos.
 - 1.1. Agripa filiis in thermam uocatus est.
 - 1.2. Milites corpora in ginasio exercebant.
 - 1.3. Domini a serius a oleo destrictari erant.
 - 1.4. In palaestra athletae multas statuas notissimorum uidente.
2. Escreva em Latim:
 - 2.1 Agripa diz que exercitava e cuidava do corpo nas termas.
 - 2.2 Os atletas notáveis eram louvados pelos Romanos nas termas com estátuas.
3. Apresente palavras portuguesas etimologicamente relacionadas com os seguintes vocábulos latinos:
 - 3.1 *solebant* (linha 1)
 - 3.2 *ferens* (linha 6)
 - 3.3 *paruum* (linha 7)
 - 3.4 *spectaret* (linha 9)